



PUC
RIO

DENISE B. PORTINARI

A CRÍTICA FREUDIANA DA SUGESTÃO

TESE DE DOUTORADO

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO, 24 DE ABRIL DE 1998**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 P852c TESE UC
Título A crítica freudiana da sugestão



Ex.1 PUCB

0132829

DENISE B. PORTINARI

A CRÍTICA FREUDIANA DA SUGESTÃO

Tese de Doutorado

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 20 de março de 1998

DENISE B. PORTINARI

A CRÍTICA FREUDIANA DA SUGESTÃO

**Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Doutor em Psicologia Clínica.**

**Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Co-Orientador: Octavio Almelda de Souza**

**Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 20 de março de 1998**

UC-00074053-1



250
P852C
FESE UC

Para meus avós

Meus agradecimentos:

A Ana Maria Nicolaci-da-Costa, minha orientadora, por ter acompanhado este percurso desde o início; pelo incentivo e pela confiança; sobretudo, pela grande liberdade de pensamento e de ação que sabe preservar para si e conceder aos outros.

A Otávio de Souza, co-orientador, por tudo: a presença firme, a generosidade, o humor, a lucidez, a exigência temperada pelo incentivo.

Ao CNPq pelo financiamento deste trabalho.

Aos professores, colegas e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC -RJ, pelo estímulo de seu convívio. A Marise e Verinha, pelo apoio eficiente e a calma e bom-humor constantes.

A minha mãe, Maribel, por todas as maneiras em que colaborou para a realização deste trabalho; por todo o carinho dessa colaboração.

A Alexandre Belfort, por ser meu interlocutor de todas as horas e assuntos; pelo prazer de sua companhia; por nossas discussões e descobertas.

A João Carlos, irmão querido e Macintosheiro de primeira, por sua colaboração indispensável.

A Yolande Lisboa, por ter ajudado a tornar possível o que parecia impossível.

A Téia, pela irradiação constante de luminosidade e afeto.

A meu pai, João Cândido, pelo incentivo e o carinho de sempre e o aconselhamento providencial.

Ao Projeto Portinari, pelo auxílio nas emergências impressoriais. A Márcia, Daniela, Rose e Elisa, pelo apoio e boa-vontade.

A Fatima, pela inspiração de sua presença.

RESUMO

Esta tese propõe o reconhecimento de uma “crítica freudiana da sugestão” e uma análise de seus desdobramentos e implicações. Defendemos essa proposição e efetuamos essa análise através de um estudo dos textos da obra de Freud que abordam o tema da sugestão . Nossa pesquisa comprova que essa abordagem toma a forma de uma problematização consistente dos pressupostos envolvidos na utilização da noção de sugestão como princípio explicativo dos fenômenos psíquicos e da técnica sugestiva como método terapêutico. Demonstramos também, através da pesquisa de fontes históricas secundárias, que esses usos da sugestão foram desenvolvidos e parcialmente legitimados no decorrer da história dos impasses encontrados pela razão científica em sua tentativa de constituir o psiquismo como objeto de seu discurso e de inclui-lo, como objeto, em seu campo de operação. Partindo dessa contextualização, nossa análise procurou apontar que a crítica da sugestão, em Freud, representa também uma problematização dessa inclusão . Apontamos ainda que Freud desenvolve essa crítica através de uma argumentação baseada no critério da *eficácia* . O reconhecimento dessa fundamentação da crítica freudiana da sugestão coloca a questão da natureza singular da eficácia postulada pelo método psicanalítico. Discutimos essa questão à luz de recentes formulações sobre a substituição do argumento técnico de Freud por um argumento do tipo ético.

ABSTRACT

This dissertation proposes an acknowledgement of Freud's critique of suggestion and an analysis of its major developments and implications. This proposal was carried out through an extensive study of Freudian texts dealing with the subject of suggestion. Our research demonstrates that Freud produced a consistent questioning of the presuppositions involved in the uses of the idea of suggestion as an explanatory principle applied to psychological phenomena and of suggestive technique as a therapeutic method. We also demonstrate, through a study of secondary historical sources, that such uses of suggestion were developed and partially legitimized throughout the history of scientific reason in its attempt to constitute the psyche as an object of its discourse and of including this object within the scope of scientific inquiry and operations. Based on this contextualization, we point out that Freud's critique of suggestion unfolds as a questioning of the efficacy of this enterprise. We further point out that this development, in turn, poses a question concerning the specificity of psychoanalytic efficacy. This issue is discussed in the context of recent developments concerning the substitution of Freud's efficacy-based arguments for arguments based on ethical claims. |

SUMÁRIO

1 - Introdução	1
2 - A História da Sugestão	11
3 - A Crítica Freudiana da Sugestão	45
4 - Discussão e Conclusão	104
Referências Bibliográficas	136

1 - INTRODUÇÃO

Esta é uma anedota publicada na seção de horóscopos do *Village Voice* em maio de 96:

“Definição de:

- *Ciência: Procurar um gato preto num quarto escuro.*
- *Filosofia: Procurar um gato preto num quarto escuro onde não há gato preto algum.*
- *Psicanálise: Procurar um gato preto num quarto escuro onde não há gato preto algum - e encontra-lo. “*

Podemos entender essa anedota de duas maneiras: primeiro, como mais uma formulação da acusação segundo a qual a psicanálise “não passa de uma sugestão.” Em outras palavras, segundo uma formulação mais sofisticada, que “o tratamento analítico não passa do emprego científico das condições de tempo e espaço necessárias para que a sugestão seja eficaz em nossa cultura.”¹ Mas também podemos tentar entender essa mesma anedota de outra maneira: como uma descrição adequada daquilo em que a psicanálise se diferencia da sugestão. Para isso, temos que supor que não se trata de introduzir o gato preto onde ele não está, mas de restituir o gato a partir do qual esse quarto se define como sendo “o quarto escuro onde não há gato preto”. Que espécie de operação é essa? Talvez possamos responder a essa e outras perguntas semelhantes no decorrer deste trabalho.

¹Donnet, J.-L. “La Suggestion comme Concept”, in *Entretiens Psychiatriques* no. 9, Toulouse Privat, 1963,pg.116, em Chertók, L. e Stengers, I. *O Coração e a Razão - a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Jorge Zahar editora, R.J. 1990 pg. 241

Por enquanto, a anedota dada acima servirá apenas para apontar o ponto de partida do presente trabalho, que foi a constatação de que a noção de “sugestão” desempenha um papel importante e controverso no que concerne a *fundamentação* e a *legitimação* da teoria e prática psicanalítica. De um lado, temos inúmeras críticas que dizem sempre a mesma coisa, ainda que de diversas maneiras: “isso não passa de sugestão”. De outro lado, temos o fato de que o campo psicanalítico é frequentemente definido em função da exclusão da sugestão; o próprio Freud foi o primeiro a defini-lo nesses termos e a datar o nascimento da psicanálise a partir do ato inaugural representado por essa exclusão, que também é utilizada no sentido de assinalar uma diferenciação do método psicanalítico em relação às demais formas de terapia.

Feita essa constatação, a primeira pergunta que poderia surgir é: afinal, a psicanálise é ou não é fundamentada na sugestão? Mas essa é justamente a pergunta que este trabalho procura não formular. Em vez disso, ele se ocupou de perguntas que essa, primeira, deve suscitar: qual é o papel efetivamente desempenhado pela sugestão na psicanálise, segundo a teoria psicanalítica? Qual é o sentido da palavra “sugestão” nesse contexto? Qual é o tratamento dado por Freud a esse tema, e quais são as razões que o levam a ocupar-se disso?

As investigações preliminares conduzidas em função destas perguntas levaram a uma nova constatação, ou ao que constitui a “hipótese de trabalho” desta tese: O tratamento dado por Freud ao tema da sugestão não pode ser reduzido a uma estratégia defensiva; a “exclusão da sugestão” não é propriamente uma exclusão, mas uma transformação das condições em que sua inclusão é aceitável; enfim, o que se pode discernir nos textos de Freud é a formulação de uma *crítica*

da sugestão, que abarca tanto o uso instrumental das técnicas sugestivas quanto a utilização da noção de sugestão como princípio explicativo dos fenômenos psíquicos, e que visa sobretudo os pressupostos implícitos nestas formas, instrumentais ou teóricas, da utilização da sugestão.

Aqui, cabe destacar que a diferença deste trabalho em relação à maioria daqueles que se ocupam do assunto está exatamente nessa proposta. Em geral, o tratamento dado por Freud à sugestão é recordado como sendo um “ato de exclusão”, fundamental para a história da psicanálise, na medida em que serve para circumscrever o campo psicanalítico e para diferenciar o método psicanalítico das demais formas de terapia. Essa leitura - que é certamente a mais disseminada - privilegia portanto o aspecto estratégico do tratamento freudiano do tema, e concentra-se sobre a exclusão do uso instrumental da sugestão. Mas muita coisa fica esquecida aí: primeiro, o fato de que a crítica de Freud dirige-se *também* ao uso explicativo da sugestão; segundo, que suas considerações sobre o uso instrumental da sugestão não visam uma exclusão radical do elemento sugestivo, mas sim uma modificação nos pressupostos desse uso; finalmente, que Freud preocupa-se também em questionar o significado da palavra “sugestão” e procura desvendar aquilo que o seu uso encobriria, ou seja, procura explicar em que consistiria isso que é chamado de “sugestão”. Procuro resgatar aqui esses aspectos que, acredito, autorizam-nos a propor a abordagem freudiana da sugestão como uma “crítica” no sentido mais formal do termo.

A partir dessa constatação, foi possível situar com mais precisão o objeto dessa “crítica freudiana da sugestão”. A que se dirige essa crítica? Como foi dito, a determinados usos da sugestão e aos pressupostos em que implicam. E, embora esses usos sejam os usos comuns que a linguagem autoriza, eles também pertencem a um determinado contexto

histórico que os reforça e legitima. Ou seja, a utilização da sugestão como instrumento terapêutico e da noção de sugestão como princípio explicativo dos fenômenos psíquicos é uma utilização que tem um desenvolvimento histórico, e esse desenvolvimento encontrava-se em um determinado patamar na época em que Freud começa a elaborar o método psicanalítico. A “explicação pela sugestão” havia sido legitimada pela razão científica, e o uso deliberado de técnicas sugestivas já podia pleitear um lugar entre os recursos empregados pelos médicos no tratamento de doentes, especialmente aqueles que sofriam de males nos quais se suspeitava que a “sugestionabilidade” desempenhava um papel decisivo. Na verdade, o recurso à sugestão e à noção de sugestionabilidade desempenhou um papel importante na história da determinação da possibilidade de inclusão da idéia de “causalidade psíquica” no campo da razão. A crítica de Freud se dirige justamente aos pressupostos que fazem com que essa inclusão só seja possível pela via do recurso à sugestão. O que está em jogo, aí, são as concepções de ‘psiquismo’ e de “causalidade psíquica” que informam tais pressupostos, e que se apresentam como obstáculos às novas concepções que Freud procura introduzir.

Nesse sentido, a crítica freudiana da sugestão pode ser considerada como uma crítica *epistêmica*. Mas, dado que a psicanálise não é apenas teoria, mas também - e, segundo Freud, sobretudo - uma prática apoiada em um método, a dimensão epistêmica dessa crítica não é a sua “razão de ser”, não é aquilo que a fundamenta e justifica. A ‘razão’ dessa crítica é formulada por Freud em termos de uma *eficácia*. Tanto os usos - terapêutico e explicativo - da sugestão quanto os pressupostos em que esses usos implicam, são criticados primordialmente como “ineficazes”. Os critérios que determinam essa

avaliação são também aqueles que fundamentam o método psicanalítico, esse método que consiste em encontrar o gato preto no quarto escuro onde não há gato preto. Trata-se portanto de uma eficácia singular, comparada às eficácias tradicionais da razão. O que produz essa singularidade é o fato de que o campo do “psiquismo” é redefinido pela psicanálise como o campo das relações do sujeito com seu desejo, sendo que essas relações são normalmente inacessíveis à razão consciente do indivíduo. O método psicanalítico visa possibilitar uma interrogação destas relações, e esse objetivo norteia a sua eficácia. A investigação da crítica freudiana da sugestão passa inevitavelmente, portanto, por uma consideração sobre essa eficácia e sobre aquilo que a singulariza; ou pelo menos esse foi o caminho percorrido pelo presente trabalho.

Assim, esta investigação do que proponho como “a crítica freudiana da sugestão” comporta diversos aspectos, que correspondem à divisão dos capítulos do trabalho:

1) No primeiro capítulo, procurei examinar a “história da sugestão”, ou seja, a história da legitimação dos usos instrumental e explicativo da sugestão pela razão científica. Essa história é também a história da utilização terapêutica e investigativa da hipnose, que constituiu a via através da qual a sugestão tornou-se um recurso para a explicação e o tratamento das manifestações psíquicas. Aliás, esta é também uma parte da história da tentativa de inclusão do psiquismo no campo da razão científica. Neste capítulo, procuro apontar quais são, como se constituíram e como se disseminaram os usos da sugestão a que Freud se refere em sua crítica.

2) No segundo capítulo, exponho as principais passagens da obra de Freud que abordam o tema da sugestão, procurando apontar os

elementos que configuram a “crítica freudiana da sugestão”. Essa exposição inclui os aspectos mais disseminados dessa abordagem - aqueles que concernem a “exclusão da sugestão instrumental” do método psicanalítico - quanto aqueles que, a meu ver, tendem a ficar esquecidos nessa disseminação: a crítica do uso explicativo da sugestão, as nuances envolvidas na crítica do seu uso instrumental, e o exame empreendido por Freud do termo e daquilo a que ele se aplicaria.

No decorrer desta exposição, procuro apontar o aspecto *epistêmico* presente nas diversas instâncias dessa crítica, sem deixar de destacar a subordinação dessa “episteme” a uma “praxis”, ou seja, sem esquecer que o motor dessa crítica é, explicitamente, a avaliação daquilo que a prática psicanalítica propõe como sua eficácia.

Todavia, tanto o primeiro quanto o segundo capítulo são principalmente “descritivos”, na medida em que limitam-se a apontar alguns aspectos do material apresentado, ficando a discussão das implicações desses aspectos reservada para o capítulo final.

3) O terceiro e último capítulo procura discutir as “razões” dessa crítica, ou seja, seus fundamentos e pressupostos. Num primeiro planejamento deste trabalho, esse capítulo deveria incluir outros autores na discussão. Mas o que efetivamente ocorreu foi que decidi limitar a inclusão à obra conjunta de dois autores: L. Chertók e I. Stengers, autores de *O Coração e a Razão*. Essa decisão deveu-se ao fato de que a referida obra já empreende uma análise dos argumentos de todos os autores que eu pretendia incluir - e que são aqueles que se ocuparam das relações entre a psicanálise freudiana, a hipnose e a sugestão. Uma vez que já havia uma obra dedicada a essa análise, pareceu-me desnecessário repetir a exaustiva investigação empreendida na mesma. Em vez disso, preferi partir das observações oferecidas pelos autores sobre essas diversas

contribuições. Detive-me particularmente em uma dessas observações: a de que uma das mais recentes posições adotadas em relação ao tema - as razões da exclusão da sugestão, em Freud - consiste em procurar substituir o argumento *técnico* de Freud por um argumento do tipo *ético*. A discussão empreendida no terceiro capítulo desenvolve-se a partir dessa proposta.

Cabe ressaltar que tanto Chertók e Stengers quanto os autores por eles examinados discutem o tema a partir daquilo que estou chamando de “leitura mais disseminada”, ou seja, aquela que privilegia a exclusão da sugestão como ponto central das formulações de Freud sobre o assunto. Mas é preciso acrescentar que, no que concerne *O coração e a razão*, essa leitura torna-se extremamente abrangente, na medida em que, se os autores entendem tal exclusão como uma medida técnica e estratégica, eles concebem essa técnica e essa estratégia como parte do processo de elaboração e fundamentação de um método científico. Portanto, embora tenha objeções a fazer sobre alguns aspectos importantes de sua abordagem - inclusive sobre a caracterização do método psicanalítico como uma cena laboratorial - escolhi esses autores também porque sua leitura converge com a proposta deste trabalho em um ponto fundamental: o reconhecimento da dimensão e das implicações do problema da sugestão na obra freudiana.

Resta acrescentar uma observação sobre as “razões” deste trabalho. Elas vão um pouco além daquilo que constitui seu objetivo formal, que é o de propor o reconhecimento de uma crítica freudiana da sugestão e de seus desdobramentos e implicações. Esse objetivo foi delimitado *a posteriori*, no decorrer de uma investigação que visava, inicialmente, descobrir aquilo que a psicanálise tinha a dizer sobre a

sugestão. Porque interessar-se por isso? Essa é uma história que começa na elaboração de minha dissertação de mestrado.

Essa dissertação, intitulada *O discurso da homossexualidade feminina*,² consistiu em uma investigação de diversas instâncias discursivas que, segundo a proposta defendida ali, produzem e sustentam um “imaginário da homossexualidade feminina” e que fazem desse imaginário o local de constituição de um “sujeito” dessa homossexualidade. As fontes desse discurso não obedeciam a nenhuma delimitação pré-estabelecida, uma vez que a orientação escolhida para a seleção dessas fontes era a de “buscar esse discurso lá onde ele estivesse - sendo que poderia estar em qualquer parte, ou em qualquer fala que se autorizasse a falar sobre a homossexualidade feminina”. O que interessava ali era acompanhar a movimentação dessas falas na produção de um imaginário e de um sujeito “que era oferecido ao indivíduo como algo ao qual ele podia colar.” Mas algo era deixado propositalmente de fora: aquilo que levava o indivíduo a essa adesão ao discurso- ou seja a toma-lo para si, a definir-se como homossexual e/ou a vivenciar essa ‘homossexualidade’ de acordo com as figuras e tramas desse imaginário. Interessava apenas o que era oferecido ao indivíduo, o “convite” do imaginário discursivo. Essa exclusão tinha a seguinte justificativa: era impossível especular sobre o processo de adesão do indivíduo sem que essa especulação se transformasse imediatamente em mais uma instância do discurso que produzia tal imaginário. Na verdade, boa parte das instâncias daquilo que chamei “o discurso da

² Essa dissertação foi desenvolvida durante o Curso de Mestrado em Psicologia da PUC-R.J., sob orientação da Profa. Ana Maria Nicolaci da Costa, e defendida, em 1988, perante banca composta pela orientadora, a Profa. Anamaria Ribeiro Coutinho (PUC-R.J.) e a Profa. Sandra Azeredo (UFBH). Mais tarde, foi publicada como: Portinari, D. *O Discurso da Homossexualidade Feminina*, Ed. Brasiliense, S.P., 1989.

homossexualidade feminina” consiste justamente em especulações dessa natureza, i.e., em “explicações” sobre aquilo que leva alguém a “tornar-se homossexual” e sobre a natureza dessa homossexualidade. Ainda por esse motivo, a abordagem psicanalítica da homossexualidade feminina só foi considerada nesse trabalho como mais uma “fala” produtora do imaginário discursivo. Se bem que não deixei de acrescentar aí uma ressalva, sob a forma de um pós-escrito, no sentido de que a psicanálise representava um problema especial, pois se por um lado ela efetivamente participava da constituição de um “discurso da homossexualidade feminina”, por outro lado ela possivelmente também fazia alguma coisa além disso, na medida em que fornecia instrumentos - como a própria noção de “imaginário” que permitiam um certo recuo em relação ao discurso. E a coisa ficou por aí.

Ou talvez não tenha ficado. O fato é que, algum tempo depois da publicação da dissertação, comecei a me fazer perguntas justamente sobre o elemento excluído na mesma: a adesão do indivíduo ao convite do discurso. Essa indagação tomou a forma de um questionamento sobre a possibilidade de formular uma reflexão sobre essa adesão sem recair necessariamente em uma nova produção discursiva. Com isso, comecei a refletir sobre a natureza do “convite” do discurso: a primeira coisa que me ocorreu foi perguntar se isso, afinal, “não passava de uma sugestão”.

Essa pergunta ultrapassava a questão da constituição de um imaginário da homossexualidade feminina; era, na verdade, uma pergunta sobre os limites e possibilidades da própria análise do discurso e seu pressuposto de que o sujeito é o sujeito do discurso, ou seja, de que a constituição da subjetividade se dá integralmente ao nível do discurso. Ou melhor, a pergunta é maior ainda: trata-se de saber se o sujeito é só subjetividade - por mais paradoxal que isso possa parecer. O

paradoxo se esclarece, ainda que não se desfaça, se recordamos a pergunta que permanece não-respondida nesse pressuposto: como se dá a adesão do indivíduo- que, afinal, ainda existe - a essa subjetividade, a esse imaginário, a esse discurso? A resposta tradicional envolve a afirmação de que ‘o sujeito é constituído pela linguagem’ - mas como sustentar essa afirmativa de outra maneira que não seja acreditando, como Bernheim, que “tudo está na sugestão”?

Convenhamos: um “convite” é endereçado a alguém - que pode responde-lo, ou não. Por mais que se leve em conta a sedução do convite - como procurei fazer na dissertação de mestrado - não podemos converter automaticamente essa sedução em fato consumado. Tal conversão é precisamente aquilo que a noção de “sugestão” simultâneamente promove e mascara.

Esse tipo de mascaramento é o que Freud vai denunciar em sua crítica da sugestão. Assim, fiz a descoberta de que a psicanálise poderia, afinal, ser incluída em meu trabalho sobre o “discurso da homossexualidade feminina”, ou pelo menos nos questionamentos que formulei, após a sua conclusão, sobre os limites da abordagem que eu havia empregado em sua elaboração. Todavia tive que constatar também que o exame daquilo que a psicanálise tinha a dizer sobre esses questionamentos, ou seja, dos modos pelos quais Freud problematiza a sugestão na teoria psicanalítica, já constitui em si mesmo um trabalho de dimensões consideráveis. Por isso, limitei-me aqui a focalizar exclusivamente essa crítica “em si mesma”, sem empreender uma articulação com as questões levantadas a partir da minha dissertação de mestrado. Exponho-as nesta introdução apenas para indicar que elas constituem a “pré-história” deste trabalho, deixando que a sua possível articulação com o que é tratado aqui permaneça como um horizonte do

mesmo. E, talvez, para solicitar ao leitor que mantenha esse horizonte em mente, no decorrer de sua leitura.

Uma última palavra de esclarecimento: o leitor deve ter notado que até aqui não foi oferecida qualquer definição do termo “sugestão”. Essa omissão é proposital, e deve-se ao fato de que a “imprecisão” e a “ambiguidade” do termo são características que a crítica freudiana aponta e discute. Qualquer definição que fôsse oferecida aqui teria que ser acompanhada por uma ressalva nesse sentido, o que implicaria em uma antecipação dessa discussão que é empreendida no texto freudiano, como veremos no segundo capítulo.

Em suma, este trabalho propõe um reconhecimento dos diversos aspectos da “crítica freudiana da sugestão” e uma avaliação de algumas de suas implicações no que concerne a fundamentação do método psicanalítico. Em se tratando do método que encontra o gato preto no quarto escuro aonde não há gato preto algum, espero que o exame dessa crítica e de suas implicações permita que possamos entender essa anedota em outro sentido que não apenas aquele segundo o qual “isso não passa de sugestão”. Ou, pelo menos, que possamos apreciar melhor tudo o que está envolvido nesse tipo de afirmativa.

2 - A História da Sugestão

Este capítulo consiste em uma revisão da história dos usos instrumentais e explicativos da sugestão que constituirão o objeto da crítica freudiana. A pergunta que procuramos responder aqui é: como se deu a constituição e a legitimação ou a disseminação desses usos? Ou como foi que a sugestão tornou-se uma noção que servia para fundamentar as tentativas de explicação dos fenômenos do psiquismo e como tornou-se um instrumento terapêutico?

O fio condutor dessa "história da sugestão" é aquela que se inicia na aventura do mesmerismo e se desenvolve em função das tentativas do pensamento científico para dar conta do fenômeno da hipnose e outras manifestações daquilo que começa a se constituir como o campo do psiquismo. Portanto, a história da sugestão, tal como a expomos aqui, é também a história da hipnose e da constituição do psiquismo como objeto da razão científica.

As fontes consultadas para a elaboração desta exposição são : Mesmerism and the end of the enlightenment in France, do historiador R. Darnton; A história da psicanálise na França - a batalha dos cem anos , da psicanalista E. Roudinesco; Freud's early theory of the neuroses , do historiador da medicina K. Levin; o artigo "The chain of reason versus the chain of thumbs", do paleontólogo e historiador da ciência S.J. Gould; o ensaio "Going Unconscious", de Jonathan Miller; O coração e a razão - a hipnose de Lavoisier a Lacan , de L. Chertók e I. Stengers; os escritos autobiográficos de Freud. Quase todas são fontes secundárias, salvo os escritos de Freud e a reprodução de fragmentos dos textos originais de

Mesmer e de seus discípulos (em Darnton), Braid (em Miller), Charcot e Bernheim (em Levin), e do Relatório dos Comissionários do Rei (em Darnton, Gould e Chertók e Stengers).

Como foi dito, essas fontes foram consultadas e serviram para elaborar esta reconstituição; o leitor não encontrará aqui nada que se assemelhe a uma revisão bibliográfica da historiografia do tema. Para efetuar esta bricolage , escolhi deliberadamente essas fontes entre obras de autores pertencentes a diversos campos (medicina, biologia, história dos costumes, história da ciência e psicanálise), que visam objetivos e utilizam abordagens bastante diferenciados entre si. Assim, por exemplo, Gould aborda a história da investigação do mesmerismo pelos Comissionários do Rei como "uma vitória da razão científica sobre o obscurantismo", enquanto Darnton focaliza nessa mesma história os aspectos libertários do movimento mesmérico e o obscurantismo que imperava no cerne do próprio iluminismo do séc. XVIII. A utilização de abordagens tão diversas serviu para limitar a influência que qualquer uma dentre elas poderia ter sobre a versão que apresento aqui. E, nos casos - raros - em que as diferenças de abordagem produzem duas versões francamente conflitantes do mesmo fato, ambas as versões foram incluídas no texto.

Cabe repetir que, embora o fio condutor desta história seja a história do hipnotismo e das relações da razão científica com esse e outros fenômenos que começam a ser entendidos como "psíquicos", nosso objetivo ao conta-la é o de apontar nela os papéis que vão sendo atribuídos à noção de "sugestão". Mas, uma vez que os contextos e processos através dos quais se desenvolvem essas atribuições envolvem uma série de acontecimentos, cenários, personagens, discussões, descobertas, denúncias e outras idas e vindas da história, optei também

por deixar ocasionalmente esse objetivo em segundo plano, a fim de não interromper o fio narrativo e poder fornecer uma descrição que fizesse jus à complexidade do tema.

2.1 - O Movimento de Mesmer

Podemos nos reportar a um documento histórico que constitui, muito provavelmente, a primeira ocasião em que a sugestão é invocada pelo discurso científico oficial como causa ou razão de determinados comportamentos e/ou fenômenos psíquicos: trata-se do Rapport des commissaires chargés par le Roi de l'examen du magnetisme animal. Mais adiante, apresentaremos uma descrição mais pormenorizada do conteúdo e das circunstâncias que levaram à elaboração deste documento. Por ora, basta assinalar que a sugestão é nele invocada como sendo a "verdadeira explicação" dos fenômenos atribuídos pelo mesmerismo ao "magnetismo animal". Todavia, é uma explicação sobre a qual os relatantes não se detêm; ao afirmar que os efeitos do mesmerismo "não passavam de efeito da sugestão", os comissionários davam a questão por encerrada. Mas qual era a questão? É o que trataremos de relatar a seguir, ao seguirmos a aventura do mesmerismo.

Franz Anton Mesmer nasceu em 1734 na aldeia de Iznang, perto de Constança. Recebeu uma educação filosófica dos Jesuítas locais e estudou medicina em Viena, aonde formou-se em 1766, ao conseguir que a faculdade de medicina aprovasse a "mistura de astrologia e Newtonianismo" que ele apresentou como sua tese de doutorado. Essa tese, intitulada De planetarium influx, versava sobre a influência da gravidade celeste sobre a fisiologia humana. Tal influência, comparável

àquela supostamente exercida pela Lua sobre as marés, seria responsável por diversos fenômenos fisiológicos, tal como a periodicidade de determinadas doenças.

Todavia, era preciso explicar o processo através do qual tal influência operava; um meio de transmissão entre os astros e os corpos. Na mesma tese, Mesmer procurava explicar a transmissão dessa influência através da existência hipotética de um "fluido imponderável", uma substância imaterial cuja distribuição universal garantiria a ação à distância. O bloqueio desta substância afetaria o bom funcionamento da fisiologia humana, causando o surgimento de doenças cuja cura dependeria do reestabelecimento do fluxo e da restauração de seu curso harmonioso.

Mesmer não previu, inicialmente, quaisquer aplicações práticas de sua teoria. Logo, todavia, associou-se a um astrônomo Jesuíta que conduzia experimentos clínicos bem-sucedidos com a aplicação terapêutica de pedras magnéticas. A operação terapêutica consistia em passar imãs poderosos sobre os membros de pacientes afetados por males diversos. Através deste processo, Mesmer julgou ter encontrado um meio de exercer sobre o fluido imponderável presente nos corpos uma força localizada comparável à da gravidade dos astros.

A manipulação do fluido através de imãs era um processo que já continha, em embrião, o cerne daquilo que viria a constituir o processo de "mesmerização". Mas Mesmer só deu o passo decisivo no estabelecimento de seu método ao tomar conhecimento das curas operadas pelo curandeiro J.J. Gassner, que operava através daquilo que os espíritas chamariam de "passes". Sob a influência de Gassner, ele aprendeu que podia efetuar as mesmas curas ao manipular o Fluido magnético através do simples toque, sem o auxílio de imãs. Mesmer

anunciou então que havia descoberto uma forma até então não-identificada de magnetismo, cuja manipulação não requeria o uso de metais imantizados.

Essa nova forma de magnetismo era resultado do fato de que o fluido imponderável universal provocava, no corpo animal, efeitos alternativos, pois "ao se insinuar ali na substancia dos nervos, afetava-os imediatamente"; além disso, esse fluido "se manifesta particularmente no corpo humano, que apresenta propriedades semelhantes às do imã", tornando-o "suscetível à influência dos corpos celestes, e da ação recíproca dos outros corpos que o rodeiam". Essa propriedade dos corpos, ou seja, o modo particular pelo qual o fluido universal neles operava em virtude da presença de tecido nervoso e da capacidade do corpo de funcionar como um imã, foi denominada por Mesmer de magnetismo animal.³

A prática do magnetismo animal, ao invés do "magnetismo mineral", não foi bem recebida pela faculdade de medicina de Viena, e Mesmer partiu para Paris, aonde se estabeleceu e deu início ao movimento mesmérico, descrito por Darnton (1968) como "a maior voga da década de 1780 em Paris".

Mesmer chegou a Paris em fevereiro de 1778, com cartas de apresentação para pessoas importantes, e estabeleceu sua primeira cuba ("cuba mesmérica") em um apartamento da Place Vendôme, aonde deu início às sessões de cura através do magnetismo animal.

³ Darnton, R. *Mesmerism and the end of the Enlightenment in France*. Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1968. pg. 47

Essas sessões, inicialmente, processavam-se mais ou menos da seguinte maneira: O paciente sentava-se de frente para o mesmerista (primeiro, apenas Mesmer desempenhava esta função, mas não tardou a arrebanhar e treinar inúmeros adeptos que exerciam o mesmo papel), com os joelhos presos entre os joelhos deste, os corpos próximos, olhos nos olhos. O mesmerista corria os dedos por todo o corpo do paciente, procurando localizar os polos dos "pequenos imãs" que compunham o grande imã do corpo como um todo. A pressão dos dedos do mesmerista sobre esses pontos teria o efeito de ativar a circulação do fluido "bloqueado", reestabelecendo assim o seu fluxo desimpedido. A técnica requeria muita habilidade, pois os pequenos imãs deslocavam-se constantemente; o melhor meio de estabelecer um "rapport" inicial com o paciente era o de concentrar-se em imãs mais estáveis, como os dos dedos e do nariz, evitando áreas como o polo norte, no topo da cabeça, que recebia fluido mesmérico das estrelas, e o polo sul, na sola dos pés, que eram receptadores naturais do magnetismo terrestre. Os mesmeristas preferiam concentrar-se no "equador" do corpo, ao longo do abdômen. Segundo Darnton, esta prática estimulava o falatório sobre a licenciosidade das sessões.

O efeito mais visível e imediato deste método de manipulação do magnetismo animal, bem como dos novos métodos criados a partir do aumento considerável no número de pacientes, era a entrada do paciente em transes e/ou convulsões. Era uma cena espetacular, sem dúvida, e mais espetacular se tornou com a introdução dos novos métodos. Estes, que foram sendo criados à medida em que o influxo de pacientes impossibilitava o tratamento "tête à tête", requeriam o uso de cubas metálicas, que ficaram conhecidas como "cubas mesméricas".

Essas cubas eram como grandes banheiras de madeira e ferro, rodeadas de hastes do mesmo material, e cheias de água "magnetizada". Os participantes agrupavam-se ao redor da cuba, cada um segurando uma das hastes na mão esquerda. Aqueles que não conseguiam acomodar-se junto à cuba dispunham-se em fileiras concêntricas atrás dos primeiros, e todos agarravam firmemente o polegar esquerdo do vizinho mais próximo, formando assim uma "corrente magnética". Havia também uma corda trançada em torno do grupo, reforçando a passagem da corrente. A sala era decorada com cortinas pesadas, estranhos sinais astrológicos, e vários espelhos em disposição estratégica, que permitiam a todos a visão de tudo o que se passava. Havia um acompanhamento musical, tocado em instrumentos de sopro, pianoforte e carrilhões de vidro, que supostamente direcionavam e concentravam as emanções do Fluido "solto" no ambiente. A primeira entrada em transe ou convulsões era logo sucedida por outras e mais outras. Havia salas especiais, recobertas de colchões nos pisos e paredes, para onde os assistentes carregavam os pacientes atingidos por crises mais violentas. Para os corpos e espíritos mais renitentes, aqueles que permaneciam ainda em estado inalterável apesar de toda a mobilização magnética ao seu redor, havia um último recurso: dirigia-se a ele Mesmer em pessoa, com sua estatura imponente, longas barbas e manto de tafetá violeta, empunhando a vareta mesmérica, com a qual procurava "injetar" o fluido no corpo do paciente.

Nem todas as curas mesméricas desenrolavam-se nesse ambiente; talvez para mostrar que não se interessava exclusivamente pelos pacientes da elite rica e pagante, Mesmer promoveu a magnetização de árvores em locais públicos, nas quais os destituídos podiam tratar-se gratuitamente e al fresco.

Por mais extravagante que todo esse cenário possa parecer aos olhos mais céticos ou mais avisados do leitor moderno, cabe lembrar, como ressalta Darnton, que o mesmerismo correspondia perfeitamente aos interesses e crenças dos franceses instruídos na década de 1780:

" Science had captivated Mesmer's contemporaries by revealing to them that they were surrounded by wonderful, invisible forces: Newton's gravity, made intelligible by Voltaire; Franklin's electricity, popularized by a fad for lightning rods and by demonstrations in the fashionable lyceums and museums of Paris; and the miraculous gases of the Charlières and Montgolfières that astonished Europe by lifting man into the air for the first time in 1783. Mesmer's invisible fluid seemed no more miraculous and who could say that it was less real than the phlogiston that Lavoisier was attempting to banish from the universe, or the caloric he was apparently substituting for it, or the ether, or the 'animal heat', the 'inner mold', the 'organic molecules', the fire soul, and the other fictitious powers that one meets like ghosts inhabiting the dead treatises of such respectable eighteenth-century scientists as Bailly, Buffon, Euler, La Place, and Macquer. Frenchmen could read descriptions of fluids very like Mesmer's under the articles 'fire' and 'electricity' in the *Encyclopédie*. If they desired inspiration from a still greater authority, they could read Newton's description of 'the most subtle spirit which pervades and lies hid in all gross bodies', in the fantastic last paragraph of his *Principia* (1713 edition) or in the later queries of his *Opticks*".⁴

Mas foi esse mesmo espírito do século, tão chegado aos grandes "sistemas" especulativos quanto ao empiricismo e à experimentação, que a um tempo preparou o caldo propício ao florescimento do mesmerismo e forneceu os elementos para a sua derrocada.

⁴ Segundo o texto das vinte e sete proposições nas quais Mesmer condensou a sua teoria do magnetismo animal, publicadas no final de sua *Mémoire sur la découverte du magnetisme animal* (Geneva, 1779). Reproduzidas em Darnton (1968).

A história do exame e denúncia da teoria e prática mesméricas efetuada por uma delegação de cientistas comissionada pelo Rei de França é contada por Stephen Jay Gould, em um ensaio apropriadamente intitulado *The chain of reason versus the chain of thumbs*.

Gould relata que a voga mesmérica atingiu tal ponto que Luís XVI foi persuadido a estabelecer uma Comissão do Rei em 1784 para avaliar as alegações do magnetismo animal.⁵ Segundo ele:

⁵ Gould, S.J. "The chain of reason versus the chain of thumbs", em *Bully for Brontosaurus*, Penguin, 1992 pgs-1182-197.

Cabe ressaltar que Gould, interessado em celebrar a vitória da razão sobre o obscurantismo, não detalha os fatos que presumivelmente levaram as autoridades a tomarem tal medida. Darnton (1968), mais interessado em situar o movimento mesmérico no contexto das idéias e interesses da época do que em defender qualquer posição contra ou a favor da razão científica, fornece esses detalhes com fartura. Entre eles, devemos citar a insistência do próprio Mesmer em chamar a atenção dos médicos e cientistas para a sua doutrina - insistência expressada em inúmeras cartas e convites à Academia de Ciências e à Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Essas manifestações foram largamente ignoradas pelas instituições em questão, mas Mesmer conseguiu converter um adepto importante. Charles Deslon, doutor regente da faculdade e médico do Comte D'Artois, logo seguido por trinta jovens doutores. A subsequente expulsão de Deslon causou um tremendo impacto nos meios acadêmicos e na opinião pública. Mesmer, ofendido pelo desprezo acadêmico, anunciou que abandonaria os ingratos franceses às suas doenças, abandonando o País e as curas. Ao que a própria rainha entrevistou, possivelmente influenciada por cortesãos mesmeristas como o Comte de Ségur, fazendo com que Maurepas e outros oficiais do governo negociassem com Mesmer a oferta de uma pensão vitalícia do governo francês no valor de 20.000 livres, e outras 10.000 livres anuais para o estabelecimento de uma clínica. Outros importantes adeptos do mesmerismo reuniram-se em torno do mestre em 1782; Nicolas Bergasse e Guillaume Kornmann, respectivamente um importante filósofo-advogado de família comercial abastada de Lyons e banqueiro de Strasbourg, fundaram a Société de l'Harmonie Universelle, cujos doze membros fundadores comprometiam-se a pagar uma taxa de iniciação de 100 luíses cada. Essa sociedade, após um novo pagamento de 2400 luíses, receberia de Mesmer a permissão para divulgar a doutrina mesmérica em benefício da humanidade. Em 1789 a Société de Paris contava 430 membros, e havia formado filiais nas cidades de Strasbourg, Lyons, Bordeaux, Montpellier, Nantes, Bayonne, Grenoble, Dijon, Marseilles, Castres, Nimes, Douai, e mais uma dúzia. A posse e difusão da doutrina mesmérica por tantos burgueses e nobres enamorados da ciência popular, do ocultismo e das idéias revolucionárias - mistura bem comum no universo da época - produziu milhares de panfletos e manifestos que tendiam cada vez mais para uma "leitura" da doutrina na qual o mesmerismo figurava como estandarte contra a opressão do academicismo e do autoritarismo em geral. Em 1784, quando o *Journal de Bruxelles* indagava se o mesmerismo "em breve tornar-se-ia a única forma universal de medicina", o governo começava a se inquietar, sobretudo porque a Polícia de Paris havia submetido um relatório secreto no qual denunciava que alguns mesmeristas

"The commission was surely stacked against Mesmer, but it proceeded with scrupulous fairness and thoroughness. Never in history has such an extraordinary and luminous group been gathered together in the service of rational inquiry by the methods of experimental science. For this reason alone, the Rapport des commissaires chargés par le Roi de l'examen du magnétisme animal is a key document in the history of human reason. It should be rescued from its current obscurity, translated into all languages, and reprinted by organizations dedicated to the unmasking of quackery and the defense of rational thought".

Essa comissão era composta por cinco doutores eminentes da faculdade de medicina, incluindo Guillotin, e cinco membros da Academia de Ciências, incluindo Bailly, Lavoisier, e Benjamin Franklin. O governo designou também uma segunda comissão, composta por cinco membros da instituição rival da faculdade, a Sociedade Real de Medicina, cujos membros condenaram o mesmerismo em um relatório separado. Mas foi a primeira a mais famosa e a que mais chamou atenção para o caso. A investigação deparou-se imediatamente com uma dificuldade: Mesmer recusou-se a colaborar, pois os comissionários recusaram-se a fundar a investigação sobre o exame da legitimidade das curas obtidas pelo magnetismo, preferindo ater-se à questão da legitimidade da alegada existência do fluido magnético. Raciocinavam os comissionários que não seria possível comprovar ou desmentir a legitimidade das curas, que poderiam dever-se a inúmeras causas; cabia-lhes apenas comprovar ou desmentir a causa alegada pela doutrina mesmérica.

mesclavam idéias políticas revolucionárias a seus discursos pseudocientíficos. Portanto, não eram só a extravagância e a alegada licenciosidade das sessões os motivos de preocupação das autoridades.

Esse obstáculo foi rapidamente contornado com a oferta de colaboração de Charles Deslon, ex-regente da faculdade de medicina convertido ao mesmerismo e mais importante adepto de Mesmer, na época. A colaboração de Deslon provocou sua ruptura com Mesmer e o primeiro dos vários cismas que viriam a abalar o movimento mesmérico, mas garantiu o sucesso da investigação.

Os comissionários conduziram a sua investigação sob a égide do método experimental e guiados pela seguinte proposição básica: "O magnetismo animal pode muito bem existir sem ter qualquer utilidade, mas não pode ser útil se não existir." Todavia, era difícil comprovar a existência de um fluido que, segundo os mesmeristas, era inteiramente desprovido de atributos tangíveis ou mensuráveis. Portanto, esse eminente grupo de cientistas via-se na difícil posição de tentar testar a existência de um fluido desprovido de propriedades físicas.

Assim, a comissão reconheceu a necessidade de examinar o fluido através de seus efeitos, ao invés de através de suas propriedades. Esses efeitos eram de dois tipos: as curas, e as manifestações imediatas (transes sonambúlicos, convulsões, arrepios, desmaios, etc.). Ora, a testagem das curas já havia sido descartada, pelas razões dadas acima. Assim, os comissionários dispuseram-se a efetuar seu exame focalizando os efeitos imediatos atribuídos ao fluido.

Com a ajuda de Deslon, que explicou-lhes todos os princípios e procedimentos da doutrina mesmérica e facultou-lhes a entrada nas sessões, os cientistas botaram mãos à obra. Inicialmente, tentaram magnetizar-se a si mesmos, sem resultado. Depois, durante algumas horas em vários dias seguidos, sentaram-se em torno da cuba de Deslon, obedientemente agarrando as hastes metálicas e os polegares uns dos outros. Ninguém sentiu coisa alguma.

Reconhecendo que o seu fracasso não provava grande coisa, já que 1) nenhum dos comissionários estava doente, e era possível que a técnica mesmérica operasse apenas em pessoas acometidas por bloqueios magnéticos, e 2) que o ceticismo dos comissionários podia estar impedindo um estado de espírito receptivo, a comissão elaborou novos experimentos.

Primeiro, apoiados em um pressuposto típico do ancien régime, escolheram sete sujeitos das classes destituídas, acometidos de males diversos, e submeteram-nos ao magnetismo; escolheram também sete sujeitos adoentados das classes superiores para o mesmo procedimento, raciocinando que o segundo grupo, mais "esclarecido" ou "dotados de mais luzes", seria menos suscetível ao poder da sugestão.

Os resultados aparentemente favoreceram a hipótese da sugestão como fator responsável pelas crises: Dos quatorze sujeitos testados, apenas cinco notaram quaisquer resultados, e apenas três destes - todos provenientes das classes "baixas" - experimentaram algo parecido com uma crise.

Os comissionários decidiram então que, através destes preliminares, haviam conseguido reduzir a investigação a uma única questão, adequada à resolução pelo método experimental: As crises inegavelmente induzidas pelos mesmeristas podiam ser causadas por dois fatores: o poder psicológico da sugestão ou a ação física do fluido. O método experimental requeria que as duas possíveis causas fossem separadas em uma situação controlada. Ou seja, os sujeitos deveriam ser expostos ao poder da sugestão sem serem magnetizados, e deveriam ser magnetizados sem a ação da sugestão.

Em uma série de experimentos elaborados principalmente por

Lavoisier e conduzidos na casa de Franklin em Passy, os comissionários efetuaram as separações. Por exemplo: fizeram magnetizar uma de cinco árvores do jardim, e convidaram um jovem, indicado por Deslon como particularmente sensível ao magnetismo, para abraçar cada uma delas, sem saber qual era a árvore magnetizada. Ele foi-se agitando a cada árvore, tombando inconsciente aos pés da quarta; mas apenas a quinta havia sido magnetizada por Deslon. Vendaram os olhos de uma mulher e disseram-lhe que Deslon estava no mesmo quarto, enchendo o ambiente de magnetismo; ele não estava sequer na mesma casa, mas a mulher caiu em convulsões. Deram vários copos cheios de líquido intocado a uma outra, dizendo que estavam magnetizados; ela rolou no chão em crise após o quarto copo; ao recobrar-se da crise, pediu água, e Lavoisier ofereceu-lhe, sem comentários, um copo de água previamente magnetizada por Deslon; ela bebeu tranquilamente. E assim por diante.

A comissão concluiu, a partir de um grande número de experimentos semelhantes, que não havia qualquer evidência da existência do fluido mesmeriano e que todos os seus supostos efeitos podiam ser atribuídos à "força da imaginação", sendo as crises causadas pela sugestão.

Lavoisier encerrou o relatório da investigação e de sua conclusão com uma análise das razões subjacentes às "vogas de irracionalismo" que periodicamente assolam as sociedades humanas, ou seja, das razões da eficácia da sugestão. Essas razões são: primeiro, o cérebro humano não parece ser bem equipado para o pensamento racional; este requer muito treinamento e condições favoráveis ao seu desenvolvimento, não sendo alcançável pela média da população.

Segundo, quaisquer que sejam os poderes de raciocínio dos homens, estes são sempre prisioneiros de suas esperanças. Portanto,

propensos a acreditar até naquilo que a razão desmente, contanto que corresponda aos seus anseios. ⁶

É interessante constatar que os cientistas da comissão não se detiveram para considerar seriamente o próprio poder da sugestão, ou para indagar em que consistia esse fenômeno. A sugestão explicava os efeitos do mesmerismo, mas o que explicava a sugestão? A análise final de Lavoisier não chega a enunciar essa pergunta; ela supõe que já se sabe o que é a sugestão: uma manifestação do irracionalismo que predomina na humanidade, e uma consequência das esperanças e crenças a que os homens se aferram. Mas também é interessante pensar que essa segunda afirmativa contém em embrião aquilo que a psicanálise irá reformular em termos do desejo - só que tal reformulação implicará em uma transformação radical nas relações entre "razão" e "desrazão".

Em todo caso, a sequência da história varia, conforme o historiador. Segundo Gould, os resultados da investigação e sua publicação no famoso relatório tiveram por consequência imediata a derrocada do mesmerismo:

" Lavoisier, Franklin and colleagues conclusively debunked Mesmer by applying the tools of their experimental craft, tried and true(...) The mesmerists never recovered, and their leader and namesake soon hightailed it out of Paris for good (...) Just a year after the commission's report, Thomas Jefferson, replacing Franklin as American representative in Paris, noted in his journal: 'animal magnetism dead, ridiculed' (...)" ⁷

⁶ Gould, S.J. (1992) pg.195

⁷ Gould, S.J. (1992) pg. 190

Mas o historiador R. Darnton não expressa a mesma opinião; segundo ele, o relatório "apenas fez com que os mesmeristas fervessem em defesa de sua causa, a causa da humanidade, segundo eles, contra um conchavo de acadêmicos operando em seus próprios interesses". Quantidades de panfletos foram emitidas, contendo sempre os mesmos argumentos: a comissão havia exposto seu preconceito ao recusar-se a investigar o mesmerismo "ortodoxo" (recordemos que Deslon havia se retirado da sociedade de Mesmer); a imaginação por si só não poderia produzir os efeitos extraordinários da mesmerização; a comissão havia negligenciado o aspecto mais importante do mesmerismo, i.e., as centenas de curas alcançadas; de qualquer maneira, nada poderia ser mais letal do que a medicina convencional. Darnton nota que o simples volume da massa de panfletos atesta o grau das paixões despertadas. Sobre o comentário de Jefferson, Darnton nota ainda que:

" Mesmerism was far more alive than Jefferson realized, for it continued strongly until the Revolution. (...) On December 11, 1784, the Journal de Bruxelles reported on the resiliency of Mesmer's doctrine: It whitstands even the most biting shafts of ridicule. If the capital makes merry with the truly comic scenes of the tub, the provinces have taken them seriously,; that's where the really heated practitioners are. Judging from the accounts of cures that poured out of local mesmerist centers, the proviencs carried the main impetus of the movement from 1786 to 1789." ⁸

⁸ Darnton, R. () pgs. 64-66

Cabe ainda assinalar, embora sem aprofundarmo-nos na questão, que algumas facções e personalidades do movimento mesmérico estiveram ativamente envolvidos na história da Revolução. Citemos como exemplo apenas duas passagens dessa história: Uma é a constituição do movimento Girondino em torno de Brissot, um dos dois mais importantes discípulos de Mesmer (o outro é Bergasse), cuja "releitura" da doutrina mesmérica serviu de base para as formulações do referido movimento (derrotado pelos Jacobinos entre 1793 e 1794); outra é a denúncia, proclamada pelo próprio Brissot, de uma suposta conspiração "contra-revolucionária" liderada por Mme. Thomassin, uma aristocrata pertencente à facção "sonambulista" do movimento mesmérico - a conspiração visava "implantar" um programa reacionário na mente do Rei, por meio da mesmerização.

Após a Revolução, as diversas interpretações místicas da doutrina mesmérica que floresceram ao final do séc. XVIII influenciaram numerosos movimentos, círculos e sociedades espiritualistas da Europa. O Mesmerismo também continuou a inspirar teóricos políticos, e não apenas conservadores místicos mas também liberais e socialistas utópicos, como Charles Fourier e Saint-Simon, Pierre Leroux e Robert Owen. Enquanto isso, a facção ortodoxa do mesmerismo - representada pela Sociedade Universal da Harmonia, fundada por Mesmer e Bergasse - foi presidida sucessivamente por Bergasse, Puységur, J.P.F. Deleuze e o Barão de Potet. A Sociedade foi dissolvida em 1789 mas renasceu em 1815, sob Puységur, com o nome de "Société du Magnétisme", e foi oficialmente reorganizada em 1842. Durante a década de 1850, sob o comando de du Potet, os devotos reuniam-se duas vezes por semana em

salas sobre o restaurante Frères Provenceaux no Palais Royal. A nova organização, de acordo com o espírito mais burguês da época, funcionava em horário comercial, administrava diligentemente os seus fundos e publicava mensalmente um Journal du magnétisme (20 volumes, 1845-1861). Segundo Darnton, "o renascimento do magnetismo incitou novamente seus inimigos naturais, os médicos e cientistas ortodoxos, que mais uma vez o combateram com as armas do ridículo e das comissões acadêmicas". O último desses embates ocorreu em 1837: após um relatório desfavorável emitido por mais uma comissão, a academia ofereceu um prêmio de 5000 francos a qualquer mesmerista que pudesse "ler sem usar os olhos". Em 1840, todos os concorrentes haviam fracassado, e a academia finalmente recusou-se a dar mais atenção ao mesmerismo, relegando-o ao limbo das questões inúteis como a quadratura do círculo. Todavia, o mesmerismo teve mais sorte em outras paragens. Pela metade do século, as variedades do fluidismo e do sonambulismo eram estudadas seriamente através da Europa. Pouco antes de sua morte em 1815, Mesmer havia autorizado o estabelecimento de um curso mesmerista na Universidade de Berlim. Na Inglaterra, James Braid havia iniciado a investigação da indução hipnótica. Na França, médicos franceses, liderados por J.M. Charcot, utilizavam o hipnotismo em experimentos clínicos bem-sucedidos que atraíam e influenciavam jovens doutores que vinham ali completar a sua formação.

2.2 - A difusão do sonambulismo mesmérico e o Hipnotismo de Braid

Dentre os muitos episódios da história do mesmerismo, Darnton cita como um dos mais "espetaculares" a descoberta ou redescoberta da hipnose induzida pelos irmãos Chastenet de Puységur. O Marquês de Puységur, seguidor de Mesmer, fundador de uma das sociedades de província e membro da sociedade parisiense (que viria a presidir, sucedendo Bergasse), praticava o mesmerismo, junto com seu irmão, em sua mansão de Buzancy. Um dia, ao mesmerisar um jovem pastor, os irmãos constataram que este caiu em um sono profundo, levantou-se, andou e conversou de acordo com as ordens que lhe davam. Logo, os irmãos aprenderam a reproduzir esse estado de "sonambulismo mesmérico" em diversos pacientes, com os quais conseguiam obter notáveis efeitos. Descobriram, por exemplo, que os pacientes sonâmbulos podiam enxergar dentro de suas vísceras, diagnosticar a própria doença e prever a data de sua cura. Descobriram também que os pacientes podiam comunicar-se com os mortos. Pelo outono de 1784 o Marquês de Puységur estava mesmerizando em grande escala, com o apoio entusiástico dos oficiais em Bayonne, e , circulavam por toda a nação relatos de seus feitos nessa área, bem como das curas obtidas através do mesmerismo "ortodoxo" que ele também continuava a praticar.

O sonambulismo de Puységur atraiu para o movimento mesmérico muitas pessoas de inclinação mística, que hesitavam diante do "materialismo" da doutrina mesmérica mais estrita. A sociedade mesmerista de Lyons, sob a liderança do Chevalier de Barberin, adotou radicalmente essa forma de mesmerismo, criando um cisma com os

"fluidistas", uma vez que a técnica aperfeiçoada por Barberin dispensava a agência de qualquer espécie de fluido. Essa técnica permitia localizar a doença do paciente sem tocá-lo, através das "sensações" emitidas pelo sonambúlico ao mesmerista.

O sonambulismo foi eventualmente adotado por todas as sociedades e facções mesmeristas como uma variante da técnica "maior" do magnetismo - e continuou a ser assimilado também por diversas correntes místicas e espiritualistas - assim permanecendo até os eventos que descreveremos a seguir.

Primeiro, será preciso expor o processo de difusão do mesmerismo em solo britânico. Desde 1786, o mesmerismo florescia na Inglaterra, através de praticantes locais que faziam circular seus inevitáveis panfletos e proclamavam aos sete ventos suas assombrosas curas. Embora conquistasse adeptos e pacientes, o magnetismo animal não ganhou ali muita notoriedade; além disso era visto com a desconfiança que merecia, na época, tudo o que fôsse francês. Mas, em 1836, a visita de um importante magnetista francês, o Barão Dupotet, deflagrou um dos muitos episódios escandalosos e controversos que pontuam a história do mesmerismo.

Pouco antes da chegada de Dupotet, aconteceu que John Elliotson, médico prestigioso, amigo de Dickens e de Thackeray, havia sido designado para a Cadeira de Medicina do University College, em Londres. Paralelamente às suas distintas contribuições para a clínica médica, Elliotson cultivava interesses filosóficos, preocupava-se com os grandes temas da Vida e da Morte, e freqüentemente desnor-teava seus colegas

mais ortodoxos ao apoiar causas suspeitas. Era, por exemplo, presidente e fundador da Sociedade Londrina de Frenologia. Movido por esse espírito, Elliotson recebeu o mesmerista visitante, assistiu à sua primeira palestra, e logo convidou-o a conduzir novas demonstrações em suas próprias enfermarias no University College.

Jonathan Miller, nossa fonte para esta parte da história do mesmerismo, comenta que:

"... poucos locais poderiam ser menos adequados para esse tipo de experimento. As enfermarias públicas de um hospital de caridade do século XIX estavam repletas de pacientes dependentes e impressionáveis, e uma vez que Elliotson não tomou qualquer precaução como as dos Comissionários de quarenta anos antes, os resultados foram, enganosa e previsivelmente, os mais favoráveis. As pacientes encenaram aquilo que era esperado delas, e a pantomina de crises, convulsões e curas seguiu seu curso. Quando o visitante se despediu, Elliotson havia se tornado um adepto evangélico do magnetismo animal, e nas enfermarias hospitalares sob sua jurisdição, reinou daí por diante uma atmosfera fervilhante de entusiasmo mesmérico." ⁹

Como Elliotson logo passasse a oferecer demonstrações públicas com os pacientes mais suscetíveis na sala de conferências do hospital, a situação chegara a um ponto tal que o Conselho Universitário não podia mais ignorá-la. Elliotson foi intimado a cessar tais demonstrações. Ele se recusou, cheio de indignação, alegando que ele e Mesmer haviam identificado uma nova força da natureza, e que ao demonstrar sua influência para o público instruído, estava prestando um enorme serviço à humanidade. As autoridades não se deixaram persuadir, e Elliotson

⁹ Miller, J. "Going Unconscious", em *The New York Review of Books*, 20 de abril de 1995, vol. XLII, nº 7. pgs. 59 -66

apresentou a sua resignação do cargo. Todavia, continuou a manter uma bem-sucedida prática clínica particular e, livre das restrições do mundo acadêmico, sustentou uma prática magnética paralela à da medicina convencional. Além disso, fundou e editou um periódico, *The Zoist*, dedicado às causas da frenologia e do mesmerismo. Esse periódico, bem de acordo com o espírito mesmérico, não se limitava aos inevitáveis relatos de cura magnética e de descrições frenológicas de crânios notáveis, enchendo o restante de seus espaços com a defesa conspícua de causas liberais, tais como a reforma penal, a abolição da pena capital, a necessidade de educação dos trabalhadores, etc. Mesmo sem a sua prestigiosa cadeira, Elliotson continuou a usufruir de uma vida profissional próspera, com um amplo círculo de amigos e admiradores. Até 1850 seu nome permaneceu como sinônimo do mesmerismo britânico e durante toda a sua vida continuou a advogar a interpretação "magnética" (fluídica) do fenômeno mesmérico.

A difusão do mesmerismo em solo britânico fez-se assim sob a égide do fluidismo, combatido pelo mundo acadêmico e ardorosamente defendido por personalidades como Elliotson. Mas a prática do sonambulismo tinha ali também o seu espaço, ainda que na versão parisiense ou mais ortodoxa, i.e., o transe sonambúlico era induzido através da magnetização e entendido como um dos efeitos do fluido. Foi assim que, em novembro de 1841, o cirurgião escocês James Braid teve a oportunidade de assistir a uma demonstração mesmérica que incluía a indução do transe sonambúlico:

" It was in a mood of irritable skepticism that the Scottish surgeon James Braid attended a public demonstration of Animal Magnetism - in which people were said to fall into trances - on the night of

November 13, 1841. From everything he had read and heard about the trances that occurred at the bidding of the operator - the person who induced the trances - he reports that he was "fully inclined to join with those who considered the whole thing to be a system of collusion and delusion, or an excited imagination, sympathy or imitation." ¹⁰

Ao final da demonstração, todavia, Braid considerou os transe genuínos, embora também acreditasse haver confirmado que "they were not dependent on any special agency or emanation passing from the body of the operator to that of the patient as animal magnetizers allege". Ele voltou a assistir à demonstração quando esta foi repetida na semana seguinte, e nesta ocasião acreditou ter identificado a causa daquele estranho "sono nervoso". Braid dedicou os seus últimos dezoito anos de vida à investigação deste tema, cujos processos ele descreveu e procurou explicar, rebatizando-o com o nome de Hipnotismo.

Primeiro, Braid notou que o paciente em transe parecia nunca conseguir abrir os olhos. Essa observação levou-o a supor que o transe era induzido por algo que ele descreveu como a exaustão neuromuscular provocada pelo olhar fixo suscitado pelo operador. Procurou reproduzir esse fenômeno em casa, convidando alternadamente um amigo, a mulher, e um empregado a olharem fixamente o gargalo de uma garrafa de vinho. Os resultados se repetiam a cada experiência: ao cabo de alguns segundos, as pálpebras do sujeito se fechavam, a cabeça inclinava-se para a frente, as faces ficavam ligeiramente congestionadas, e ele mergulhava em sono profundo.

A repetição dos resultados convenceu Braid de que ele havia desmascarado o processo mesmérico. Conforme sua suposição, esse

¹⁰ Miller, J. *Ibid* pg. 59

processo nada tinha a ver com fluidos ou com magnetismo, podendo ser explicado como a consequência neurológica do "olhar fixo, repouso absoluto do corpo, e respiração suspensa concomitante com a fixidez da atenção".

Ao formular o conceito do "sono nervoso", ou hipnose, Braid efetivamente forneceu uma explicação alternativa - e mais convincente, segundo Miller - para os fenômenos produzidos através do processo mesmérico.¹¹ Mas seria talvez o caso de perguntar: mais convincente para quem? É verdade que Braid desloca o acento do fenômeno - colocado pelo mesmerismo sobre o mesmerizador e sobre o fluido manipulado por este - para o paciente, ou ao menos para os processos fisiológicos deste. E essa focalização dos processos fisiológicos do paciente como causa do fenômeno certamente contribuíram no sentido de tornar o hipnotismo de Braid mais palatável do que o mesmerismo à medicina ortodoxa e à ciência acadêmica. Todavia, o desenvolvimento subsequente da teorização de Braid não parecerá, aos olhos do leitor moderno, menos fantasioso do que as mais extravagantes declarações de Mesmer.

Miller enumera algumas das alegações mais extraordinárias de Braid acerca do hipnotismo:

" As soon as he discovered how easy it was to induce the hypnotic trance by fixed attention, he visualized almost unlimited prospects of therapeutic effectiveness... Nearly two thirds of the first book which earned him his fame is taken up with implausible accounts of dramatic cures achieved under the influence of 'nervous sleep' ... he records his experience with a congenitally deaf patient ... Braid records more than fifty cases, ranging from hemiplegias, spinal curvatures to ankylosing spondylitis and epilepsy, and in almost

¹¹ Miller, J. *Ibid* pg.61

every instance, he reports conspicuous improvement."

Braid, como Elliotson, era também um entusiasta da frenologia. Assim que aprendeu a controlar o transe hipnótico, ele começou a utilizá-lo para provar a existência de órgãos cerebrais postulados por Gall e Spurzheim, como "o órgão da veneração", "o órgão da auto-estima", "o órgão da cobiça", etc.. Estas experiências consistiam em estimular o órgão em questão através do toque sobre diferentes pontos da cabeça do paciente hipnotizado - e este, então, passava a apresentar comportamentos supostamente associados àquela localização cerebral. Braid desenvolveu várias experiências desse tipo, buscando efeitos que ele procurava explicar com base em fundamentos neurofisiológicos associados à frenologia.

Apesar das extravagâncias de seus desenvolvimentos teóricos, os experimentos de Braid foram bastante difundidos e despertaram a curiosidade de muitos médicos e cientistas na Europa da metade do século XIX em diante. Miller aponta duas linhas principais de pesquisas que se desenvolveram a partir do "cerne" da descoberta de Braid, i.e., a legitimidade do transe hipnótico como um estado particular de consciência, quaisquer que fossem as suas causas, e o fato de que essas causas, quaisquer que fossem, provinham do interior do sujeito hipnotizado, e não do agenciamento do hipnotizador. Essas duas linhas de pesquisa, segundo ele, seguem caminhos variados a partir das investigações sobre as "funções cerebrais" desencadeadas pelo hipnotismo de Braid, mas desembocam em dois resultados diferentes: um é o inconsciente freudiano, o outro é o que ele denomina "a teoria de um inconsciente alternativo". Esse "inconsciente alternativo" consistiria basicamente no desempenho automático de funções cerebrais que não

chegam à consciência, e seu representante mais recente seria a teoria da Inteligência Artificial. A linhagem dessa teoria, segundo Miller, inicia-se no hipnotismo de Braid e nas pesquisas posteriores sobre as funções cerebrais, mas toma outro rumo a partir de pesquisas, "obscurecidas pelo prestígio da teoria freudiana", sobre "funções reflexas a nível cortical" e "cerebração inconsciente". Não vejo qualquer necessidade de discutirmos as afirmativas de Miller sobre as vantagens do "inconsciente alternativo"; basta registrar que ele coloca o hipnotismo de Braid na origem desse desenvolvimento.

Cabe ressaltar que a sugestão não desempenha um grande papel na teoria e na prática hipnótica de Braid, a não ser na medida em que funciona como parte intrínseca da operação da hipnose (o hipnotizador age sobre o paciente mediante a sugestão). Ou seja, ele não atribui à sugestão nenhum papel na etiologia do fenômeno em si. Para Braid, todo o fenômeno da hipnose permanece estritamente dentro dos limites da fisiologia. É interessante notar que há como que um movimento pendular em todo esse processo: Mesmer começa por propor a existência de um "fluido imponderável" que seria responsável pela produção de determinados efeitos; a ciência oficial determina que esses efeitos são causados pela sugestão e não se ocupa mais disso; Braid consegue isolar um desses efeitos e legitima-lo dentro dos limites aceitos pela ciência oficial, descartando a sugestão como causa. E a história continua.

Na Inglaterra, como dissemos, o hipnotismo de Braid inspirou fisiologistas como Carpenter e Laycock, que investigaram a existência de processos cerebrais reflexos ou involuntários análogos aos reflexos autônomos nervosos - processos hipotéticos denominados "cerebração inconsciente". Em seu ensaio, Miller procura resgatar esta linha de

pesquisas da relativa obscuridade em que foi lançada a partir dos desenvolvimentos mais espetaculares ocorridos do outro lado do canal. É desses que nos ocuparemos na próxima seção deste capítulo.

2.3 - Charcot e Bernheim: O papel da hipnose e da sugestão no estabelecimento dos modelos fisiológico e psicológico da neurose:

Na França, a hipnose despertou o interesse de alguns médicos e cientistas eminentes, entre eles Jean Martin Charcot. Nascido em 1825, Charcot formou-se pela Faculdade de Medicina de Paris, onde dedicou-se inicialmente ao estudo da patologia comparada. Em 1862, foi designado médico do hospício da Salpêtrière, aonde permaneceu até sua morte. Ali começou a interessar-se pela patologia do sistema nervoso, tornando-se, entre 1862 e 1870, o criador de uma nova neurologia. A partir de 1872, adquire reputação; passa a ser consultado pelas famílias reais de diversos países, por escritores, artistas e gente da sociedade francesa; foi nomeado professor da cadeira de anatomia patológica previamente ocupada por seu mestre, Rayer. Em 1881, O Parlamento aprova a criação de uma cadeira de clínica das doenças nervosas, e Charcot é designado seu titular; em 1882 a neurologia passa a ser reconhecida como disciplina autônoma. Segundo Roudinesco, "Nessa ocasião, Charcot interessou-se pela histeria e pelo hipnotismo e deu um novo conteúdo ao conceito de neurose, o que acarretou uma primeira polêmica sobre a questão da etiologia das doenças "nervosas".¹²

¹² Roudinesco, E. *História da Psicanálise na França, Vol I*. ed. Jorge Zahar, R.J., 1989. pg. 30

Mas como era o pensamento médico dominante sobre essas questões na época em que Charcot desenvolve suas idéias? O historiador Kenneth Levin descreve o ambiente pensante da medicina habitado por Charcot e por Freud: " historiadores da psiquiatria têm assinalado que muitos dos psiquiatras do século XIX percebiam a anatomia patológica como achave da explicação dos distúrbios mentais." ¹³

E ainda:

" The emphasis on uncovering anatomical lesions in psychiatric disorders, an emphasis which held a dominant position in Continental psychiatry at the time that Freud began his medical education (1873) can be traced in part to the French psychiatrists of the first half of the nineteenth century. Phillipe Pinel, who, as head of the mental hospitals of the Bicetre and the Salpêtrière in the years following the French Revolution, initiated major clinical reforms and established psychiatry as a vital branch of Parisian medicine, did not share the pathoanatomical bias. Nor did his successor, Jean-Etienne Esquirol. But the emphasis on anatomy was endorsed by esquirol's most prominent students (such as) Jeanne Pierre Falret.

Falret and his colleagues were greatly influenced by the current trend towards anatomical studies in general medicine, and particularly by the emphasis which the Paris Faculty of Medicine, virtually from the time of its inception in 1795, placed on pathoanatomical methods. Medical research was understood to mean following one's patient to the dissecting table and discovering lesions which could then be correlated with the previously recorded clinical findings."

Levin descreve os avanços alcançados nessa época pela abordagem anatomopatológica, como a etiologia de diversos distúrbios e o mapeamento progressivo das funções corticais. Assinala também que

¹³ Levin, K. *Freud's Early Theory of the Neuroses*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, Pa. 1978 pg. 16

a medicina não tardou a descobrir que inúmeros distúrbios não se deixavam desvendar por esse método. Essa era essencialmente uma constatação empírica, à qual os defensores mais ferrenhos da anatomopatologia respondiam que tratava-se de uma questão de tempo: eventualmente, as lesões anatômicas supostamente responsáveis por aqueles distúrbios viriam a ser localizadas. Outros, todavia, se insurgiam contra a exclusividade ou predominância dessa abordagem, especialmente no que dizia respeito às "doenças nervosas" para as quais nenhuma etiologia lesional havia sido ainda encontrada. Essa oposição adotava basicamente duas linhas: alguns críticos não contestavam que lesões anatômicas pudessem eventualmente ser encontradas para todas as síndromes psiquiátricas, mas insistiam que era necessária uma compreensão mais refinada dos sintomas e do desenvolvimento clínico das doenças mentais e que esta, ao menos provisoriamente, seria mais facilmente alcançada através de estudos clínicos intensivos do que na mesa de dissecação. Outros, focalizando considerações mais teóricas do que clínicas, notavam que os anatomistas haviam fracassado em descobrir lesões decisivas para um certo número de distúrbios psiquiátricos, e enfatizavam a necessidade de fórmulas alternativas para a patologia destas síndromes.

Ainda segundo Levin, existiram muitos "oposicionistas" importantes, mas Charcot foi reconhecido por virtualmente todos os estudiosos contemporâneos como o principal responsável por uma reformulação decisiva da questão, promovendo o estudo das neuroses como entidades inexplicáveis em termos anatomopatológicos.

Charcot formou-se na Faculdade de Medicina de Paris e tornou-se professor de anatomia e patologia em Paris em 1872. A orientação anatomopatológica ainda reinava em Paris, e Charcot a princípio compartilhava e defendia esta orientação, como pode ser constatado nos trabalhos por ele publicados nessa época. Sua reputação como neurologista baseava-se no seu trabalho de elucidação de lesões anatômicas associadas a diversos distúrbios, incluindo a tabes dorsalis, esclerose múltipla e esclerose amiotrófica lateral. O ponto-de-vista inicial de Charcot sobre a patologia subjacente à histeria era consistente com essa trajetória: em uma coletânea de palestras publicadas em 1877, Charcot argumentava que a hemianestesia histérica (perda de sensação em uma metade do corpo) tinha a mesma etiologia de outras anestésias e devia-se a "lesões circumscritas dos hemisférios cerebrais".

Em uma conferência dada em 1882, Charcot torna a afirmar sua fé na primazia da anatomia patológica, assinalando que "se o progresso da medicina e da patologia caminham lado a lado, isto é especialmente verdadeiro no caso das doenças do sistema nervoso". Mas desta vez ele modifica o seu ponto-de vista no que concerne a histeria.

Nesta conferência, Charcot apresenta a tese de que a histeria, a despeito da ausência de lesões anatômicas, é uma entidade bem definida que segue regras específicas. Ele também apresenta evidências de que os sintomas histéricos não podem ser atribuídos a uma simulação intencional por parte do paciente, descrevendo experimentos efetuados nesse sentido com dois pacientes, sendo um do sexo feminino e outro, do sexo masculino. Além disso, Charcot não baseia sua tese apenas sobre a consistente falta de achados de lesões anatômicas na histeria; ele concede que esse dado empírico não constitui prova suficiente de que

tais lesões não existem; mas ele acredita que os sintomas da histeria não se assemelham a sintomas causados por lesões anatômicas.

A partir daí, em todas as suas apresentações de casos com pacientes histéricos, a preocupação básica de Charcot é a de estabelecer a idéia de que os sintomas do paciente não se assemelham àqueles causados por lesões anatômicas, mas se enquadram nas "regras" da histeria.

Ao rejeitar uma base anatomopatológica para a histeria, Charcot desloca-se para a posição de que a patologia da doença envolve uma anormalidade neurodinâmica; ou seja, um distúrbio puramente neurofisiológico do sistema nervoso. A esta posição, explicitada em 1885, ele acrescenta a observação de que o prognóstico que se segue a tal diagnóstico é infinitamente menos grave do que o dos casos que envolvem uma lesão anatômica destrutiva. Ou seja, ele levanta a possibilidade de uma cura para os casos de histeria, o que consolida o estudo das neuroses como um novo campo.

Ao considerar a questão de que tipo de terapia seria adequada para levar a cabo as possibilidades abertas pelo prognóstico favorável, Charcot sugere que uma terapia seria mais eficiente se "fundamentada em uma base fisiológica" e no reconhecimento dos mecanismos particulares da histeria. Assim ele é levado a voltar sua atenção para a hipnose.

Na verdade, Charcot já vinha há alguns anos discutindo a hipnose no contexto da patologia da histeria. Acreditava que a própria hipnose, ou o mecanismo de algumas das manifestações hipnóticas, envolvia alterações fisiológicas no sistema nervoso.

Charcot também acreditava que a hipnose apresentava manifestações particulares em pacientes que sofriam de histeria; estas manifestações estariam supostamente relacionadas às anormalidades básicas do sistema nervoso nesses pacientes. Charcot denomina essa forma de hipnotismo de grande hypnotisme. Este se dividiria em três fases: letárgica, cataléptica e sonambúlica. Em uma série de aulas proferidas em 1885, ele demonstra como, mediante sugestões verbais dadas a pacientes em estado sonambúlico, é possível produzir artificialmente "uma perfeita imitação de uma monoplegia causada em dois outros pacientes por um processo aparentemente muito diferente, ou seja, a ação de um traumatismo (um choque acidental em um membro)". Após acordar a paciente, que recupera os movimentos de seu braço paralisado, ele a hipnotiza novamente, e desta vez através de um tapa no ombro, torna a induzir a mesma monoplegia que duplica exatamente a dos pacientes traumatizados.

Charcot pretendia demonstrar, através de tais experimentos, que o trauma desempenha, para o histérico assim como para o sujeito hipnotizado, o papel de uma "sugestão". No caso do paciente "predisposto à condição cerebral denominada histeria", o trauma induz um estado semelhante ao da hipnose, e esse estado tornaria o paciente particularmente suscetível à sugestão - o que explicaria a presença, nesses pacientes, de "idéias fixas" inacessíveis à razão consciente. Este é o modelo desenvolvido por Charcot da etiologia da histeria, e daí ele deriva também um programa terapêutico: começa a utilizar regularmente a sugestão, hipnótica ou não, para remover os sintomas histéricos.

Segundo Levin, o impacto do trabalho de Charcot sobre seus contemporâneos e pares pode ser avaliado através da análise de textos publicados em veículos especializados nas duas últimas décadas do século. Essa análise revela, segundo ele, o crescimento vertiginoso do número de trabalhos sobre histeria e hipnose, e também sobre a abordagem funcional das neuroses, e o conteúdo desses estudos aponta claramente para o trabalho de Charcot como referência e fonte de inspiração.¹⁴

Levin nota também que a importância do papel desempenhado por Charcot pode ser afirmado não somente a partir dos trabalhos daqueles que reafirmavam os seus pontos de vista, mas também a partir daqueles que o combatiam. Entre esses incluem-se naturalmente os defensores da abordagem anatomopatológica "ortodoxa", mas também os que propunham uma abordagem "puramente psicológica" da histeria, que distanciava-se da anatomopatologia ainda mais do que a de Charcot. O mais conhecido proponente desse tipo de teoria foi Hippolyte Bernheim, professor de medicina em Nancy, que afirmava ser possível dar conta de todos os fenômenos histéricos em termos puramente psicológicos, e rejeitava o ponto-de-vista de Charcot, segundo o qual a

¹⁴ Levin discorda de autores como Henri Ellenberger (*The discovery of the Unconscious*) que procuraram explicar o "boom" da preocupação com a histeria e as neuroses durante as décadas de 1880 e 1890 como decorrência do contexto socio-cultural e político da época, que teria gerado uma maior incidência dos distúrbios histéricos. Levin acredita que esse interesse pode ser explicado em termos da própria história da neuropsiquiatria: à medida em que a histeria se delineia como entidade patológica "regida por suas próprias leis" e , portanto, como abertura de um novo campo e de uma nova abordagem na neurologia, através do trabalho de Charcot e de seus seguidores, cresce não só a quantidade de trabalhos sobre o assunto como também a frequência dos diagnósticos relatados. Ou seja, não é possível concluir, através do exame da literatura médica da época, que teria havido um aumento "real" do número de casos de histeria, e também não é possível inferir que esse aumento teria, por si só, direcionado o interesse dos especialistas para o fenômeno histórico.

hipnose envolvia uma condição neurofisiológica peculiar. Mas em que se baseava a explicação "puramente psicológica" da histeria proposta por Bernheim? Justamente, sobre a sugestão - em uma espécie de retorno ao tema dos Comissários do Rei - como veremos a seguir.

2.4 - Bernheim e a sugestão

Tout est dans la suggestion . Esse é o mote atribuído por Freud a Bernheim, e resume bem a réplica que este pretendeu dar às idéias de Charcot.

Em 1889, Freud retorna à França e conhece os destaques da Escola de Nancy, Ambroise Liébault e Hippolyte Bernheim, que se opunham às teorias da Salpêtrière.

Liébault interessava-se pelo magnetismo animal desde seu tempo de estudante; em 1850, renuncia a uma carreira "científica" para estabelecer-se como médico do interior, nos arredores de Nancy, aonde passa a dedicar-se a uma prática terapêutica tradicional, valorizando sobretudo a realização de curas. Ele empregava em sua prática a técnica hipnótica de Braid, acrescida de alguns procedimentos dos primeiros magnetizadores.

Em 1872, Bernheim torna-se professor da Faculdade de Nancy. Assiste às experiências e acompanha a prática clínica de Liébault, cujas idéias adota e começa a divulgar: assim nasceu a Escola de Nancy. Roudinesco observa que "essa escola tomava a sugestão verbal por conceito psicológico, descrevendo-a em termos de uma fisiologia cerebral puramente metafórica".¹⁵ A Escola de Nancy valoriza o "tratamento psíquico" da doença, e utiliza para esse tratamento o termo psicoterapia.

¹⁵ Roudinesco, E. *Ibid* pg. 49

É interessante observar como o estabelecimento da prática psicoterapêutica se inicia sob a égide da sugestão, associada a uma teorização que procura remover as manifestações históricas do campo da fisiologia para o de uma psicologia que faz da sugestão o seu conceito central. Nesse contexto, a "psicoterapia" é usada como sinônimo de "tratamento sugestivo", o que nos remete à crítica freudiana da sugestão, que é frequentemente evocada para diferenciar a psicanálise da psicoterapia. Podemos reparar que a associação entre psicoterapia e tratamento sugestivo não é uma invenção estratégica de Freud e de seus sucessores, e sim algo que os antecede e que está na própria base da constituição desse tipo de tratamento. Essa associação também é reveladora dos pressupostos em que se apoia a concepção de "psiquismo" envolvida nos primórdios da proposta do método psicoterapêutico.

Em seu livro *De la suggestion et des ses applications à la therapeutique*, prefaciado por Freud, Bernheim procura criticar as idéias de Charcot sobre a base fisiológica da hipnose. Ele argumenta que todo fenômeno hipnótico, incluindo as alterações que caracterizariam o "grande hipnotismo" de Charcot, são simplesmente resultados da sugestão:

"As I stated before the Biological Society, suggestion, that is to say the penetration of the idea of the phenomenon into the subject's mind by word, gesture, sight or imitation, has seemed to me to be the key of all the hypnotic phenomena that I have observed. The phenomena said to be physiological or physical, have seemed to me in large part if not entirely, psychical phenomena." ¹⁶

¹⁶ Bernheim, H. *Suggestive Therapeutics*, 1887. Translated by Christian Herter. Westport, Conn.: Associated Booksellers, 1957. In Levin, K *Freud's Early Theory of the Neuroses*, 1944. pg. 61

Bernheim insiste também que virtualmente todos os indivíduos são suscetíveis à sugestão e hipnotizáveis, e que a hipnose não é um estado patológico ao qual os histéricos seriam especialmente vulneráveis:

" The hypnotic condition is not a neurosis, analogous to hysteria. no doubt manifestations of hysteria may be created in hypnotized subjects... But these manifestations are not due to the hypnosis - they are due to the operator's suggestion, or sometimes to the auto-suggestion of a particularly impressible subject whose imagination... creates these functional disorders which can always be restrained by a quieting suggestion...To prove that the very great majority of subjects are susceptible to suggestion is to eliminate the idea of a neurosis."¹⁷

Ou seja, a sugestão ou sugestionabilidade é uma característica universal do psiquismo - para Bernheim e seus seguidores, é mesmo a sua característica fundamental. O psiquismo é essa tendência para "a penetração de idéias na mente" através da percepção. Toda a sua atividade estaria no processamento da percepção, que constituiria a sua fronteira.

Assim, o "tout est dans la suggestion" de Bernheim carrega as seguintes implicações, opondo-se às teorias da Salpêtrière: Não há especificidade na histeria e nas neuroses; as manifestações assim classificadas, bem como as manifestações hipnóticas, são

simplesmente o resultado de uma suscetibilidade humana à sugestão e sobretudo à autosugestão. Assim, também, não há sentido em procurar qualquer alteração fisiológica na etiologia destas manifestações: tratam-se de fenômenos psíquicos, e não fisiológicos. Da mesma forma, a terapêutica que atua através da hipnose e do uso instrumental da sugestão deve ser entendida como uma forma de tratamento psíquico.

¹⁷ Bernheim, H. *Suggestive Yherapeutics*, 1887, em Levin, K., *Ibid* pg. 61

Ocorre aqui alguma coisa de muito interessante: se, por um lado, Bernheim procura retirar as manifestações históricas e hipnóticas (e, por extensão, tudo aquilo a que Charcot vinha classificando como pertencente ao campo das neuroses) do terreno da fisiologia, legitimando e enobrecendo o enfoque psicológico, por outro lado ele o faz por meio de uma operação que, como ele próprio reconhece, retira toda especificidade dessas manifestações. Se a sugestionabilidade é um traço universal, e se as manifestações hipnóticas e os sintomas históricos são causados pela sugestão, não há nenhuma diferença fundamental entre estas e qualquer outra manifestação produzida pela sugestão: a única diferença estaria em que umas são mais incômodas do que outras. A "especificidade" da sintomatologia histórica descrita por Charcot não seria um sinal de uma especificidade correspondente da sua etiologia, e sim da uniformidade das sugestões que a produz. Daí a supor que a histeria é produzida pelo discurso médico não há mais do que um passo, como apontará Freud - e o leitor moderno pode a partir daí se perguntar se Bernheim afinal não estaria coberto de razão. O problema é que alguma coisa fica deixada de fora aí - mesmo sem levar em consideração todas as diferenças que separam a teoria de Bernheim do pensamento, por exemplo, de Foucault - o que fica deixado de fora é uma explicação sobre a própria "tendência à sugestão ou à autosugestão." Como explicar, por exemplo, as diferenças de sugestionabilidade entre diversas pessoas, e as diferenças em suas manifestações?

Esta operação, que consiste em estabelecer uma equivalência entre o psiquismo e a sugestionabilidade ou a "imaginação", não deixa de constituir um retorno ao raciocínio empregado pelos Comissionários do

Rei. Visto por este prisma, o pensamento da Escola de Nancy e da linhagem psicoterapêutica que ela ajuda a fundar aparece como uma retomada do impasse da razão científica frente ao mistério das manifestações hipnóticas e histéricas: aquilo que não pode ser explicado de outra maneira é descrito pelo recurso à sugestão. Por outro lado, esse recurso tem implicações e consequências bem diversas, em Bernheim, daquelas que apontamos nos Comissãoários. Bernheim inclui a "explicação pela sugestão" na esfera dessa razão. O psiquismo, aí, já não é a esfera do irracional que vem se interpor no caminho da razão, mas antes um objeto que essa razão pode legitimar. Ele certamente não é o único, e sequer o mais destacado dos agenciadores dessa transformação, mas sua contribuição insere-se nesse movimento. todavia não podemos esquecer que essa inclusão se faz ao preço da manutenção de um psiquismo "objetificado" que por sua vez deixa de fora precisamente aquilo que Lavoisier apontara como "causa da irracionalidade": o misterioso e renitente poder das "esperanças e crenças" de cada um. Ficou de fora alguma coisa que resiste, mesmo à sugestão, ou que faz da sugestão uma forma de resistir.

Mas , segundo Freud, problema crucial dos pressupostos envolvidos nos usos instrumental e explicativo da sugestão não está exatamente no fato de que alguma coisa fica "de fora", e sim no fato de que esses usos obscurecem a possibilidade de perceber que algo foi excluído. No fim das contas, o maior problema da sugestão é justamente o "tudo está aí" em que ela implica, e que Bernheim soube extrair e afirmar como teoria psicológica e como método psicoterapêutico.

2.5 - Conclusão

Estas últimas observações já tiveram o efeito de nos introduzir em plena "crítica freudiana da sugestão", que será o alvo de nosso exame no próximo capítulo. Espero que o que foi exposto até aqui tenha cumprido a finalidade de contextualizar aquilo que constituirá o objeto dessa crítica: os pressupostos envolvidos nos usos instrumental e explicativo da sugestão, bem como o desenvolvimento histórico que endossou e disseminou esses usos. Procuramos demonstrar, assim, que o objeto da crítica freudiana não é um uso ingênuo da sugestão, ou uma concepção excessivamente simplificada do psiquismo, já ultrapassada; são usos e concepções que se desenvolveram como tentativas de solução de determinados impasses, e que se alinham sob determinadas formas de pensar que vigoram até hoje e que continuam a produzir novos desenvolvimentos. Assim, a crítica freudiana da sugestão seria perfeitamente utilizável como ponto de partida para um exame de, por exemplo, aquilo que opõe ainda hoje a psicanálise ao cognitivismo. Ou para fundamentar a discussão dos limites de determinadas concepções da subjetividade, como sugeri na Introdução deste trabalho. Em suma, o objeto da crítica que iremos examinar está longe de ser uma forma de pensamento ingênua, simplista ou ultrapassada: trata-se de um pensamento que desempenhou e continua a desempenhar um papel importante na história das relações da razão com aquilo que podemos modernamente chamar de seu "sujeito".

É dessa crítica que trataremos a seguir.

3 - A crítica freudiana da sugestão

Neste capítulo, examinaremos o tratamento dado por Freud ao tema da sugestão, que, segundo a proposta defendida neste trabalho, configura uma “crítica freudiana da sugestão”. Essa expressão não constitui novidade em si; muitos autores referem-se à existência de uma crítica da sugestão em Freud. Mas tal referência normalmente designa apenas um aspecto da abordagem freudiana da sugestão: aquela que concerne a exclusão da prática sugestiva. Neste trabalho, utilizei o termo para designar o contexto em que essa “exclusão” se insere: a crítica enunciada por Freud sobre os usos instrumental e explicativo da sugestão, os pressupostos em que implicam e os problemas desses pressupostos no que concerne a sua eficácia teórica e metodológica. Essa crítica inclui também uma análise do termo “sugestão”, uma exploração daquilo que esse termo simultaneamente indica e encobre, e uma série de considerações sobre as condições de inclusão da prática sugestiva no método psicanalítico.

Os escritos sobre os quais baseia-se este exame encontram-se dispersos através dos 22 volumes da obra completa - dos quais, é interessante mencionar, apenas dois não contêm qualquer referência à sugestão. Todavia procurei incluir aqui apenas aqueles textos que fazem da sugestão um tema central ou apresentam desdobramentos críticos importantes sobre esse tema, deixando de lado as repetições e as referências passageiras.

O exame desses textos segue uma ordem um tanto arbitrária, sob a qual eles são abordados para focalizar este ou aquele aspecto da

crítica freudiana. Assim, por exemplo, os artigos sobre hipnose e sugestão e os textos autobiográficos são utilizados para apontar as posições iniciais de Freud em relação à sugestão, enquanto os artigos sobre “psicologia das massas” servem para abordar a sua crítica ao uso explicativo da sugestão e suas considerações sobre a ambigüidade do termo e aquilo que ele recobre, e assim por diante. Na verdade, o pensamento de Freud não se desenvolve de acordo com essas divisões. A cada vez que ele enuncia a sua crítica, ele pode até privilegiar este ou aquele aspecto, mas cada uma dessas instâncias também reafirma implicitamente a crítica em *todos* os seus aspectos. Suas “posições iniciais” sobre a sugestão já contêm uma crítica ao uso explicativo da mesma e uma reflexão sobre a ambigüidade do termo, ainda que as implicações extraídas destas observações não sejam as mesmas que ele aponta em suas considerações sobre a psicologia das massas. Infelizmente, não consegui elaborar uma forma de exposição que fizesse justiça a esse traço do texto freudiano - que em todo caso pode ser deduzido pelo leitor a partir das citações apresentadas.

Aquilo que apresentamos aqui como os diferentes “aspectos” da crítica freudiana da sugestão deve portanto ser entendido como um recurso utilizado para explorar as diversas frentes em que essa crítica se desenvolve e a multiplicidade de seus desdobramentos e implicações. Esses aspectos incluem, como foi dito, reflexões sobre os usos instrumental e explicativo da sugestão, sobre seus pressupostos e sobre a sua eficácia, avaliada em termos da noção de eficácia que norteia o método psicanalítico.

Além de tentar demonstrar a existência dessa crítica no texto freudiano através da exploração de seus diversos aspectos, este capítulo procura preparar o terreno para uma discussão, empreendida

no capítulo seguinte, sobre algumas implicações dessa crítica e as razões que levam Freud a empreendê-la.

3.1 - Freud e a sugestão: o período “pré-psicanalítico”:

Nesta seção recorreremos ao *Estudo autobiográfico* de Freud e aos textos do período dito “pré-psicanalítico”, bem como a outros textos de pesquisadores da história da psicanálise, para reconstituir as posições iniciais de Freud em relação às práticas hipnóticas e sugestivas da época e as teorizações que as acompanhavam. Esta reconstituição envolve uma contextualização dessas práticas no ambiente histórico em que transcorreu a formação de Freud, e portanto uma retomada de alguns desenvolvimentos históricos examinados no capítulo anterior.

Freud inicia seus estudos em medicina em 1873, e ingressa no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke em 1876. Permanece lá até 1882, um ano após a sua formatura, trabalhando sobretudo em pesquisas da histologia dos tecidos nervosos. Em 1882, decide dedicar-se mais à clínica do que à teoria (movido, segundo o *Estudo autobiográfico*, sobretudo por considerações sobre a sua situação financeira), abandona o laboratório de fisiologia e ingressa no Hospital Geral de Viena como assistente clínico (*Aspirant*), sendo logo promovido a médico estagiário (*Secundarartz*). Trabalha em diversos departamentos do hospital, permanecendo por seis meses no setor de psiquiatria dirigido por Meynert (maio a outubro de 1883), mas continua a dedicar-se à pesquisa no Instituto de Anatomia Cerebral, também sob a direção de Meynert (1883-1885); publica diversos artigos sobre a anatomia e fisiologia normal e patológica do sistema nervoso. Em 1885, é nomeado

conferencista de neuropatologia e, logo em seguida, recebe uma bolsa de estudos que ele utiliza para viajar a Paris, ingressando como aluno na Salpêtrière.

O historiador Kenneth Levin ressalta a orientação marcadamente neuroanatômica desses primeiros doze anos da formação de Freud, transcorridos sob a influência do fisiologista Brücke, do professor de medicina Nothnangel e do professor de psiquiatria Meynert - sendo este último o mais famoso e o mais intransigente defensor da abordagem anatomopatológica. Kenneth apresenta a lista de quinze trabalhos incluídos por Freud em seu curriculum vitae, submetido em 1897 como parte de sua candidatura a um cargo de professor universitário; destes trabalhos, nove versam sobre estudos neuroanatomicos e três são estudos de casos clínicos de pacientes portadores de lesões bem-definidas do sistema nervoso, sendo dois acompanhados das respectivas autópsias post-mortem; dos três restantes, dois são sobre a cocaína e o terceiro, sua primeira publicação, consiste em um estudo histológico dos testículos de enguias. Estes trabalhos serviram como base para a designação de Freud como conferencista (*Privatdocent*); Kenneth acrescenta que os comentários de Brücke, principal recomendador de Freud ao cargo, continham muitas referências elogiosas ao seu trabalho anatômico, e que Brücke foi secundado por Meynert e Nothnagel, que compartilhavam o entusiasmo do primeiro sobre a pesquisa anatômica de Freud. Tudo parecia apontar, enfim, para um brilhante futuro no terreno da anatomopatologia/neuroanatomia, e esse caminho parecia ser a principal aspiração do próprio Freud na época, apesar de sua decisão de dedicar-se à clínica das doenças nervosas. Kenneth aponta que a abordagem clínica de Freud, na época, era consistente com sua

formação anatomopatológica, recordando nesse sentido uma anedota relatada pelo próprio em seu *Estudo autobiográfico*:

“ A fama de meus diagnósticos e de sua confirmação *post-mortem* trouxe-me uma afluência de médicos norte-americanos, perante os quais pronunciei conferências sobre os pacientes do meu departamento numa espécie de *pidgin-English*. Sobre as neuroses eu nada compreendia. Em certa ocasião, apresentei ao meu auditório um neurótico que sofria de dor de cabeça persistente como um caso de meningite crônica localizada; todos se levantaram imediatamente, revoltados, e me abandonaram, e minhas atividades prematuras como professor chegaram ao fim. À guisa de desculpa, posso acrescentar que isso aconteceu numa época em que maiores autoridades do que eu, em Viena, tinham o hábito de diagnosticar a neurastenia como tumor cerebral.”¹⁸

A pergunta que surge aqui é: o que teria levado Freud, com semelhante formação e tais aspirações, a escolher como destino de sua viagem de estudos a Salpêtrière de Charcot? Pois, como comenta Levin:

“ Freud’s education, and his subsequent commitment both to basic anatomical research and to a pathoanatomical approach to neuropsychiatric disorders, clearly place him in the pathoanatomical tradition; and it was undoubtedly quite a jolt for him to hear Charcot proclaiming in Paris that “the work of anatomy was finished and...the theory of the organic* diseases of the nervous system might be said to be complete.”¹⁹

Na verdade, Freud tinha a intenção de dar continuidade a seus estudos de anatomia cerebral em Paris. Em uma carta à noiva Marta, de

¹⁸ Freud, S. *Um Estudo Autobiográfico* (1925 [1924]). Edição Standard Brasileira, vol. XX, pg. 23

Levin, K. *Freud’s Early Psychology of the Neuroses*. pg. 34

¹⁹ Levin, K., Ibid pg. 36. A citação de Charcot foi retirada por Levin do relatório de viagem de Freud (Freud, S., “Relatório de meus estudos em Paris e Berlim”, *SE I*: pg.10)

* Levin nota que a palavra “orgânico” era utilizada, na época, como sinônimo de “anatômico”, no sentido de “doenças em que alterações estruturais são prontamente discernidas” e como distinto de “funcional”, que se aplicava a “doenças que supostamente envolviam alterações no sistema nervoso sem alterações estruturais concomitantes.”

maio de 1885, ele diz “O que eu desejo, como você sabe, é ir a Paris... [e] dispor de tempo suficiente para concluir meu trabalho sobre o cérebro.” O encaminhamento desse projeto é descrito por Freud em seu relatório de viagem: não encontrando as condições laboratoriais apropriadas, ele desiste do estudo projetado (sobre as atrofias e degenerações secundárias consequentes de afecções cerebrais em crianças) e contenta-se com uma descoberta relativa ao núcleo da coluna posterior da medula oblonga. Essa descoberta foi publicada mais tarde, em colaboração com o moscovita Dr. von Darkewitsch, na *Neurologisches Centralblatt*.²⁰

O que, então, motivou a sua visita à Salpêtrière? A resposta é dada pelo próprio Freud, ainda em seu relatório de viagem:

“Diversos fatores contribuíram para essa escolha. Em primeiro lugar, havia a certeza de encontrar reunido na Salpêtrière um grande acervo de material clínico que, em Viena, só pode ser encontrado de forma dispersa pelos diferentes departamentos... Além disso, havia o grande renome de J.M. Charcot, que há dezessete anos vem trabalhando e lecionando em seu hospital. Por fim, fui levado a refletir que nada de essencialmente novo poderia esperar aprender numa universidade alemã depois de haver usufruído do ensino direto e indireto, em Viena, dos professores T. Meynert e H. Nothnagel. A escola francesa de neuropatologia, por outro lado, parecia prometer-me algo diferente e característico por sua maneira de trabalhar, ademais de haver ingressado em novas áreas da neuropatologia, que não foram abordadas de forma parecida pelos cientistas na Alemanha e na Austria...”²¹

²⁰ Freud, S., “Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim” (1956 [1886]), *ESB* I: pg.39.

Nota: há um resumo desse artigo, feito pelo próprio Freud (1897b), na *ESB* III: og.237

²¹ Freud, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. *ESB* I: 35-36

Sobre esse contexto, a historiadora E. Roudinesco observa que “...com efeito, o encontro Freud-Charcot teve lugar num período caracterizado pela oposição entre a escola alemã de anatomopatologia e a escola francesa de neuropatologia”, e acrescenta:

“ Meynert, de um lado, e Charcot, de outro, foram tributários de uma orientação da ciência que viu o despontar das localizações anatômicas, enquanto Freud, mais moço, beneficiou-se do ensino conjugado dos dois mestres. Viu inaugurar-se uma nova época, na qual o triunfo das localizações anatômicas já era visto como tendo dado margem a esperanças excessivas e na qual as teorias funcionalistas do sistema nervoso eram predominantes, graças ao desenvolvimento da fisiologia e da eletrofisiologia.”²²

Portanto, Freud dirige-se à Salpêrière movido pelo desejo de contato com as diferenças de abordagem (em relação à anatomopatologia alemã) proporcionadas pela escola francesa de neuropatologia, na pessoa de Charcot. Mas, como recorda Roudinesco, além dessa aspiração, Freud leva consigo a lembrança de um relato singular: “em sua mala, carregava a história de Berta Pappenheim, mais conhecida pelo nome de Anna O”²³

Trata-se da história da jovem que havia sido tratada, entre 1880 e 1882, pelo médico vienense Joseph Breuer, médico de família e amigo de Freud. A história é sobejamente conhecida, tendo entrado para a galeria dos “mitos inaugurais” da psicanálise: portanto basta recordar aqui que Berta, ou Anna, apresentava diversos sintomas histéricos ligados à morte do pai; que às vezes apresentava-se calma e comportada, e outras vezes conduzia-se de maneira insuportável, incomodando todos ao redor com gritos e queixas, sendo que a passagem de um estado a outro era intercalada por fases de auto-

²² Roudinesco, E. *A História da Psicanálise na França, vol I.* pg. 33

²³ Roudinesco, E. *Ibid* pg. 24

hipnose, das quais ela despertava serena e lúcida. Breuer a visitou durante esses períodos, e nesse estado ela começou a lhe contar suas alucinações e angústias, e os incidentes que a perturbavam. Breuer começou a reproduzir este “tratamento”, colocando a jovem em hipnose profunda e fazendo-a dizer, a cada vez, o que a oprimia. Juntos constataram que, ao fazer dessa maneira o relato de seus sintomas, ela os fazia desaparecerem por si mesma; a jovem chamou esse processo de “limpeza de chaminé” ou “talking cure”.

Em que medida estava a notícia desse caso presente no espírito de Freud na época de sua viagem a Paris? Ele não o menciona em seu relatório de viagem (nem poderia fazê-lo, tendo em vista as finalidades e o público a que o relatório se dirigia). Sabemos, todavia, que esse caso viria a se tornar uma das “pedras angulares” de tudo o que se seguiu, e entre as muitas retomadas posteriores feitas por Freud desse assunto, está a seguinte observação contida em seu *Estudo Autobiográfico* :

“Muito antes de dirigir-me a Paris, Breuer me havia falado sobre um caso de histeria que, entre 1880 e 1882, ele havia tratado de maneira peculiar, a qual lhe permitira penetrar profundamente na causação e no significado dos sintomas histéricos... Tomei a determinação de informar Charcot a respeito dessas descobertas quando cheguei a Paris, e na realidade o fiz. Mas o grande homem não teve qualquer interesse pelo meu primeiro esboço do assunto, de modo que nunca mais voltei ao mesmo e deixei que fugisse de minha mente.”²⁴

Freud retomará o assunto ao retornar a Viena; enquanto isso, sua estadia em Paris é quase totalmente devotada à assimilação do trabalho de Charcot. Sobre o episódio, Roudinesco comenta:

“Com o caso Anna O., Freud possuía desde 1880 uma experiência de escuta com a qual não sabia o que fazer, e foi a Paris para ver Charcot reinar em meio às histéricas; este não se interessou pela história de Anna, mas criava e suprimia sintomas através da fala

²⁴ Freud, S. “Um Estudo Autobiográfico”. *ESB* XX: 32-33

sugestiva. Mostrou, à parte qualquer magia, que os fenômenos da histeria obedeciam a leis; tratou as observações clínicas como fatos e delas extraiu conjecturas neurológicas, contrariamente aos clínicos alemães, que se baseavam numa teoria dos estados mórbidos.”²⁵

No capítulo anterior, tivemos oportunidade de traçar um esboço das teorias e métodos de Charcot. Podemos limitar-nos aqui a recordar o principal: Charcot propõe uma abordagem dos fenômenos histéricos como entidades clínicas distintas dos quadros patológicos de etiologia lesional, atribuído-lhes uma etiologia funcional e uma ordem própria e definida. Utiliza a hipnose, que ele considera ser um fenômeno também de ordem funcional, para pesquisar e tratar os sintomas histéricos; essa escolha é reforçada pelo fato de que uma das características atribuídas por Charcot à histeria é a presença de uma forma particular de estados hipnóides, denominada *grande hipnotisme*. Charcot emprega a sugestão hipnótica sobretudo para reproduzir e/ou suprimir os sintomas histéricos; considera a sugestionabilidade como parte integrante dos fenômenos da hipnose e da histeria, mas não lhe atribui valor etiológico. Ou seja, a hipnose e a histeria são *causa* da propensão à sugestão, e esta desempenha um papel na produção de sintomas, na medida em que estes são determinados por traumas que equivalem, nestes estados, a uma sugestão - podendo assim ser removidos por outra sugestão.

Também examinamos, no capítulo anterior, as teorias e práticas da Escola de Nancy, representada por Bernheim e Liébault, e que se opõe ao pensamento de Charcot e à escola da Salpêtrière. Para Bernheim, a sugestão é *causa* tanto dos fenômenos histéricos quanto dos estados hipnóides, entre os quais ele não percebe nenhuma ligação intrínseca, uma vez que recusa a noção de uma etiologia funcional destas manifestações, que para ele constituem quadros de ordem

²⁵ Roudinesco, E. *História da Psicanálise na França, vol. I*. pg.34

psíquica e não fisiológica.

Em seu relatório de viagem (1886), Freud deixa bem claro o impacto que tiveram sobre ele as idéias e o modo de trabalho de Charcot. Trinta anos depois, no estudo autobiográfico (1925), reitera, de forma mais sucinta, essas impressões:

“ O que mais me impressionou enquanto privei com Charcot foram suas investigações acerca da histeria, algumas delas levadas a efeito sob meus próprios olhos. Ele provara, por exemplo, a autenticidade das manifestações históricas e de sua obediência a leis (*'introite et hic dii sunt'*) , a ocorrência frequente da histeria em homens, a produção de paralisias e contraturas históricas por sugestão hipnótica e o fato de que tais produtos artificiais revelavam, até em seus menores detalhes, as mesmas características que os acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente. Muitas das demonstrações de Charcot começaram por provocar em mim e em outros visitantes um sentimento de assombro e uma inclinação para o ceticismo, que tentávamos justificar recorrendo a uma das teorias do dia... foi numa dessas discussões que (falando da teoria) ele observou: *'Ça n'empêche pas d'exister'* , um *mot* que deixou indelével marca em meu espírito.”²⁶

Em sua extensa análise do encontro entre Freud e Charcot, E. Roudinesco insiste em classificar o primeiro como um “auditivo” e o segundo, um “visual”. Essa insistência semi-brincalhona torna-se às vezes um pouco forçada, mas a comparação não deixa de ser pertinente, pois Freud, como Charcot, utilizará a hipnose principalmente como método de investigação - mas, com Freud, tratar-se-á de uma pesquisa basicamente “auditiva”, centrada no relato do paciente hipnotizado, ao passo que a pesquisa hipnótica de Charcot era essencialmente “visual”, buscando reproduzir, ou melhor, reencenar a sintomatologia histórica.

Em 1886, Freud regressa a Viena e começa a se estabelecer como

²⁶ Freud, S. “ Um Estudo Autobiográfico”. *ESB* XX: pg.24

médico de doenças nervosas. Seu “arsenal terapêutico”, como ele recorda no estudo autobiográfico, compreende basicamente a eletroterapia - aprendida em um manual, em cujas propostas Freud deixa claro que não depositava grande confiança - e a hipnose, que ele vira utilizada em Paris para a reprodução e remoção de sintomas. Além disso, tinha notícia sobre a escola de Nancy e seu uso “extenso e marcadamente bem sucedido da sugestão, com ou sem hipnotismo, para fins terapêuticos. Assim, relata Freud, “ocorreu como algo natural que, nos primeiros anos de minha atividade como médico, meu principal instrumento de trabalho, afora os métodos psicoterapêuticos aleatórios e não sistemáticos, tenha sido a sugestão hipnótica.”²⁷

Portanto, nesses primeiros anos, Freud faz uso da sugestão hipnótica como instrumento terapêutico, ainda que, como ele mesmo diz, tenha desde o início utilizado a hipnose para outros fins que não os da terapêutica persuasiva. Sobre esse uso terapêutico da sugestão hipnótica, Freud comenta que “havia algo de positivamente sedutor em trabalhar com o hipnotismo”, pois “pela primeira vez havia o sentimento de haver superado o próprio desamparo, e era altamente lisonjeiro desfrutar da reputação de ser fazedor de milagres.”²⁸

Mas ele diz também que nada entendia sobre como esses milagres se davam (“Só depois é que iria descobrir os processos do método”), e que haviam certos limites para a sua obtenção: ele descobriu que não era capaz de hipnotizar todos os pacientes, e que não era capaz de colocar aqueles com os quais obtinha algum êxito em um estado tão profundo de hipnose quanto desejava.

Em 1889, Freud empreende uma viagem a Nancy, com o intuito

²⁷Freud, S. “Um Estudo autobiográfico” . *ESB* XX: pg. 28

²⁸ *Ibid*, pg. 29

de aperfeiçoar a sua técnica hipnótica. Cabe lembrar que, nesse meio tempo, em 1888, ele havia traduzido e prefaciado a obra de Bernheim sobre a sugestão.

Os comentários de Freud sobre essa obra podem ser encontrados, no prefácio escrito por ele em sua tradução²⁹, mas também nas opiniões manifestadas em sua correspondência pessoal³⁰ e em observações posteriores. Em uma carta a seu amigo Wilhelm Fliess datada de 29 de agosto de 1888, Freud confidencia:

“ Com respeito ao livro sobre a *Sugestão* , o Sr. conhece a história. Empreendi o trabalho com muita relutância e apenas para ter uma participação num assunto que, sem dúvida, irá influenciar profundamente a clínica dos especialistas em doenças nervosas nos próximos anos. Não compartilho as opiniões de Bernheim, que me parecem unilaterais, e tentei defender o ponto de vista de Charcot no prefácio - não sei com quanta habilidade, mas, tenho certeza, com êxito. O sugestivo (isto é, a teoria iatro-sugestiva de Bernheim) atua como um feitiço *commonplace* nos físicos alemães, que não precisam dar nenhum salto grandioso para passar da teoria da simulação, onde se sustentam agora, para a teoria da sugestão.” ³¹

No prefácio a *De la Suggestion*, Freud efetivamente favorece a escola de Paris sobre a de Nancy. Ele começa por ressaltar os aspectos que considera positivos da obra de Bernheim:

“ A realização de Bernheim (e de seus colegas, em Nancy, que trabalham segundo as mesmas diretrizes) consiste precisamente em despojar as manifestações do hipnotismo do seu mistério, correlacionando-as com fenômenos conhecidos da vida psicológica normal e do sono. Parece-me que o valor principal deste livro está na prova que ele fornece das relações que vinculam os fenômenos hipnóticos aos processos correntes da vida desperta e do sono, e no

²⁹ Freud, S. “ Prefácio à Tradução de *Suggestion*, de Bernheim” (1888 [1889-91]). *ESB* I: 117-130

³⁰ Masson, J. M. (ed.) *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1986.

³¹ Masson, J.M. (ed.) , *Ibid* Pg. 24.

fato de trazer à luz as leis psicológicas que se aplicam a ambos os tipos de eventos. Com isso, o problema da hipnose é transposto inteiramente para a esfera da psicologia, e a 'sugestão' é erigida como núcleo do hipnotismo e chave para sua compreensão. Além disso...assinala-se a importância da sugestão em outras áreas além da hipnose... Na segunda parte do livro, encontram-se provas convincentes de que o uso da sugestão hipnótica proporciona ao médico um poderoso método terapêutico, que realmente parece ser o mais adequado para combater determinados distúrbios nervosos e o mais apropriado ao mecanismo dos mesmos. Isto confere ao livro uma importância prática incomum. e sua insistência no fato de que tanto a hipnose quanto a sugestão hipnótica podem ser aplicados não só aos pacientes histéricos e neuropáticos graves como também à maior parte das pessoas sadias, destina-se a ampliar, para além do estreito círculo dos neuropatologistas o interesse dos médicos por esse método terapêutico." ³²

Mas a leitura do restante do prefácio, somada ao conhecimento das opiniões manifestadas por Freud em sua correspondência com Fliess e em outras ocasiões, faz pensar que Freud, no trecho citado acima, media cuidadosamente suas palavras no sentido de procurar aproveitar do pensamento de Bernheim aquilo que ele julgava útil para a causa do tratamento hipnótico das neuroses, sem por isso endossar aquilo que poderia ser prejudicial à mesma. O prejuízo maior que poderiam trazer as idéias de Bernheim, tal como ele a expressa na carta a Fliess, seria a destituição da especificidade e legitimidade da sintomatologia histérica, defendida por Charcot (e apoiada por Freud) - e, por extensão, a destituição de toda a idéia nascente do estatuto específico das neuroses. Essa especificidade, como sabemos, é sustentada por Charcot com base em uma etiologia apoiada na hereditariedade e na fisiologia. Todavia, a verdade é que esses fatores hereditários e fisiológicos permaneceram hipotéticos e jamais foram

³² Freud, S. *ESB* I: 117-118

demonstrados, e que toda a especificidade comprovada nas pesquisas de Charcot era uma especificidade sintomatológica. O receio de Freud era, pois justificável: com o deslocamento da etiologia destas manifestações para o plano de uma psicologia fundada na noção de “sugestão”, essa especificidade se desvanecia, uma vez que qualquer manifestação pode ser fruto da sugestionabilidade. E mais: a própria sintomatologia histérica descrita e demonstrada por Charcot poderia ter sido “sugestionada” por este a seus pacientes - assim, cairiam por terra as ‘leis próprias” que, segundo este, governavam a histeria. Freud o diz, literalmente, mais adiante:

“ Se têm razão os adeptos da teoria da sugestão, todas as observações feitas na Salpêtrière ficam invalidadas; elas se tornam erros de observação. A hipnose de pacientes histéricos não teria nenhuma característica própria; mas todo médico teria possibilidade de produzir nos pacientes, que ele hipnotizasse, qualquer sintomatologia que desejasse... É fácil verificar as demais implicações decorrentes desse ponto de vista e ver como seria conveniente a explicação, que ela pode prometer, no que se refere à sintomatologia da histeria em geral. Se a sugestão feita pelo médico falsificou os fenômenos da hipnose histérica, é bem possível que ela tenha também interferido na observação do resto da sintomatologia histérica: a sugestão pode ter estabelecido leis que governam os ataques histéricos, as paralisias, as contraturas, etc., esses sintomas teriam na sugestão o seu único vínculo com a neurose e, por consequência, perderiam sua validade tão logo um outro médico, num outro lugar, procedesse a um exame dos pacientes histéricos...”

Cabe lembrar: “conveniente”, para quem? Conforme a carta a Fliess, para os partidários de uma teoria da simulação que, associada ou não a uma defesa do ponto de vista anatomopatológico, nega o estatuto específico da histeria e a legitimidade das manifestações histéricas.

Contra essa possibilidade, Freud apresenta argumentos em favor da constância da sintomatologia histérica em diversos lugares em através

de diferentes períodos da História; procura também demonstrar que uma parte desses fenômenos são “fisiologicamente compreensíveis” . Mas, na verdade, não se trata de sustentar uma etiologia “fisiológica” da histeria em oposição a uma explicação “psicológica”. Não é exatamente aí que reside a ameaça da sugestão à especificidade desses fenômenos. Do que é que se trata, então? Vejamos; em dado momento Freud afirma que:

“ Esta não é a ocasião adequada para efetuar uma detalhada justificação da sintomatologia da histeria; mas podemos aceitar a afirmação de que, na sua essência, essa sintomatologia é de natureza real, objetiva; não é forjada pela sugestão da parte do observador. Isso não significa negar que seja psíquico o mecanismo das manifestações históricas: não podemos, porém, atribuir seu mecanismo simplesmente à sugestão proveniente do médico.”

O que Freud quer dizer, aqui, quando afirma que a sintomatologia histórica é “real” e “objetiva”? Logo adiante, verificamos que ele usa os termos como sinônimos de “fisiológico”:

“ Uma vez demonstrada a existência de fenômenos fisiológicos, objetivos, na histeria, já não há mais nenhuma razão para abandonar a possibilidade de que o ‘grande’ hipnotismo histórico chegue a apresentar fenômenos que não se derivam da sugestão por parte do pesquisador.”

Em seguida, admite que possam ocorrer fenômenos que efetivamente são produzidos dessa forma, e manifesta a opinião de que essa hipótese deverá ser verificada por “uma investigação à parte”. No decorrer do restante do texto, Freud trata da questão da diferenciação entre fenômenos fisiológicos e psíquicos, insistindo que essa diferença não pode ser tratada como uma antítese, e concorda com Bernheim quanto à necessidade “urgente” de “um elo que ponha em conexão as duas espécies de fenômenos. Mas, entremeada a essa linha de argumentação, surgem comentários que apontam para um outro aspecto

do problema:

“ A sintomatologia da histeria, sob muitos aspectos, sugere um mecanismo psíquico, embora não se trate, aí, necessariamente, do mecanismo da sugestão.”

O problema que Freud procura apontar parece ser o da necessidade de uma abordagem que não se detenha diante da divisão entre o psíquico e o fisiológico; e, sobretudo, de uma psicologia “para além” da sugestão.

Já neste texto ele manifesta a objeção que irá repetir em diversas instâncias, inclusive quase 30 anos mais tarde, no trabalho sobre a “Psicologia das Massas”:

“ Em minha opinião, o uso cambiante e ambíguo da palavra ‘sugestão’ confere a essas antíteses [entre fenômenos psíquicos e fisiológicos] uma enganadora exatidão, que de fato não existe. Vale a pena refletir sobre o que é que legitimamente podemos chamar de ‘sugestão’. ”

Antes de reproduzir a definição de sugestão proposta por Freud nessa ocasião, convém apontar que, conforme vários indícios permitem inferir, aquilo que é “enganoso” na antítese que ele tenta relativizar é a sua colocação em termos de interno/fisiológico/objetivo versus externo/psicológico/subjetivo. A psicologia da sugestão sustenta essa antítese porque baseia-se nela: tal divisão corresponde à concepção *unitária* vigente na época, segundo a qual o ser humano é constituído por uma anatomia, uma fisiologia e uma psicologia. A divisão torna-se “antítese” quando os campos do saber que se ocupam desses diferentes componentes disputam entre si a causalidade de um mesmo fenômeno. A vantagem da hipótese fisiológica de Charcot sobre a psicologia da sugestão de Bernheim é que ela não reivindica essa exclusividade e, sobretudo, enquanto fisiologia, permite sustentar o estatuto “real” e “objetivo” das doenças nervosas. Pois a coisa se complica, como Freud aponta, na medida em que essa divisão carrega consigo uma divisão dos

estatutos de seus componentes, ficando o anatômico e fisiológico do lado do objetivo/real/interno, e o psicológico do lado do subjetivo/externo. E aquilo que Freud busca, nesse momento, é mais do que um “elo” entre essas partes: o que ele parece estar tentando formular é uma abordagem que efetue uma mudança radical nos termos dessa divisão: a possibilidade de formular uma “subjetividade” que tenha o estatuto do real. Essa possibilidade implica em uma reformulação completa de todos os termos envolvidos; a partir daí perdem o sentido as divisões entre psíquico e fisiológico, interno e externo, subjetivo e objetivo.

Agora, é preciso notar que Freud não enuncia essa busca; nós só podemos inferi-la a partir de seus comentários e na medida em que sabemos que é isso que ele irá encontrar; de qualquer maneira, seu objetivo declarado não é o de realizar uma reformulação no pensamento vigente, mas sim o de formular uma abordagem que corresponda à especificidade das manifestações históricas e hipnóides. O que ocorre é que essa especificidade, como ele bem o percebe, exige essa reformulação. Trata-se, em suma de encontrar o gato preto no quarto escuro aonde não há gato preto.

No restante da citação iniciada acima, ele irá questionar o automatismo da associação entre a sugestão e a “externalidade”, e recordará a “autos-sugestão”, de Charcot, como uma instância em que a sugestão funciona como um mecanismo “interno”:

“ Sem dúvida, alguma espécie de influência psíquica está implícita nesse termo [‘sugestão’]; e eu gostaria de apresentar a idéia de que o que distingue a sugestão de outros tipos de influência psíquica, como dar uma ordem ou fornecer uma informação ou orientação, é que, no caso da sugestão, uma idéia é despertada no cérebro de uma outra pessoa, sendo que a origem de tal idéia não é examinada, e sim aceita-se a idéia como sendo de origem espontânea no cérebro dessa pessoa.”

Freud dá um exemplo “clássico” deste tipo de sugestão, que ocorre quando o médico *diz* à pessoa hipnotizada: ‘o seu braço deve permanecer na posição em que o coloquei’ e com isto instala-se uma catalepsia, ou quando o médico indica claramente ser este o seu desejo, levantando diversas vezes o braço da pessoa hipnotizada e colocando-o em determinada posição. Mas, acrescenta ele, usamos o termo ‘sugestão’ também quando o mecanismo do processo “é muito diferente”; i.e., quando a catalepsia se instala sem que se opere qualquer interferência do médico: “o braço que foi levantado permanece levantado espontaneamente, ou então a pessoa mantém inalterada a postura em que iniciou o sono, a menos que haja alguma interferência.” Freud observa que Bernheim chama este resultado também de sugestão, “dizendo que a própria postura sugere a sua manutenção.” Freud argumenta então:

“ Nesse caso, contudo, o papel desempenhado pelo estímulo externo evidentemente é menor, e o papel desempenhado pela situação fisiológica da pessoa, que rejeita qualquer impulso no sentido de modificar sua postura, é maior do que nos primeiros casos. A diferença entre uma sugestão diretamente psíquica e uma sugestão indireta (fisiológica) talvez possa ser vista com maior clareza mediante o seguinte exemplo...”

Ou seja, Freud protesta contra a associação imediata entre “sugestão” e externalidade, ou psiquismo, argumentando que também a sugestão (palavra de uso ‘cambiante e ambíguo’) pode ser psíquica ou fisiológica em seu mecanismo. Novamente, trata-se de um questionamento das divisões implicitamente sustentadas pela psicologia da sugestão.

No restante do texto, Freud procura traçar distinções entre a sugestão “direta”, ou psíquica, e a sugestão “indireta”, ou fisiológica, que ele faz equivaler à “auto-sugestão”. Termina por propor que as

sugestões indiretas são também processos psíquicos, “contudo não estão mais expostas à plena luz da consciência, que incide sobre as sugestões diretas.” Surge aqui a indicação do elemento que permitirá a realização de uma reviravolta no impasse interno/fisiológico/objetivo versus externo/psíquico/subjetivo: a noção de inconsciente, i.e., um registro que não pertence ao psicológico nem ao fisiológico, que não é interno nem externo, e que faz da subjetividade uma manifestação do real.

Ao comentar a posição adotada por Freud quanto à oposição - representada pela controvérsia entre as Escolas da Salpêtrière e de Nancy mas muito difundida no final do século XIX - entre as explicações fisiológicas ou psicológicas das manifestações históricas e hipnóticas, K. Levin (1944 [1978]) observa que essa posição mantém-se com certa consistência ao longo dos artigos sobre hipnotismo e dos estudos sobre a histeria. A posição de Freud é singular, diz ele, se contrastada com a da maioria dos autores da época, na medida em que ele não faz uma opção em favor da fisiologia ou da psicologia mas, sustentando o tempo todo a necessidade de uma maior compreensão dos mecanismos fisiológicos envolvidos na etiologia destas manifestações, Freud enfatiza cada vez mais em todos os seus escritos da época os processos psíquicos envolvidos na produção das mesmas. Levin nota que Freud dá diversas indicações de que, malgrado a necessidade de uma compreensão fisiológica destes fenômenos, o estado do conhecimento dos processos fisiológicos na época não permite um verdadeiro avanço nesse sentido; por outro lado, a necessidade de compreensão dos mecanismos psíquicos não é menor e que a insuficiência desta compreensão justificava plenamente a concentração de esforços nesse sentido.

Em minha opinião, o que parece ter ocorrido é que Freud não

concorda nem com uns nem com outros, isto é, ele não adota em nenhum momento uma linha de pesquisa fisiológica, embora recorde repetidamente a necessidade da mesma; por outro lado, sua pesquisa dos mecanismos psíquicos das neuroses jamais se inscreve do lado de uma “psicologia pura”. Procurei demonstrar, através desta análise de seu texto, qual seria a singularidade de sua posição - que resultaria em uma reformulação completa da concepção de “causalidade psíquica” - discernível em suas observações críticas sobre o uso explicativo da sugestão. Agora, vamos examinar os desdobramentos dessa posição, que podem ser apreendidos através de outro aspecto da crítica freudiana da sugestão: aquela que concerne seu uso instrumental.

3.2 - A problematização inicial da técnica sugestiva

Freud escreve este prefácio à obra de Bernheim em 1888; no ano seguinte, ele viaja a Nancy. Note-se que nesta época Freud utiliza a sugestão hipnótica no tratamento de seus pacientes, tanto que ele vai a Nancy com o objetivo de aperfeiçoar essa técnica; além disso, recordemos que no texto do prefácio, Freud não faz nenhuma restrição à utilização instrumental da sugestão, concentrando suas críticas sobre o uso explicativo da sugestão no que concerne a etiologia da histeria e da hipnose e o mecanismo de produção de suas manifestações. Mas as restrições ao uso terapêutico da sugestão não tardarão a se surgir, como veremos a seguir.

.Como já lembramos (pg.13), Freud relata no estudo autobiográfico que “desde o início utilizou a hipnose para outros fins”,

ou seja, utilizou-a para investigar a história da produção dos sintomas, como fez Breuer com Anna O. Todavia ele indica que durante esses primeiros anos de sua prática, essa atividade era limitada a alguns casos, ou talvez a alguns momentos de alguns casos, sendo que a técnica empregada regularmente para o alívio dos sintomas era a sugestão hipnótica.

O emprego dessa técnica apresentava alguns problemas para Freud, na medida em que ele não conseguia hipnotizar todos os pacientes nem colocar alguns deles em um estado hipnótico tão profundo quanto desejava.

Ele vai a Nancy, portanto, com o intuito de aperfeiçoar essa técnica. O maior resultado dessa viagem parece ter sido o de convencer Freud dos limites da sugestão hipnótica. Ele levara consigo uma paciente que vinha tratando através desse método, com sucesso relativo; conseguia obter a remoção temporária dos sintomas através da influência hipnótica, mas esse efeito logo cessava e os sintomas reapareciam. Freud atribuiu esse problema, na época, ao fato de jamais ter conseguido fazer com que a paciente alcançasse a fase do sonambulismo com amnésia. Levou-a consigo na esperança de que Bernheim tivesse êxito nesse sentido, mas este também fracassou após diversas tentativas, e confessou a Freud que “seus grandes êxitos terapêuticos por meio da sugestão eram alcançados apenas em sua clínica hospitalar, e não com seus pacientes particulares.” Além deste fato, relatado no estudo autobiográfico, Freud recorda em outro artigo essa estadia em Nancy e revela que:

“Mesmo então sentia uma hostilidade surda contra essa tirania da sugestão, Quando um paciente que não se mostrava dócil, enfrentava o grito: ‘Mas o que está fazendo? *Vous vous contre-suggestionnez!*’, eu dizia a mim mesmo que isso era uma injustiça evidente e um ato de

violência, porque o homem certamente tinha direito a contra-sugestões, se estavam tentando domina-lo com sugestões...”³³

Ainda outra revelação posterior sobre o desconforto de Freud relativo ao uso terapêutico da sugestão pode ser encontrado em suas “Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise”:

“ Fui discípulo de Bernheim, a quem visitei em Nancy, em 1889, e cujo livro sobre a sugestão traduzi para o alemão. Pratiquei tratamento hipnótico por muitos anos, a princípio usando a sugestão proibitória, depois, combinando-a com o método de Breuer, de fazer perguntas ao paciente. Portanto, posso falar dos resultados da terapia hipnótica ou sugestiva, baseado em larga experiência. se, de acordo com as palavras do antigo aforisma médico, uma terapia ideal deve ser rápida, confiável e não desagradável para o paciente...o método de Breuer preenche pelo menos dois desses requisitos. Podia ser efetuado de modo muito mais rápido - ou melhor, infinitamente mais rápido - do que o tratamento analítico, e não causava nem dificuldades nem desgasto ao paciente. Para o médico, ele se tornava, a longo prazo, *monótono* ; em cada caso, proceder da mesma maneira, com o mesmo ritual, proibindo os mais variegados sintomas de existirem, sem ser capaz de aprender nada de seu sentido e significado. Era um trabalho braçal, não uma atividade científica, e lembrava magia, encantamento, truque de prestidigitador. Isto, entretanto, não podia pesar contra o interesse do paciente. Mas faltava a terceira qualidade: o procedimento não era confiável em nenhum aspecto. Podia ser usado com um paciente, mas não com outro, conseguia muita coisa com um e bem pouco, com outro; e jamais se sabia por quê. Pior do que essa incerteza do procedimento era a falta de permanência dos seus êxitos...”³⁴

Em virtude destas objecões, associadas a seu interesse crescente pela utilização investigativa da hipnose, Freud abandona a técnica sugestiva ao retornar de Nancy e passa a utilizar exclusivamente o segundo método. Eventualmente, ele abandona também a hipnose

³³ Freud, S. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921). *ESB* XVIII; pg.114

³⁴ Freud, S. “Conferências introdutórias sobre a psicanálise” (1916-1917 [1915-1917]) Parte III, Conferência XXVIII. *ESB* XVI: pg. 402

investigativa, substituindo-a pela livre associação. Retomaremos no último capítulo o fio dessa história do descarte da sugestão e da hipnose, pois será preciso esclarecer que as razões que o levaram a abandonar a investigação hipnótica são em certo sentido diferentes daquelas que o levaram a abandonar a técnica sugestiva. Todavia, essas duas exclusões, e mais ainda a primeira do que a segunda, são considerados como o “ato inaugural da psicanálise”, a partir do qual é fundado o campo psicanalítico propriamente dito. Essa leitura parece ter tido o efeito de obscurecer o fato de que a crítica freudiana da sugestão já havia sido enunciada desde a época dos escritos ditos pré-psicanalíticos, como procurei demonstrar, e que já nesses primórdios o alvo principal da crítica são os pressupostos envolvidos no uso - seja explicativo ou instrumental - da sugestão.

É preciso frisar ainda que essa crítica dos pressupostos já é norteada por um critério de *eficácia* : a divisão entre interno/fisiológico/objetivo e externo/psicológico/subjetivo e a objetificação estanque em que ela implica é probematizada em termos de sua inadequação à especificidade das manifestações históricas e hipnóticas. Todavia, à medida em que o método psicanalítico é desenvolvido, essa questão da eficácia, desdobrada sempre em paralelo a um desdobramento correspondente da natureza dessa especificidade, pode ser enunciada de forma cada vez mais explícita. Assim, a eficácia da terapia sugestiva - e seus pressupostos- torna-se uma espécie de contraponto aos pressupostos e à eficácia do método psicanalítico.

3.3 - A Sugestão como “Outro” da Psicanálise

Freud data formalmente o nascimento da psicanálise a partir da exclusão das técnicas hipnótica e sugestiva. Esse gesto inaugural de exclusão será repetido em diversas instâncias, uma vez que a especificidade do novo campo passa a ser definida em termos dessa exclusão, que servirá para diferenciar a psicanálise das demais formas de terapia. Além disso, a sugestão passa a figurar como um elemento “que pode retornar”, e portanto essa exclusão inicial precisa ser reafirmada no sentido de uma purificação; a sugestão é o “chumbo” do qual o “ouro puro” da análise deve ser depurado. Enfim, a sugestão passará a desempenhar o papel de um “outro” da psicanálise, um representante de tudo aquilo que ela não é ou não deve ser. Ou, pelo menos, esta é a formulação mais comum entre aqueles que trataram a questão do papel desempenhado pela sugestão na psicanálise. E, como já comentamos aqui, é uma formulação que efetivamente se confirma a partir da leitura dos textos freudianos que tratam da sugestão.

Todavia, ainda que reconhecendo a legitimidade ou a verossimilhança dessa leitura, gostaríamos de defender a opinião de que ela funciona também como uma caricatura do tratamento dado por Freud à questão da sugestão - na medida em que é fiel ao original, mas ao mesmo tempo exagera alguns de seus traços e atenua outros - e, assim, acaba servindo para distorcer aquilo que efetivamente está em questão, i.e., a crítica muito mais abrangente e intrincada que Freud faz da sugestão. Em todo caso, examinemos algumas das instâncias da obra freudiana que justificam a noção de que a sugestão representa um “outro” da psicanálise - sem deixar de apontar também aquilo em que elas vão para além disso.

É verdade que Freud invoca a sugestão como “um divisor de

águas', ou seja como um traço que serve para diferenciar a psicanálise das demais terapias. No artigo de 1904, intitulado "Sobre a Psicoterapia", ele procura caracterizar o que denomina ainda "método catártico ou analítico de psicoterapia", da seguinte maneira:

" Tenho observado que amiúde se confunde esse método com o tratamento hipnótico pela sugestão...Há, na realidade, a maior antítese possível entre técnica sugestiva e analítica - a mesma antítese que, com relação às belas artes, Leonardo da Vinci resumiu nas fórmulas: *Per via di porre e per via de levare*. A pintura...opera *per via do porre*, pois ela aplica uma substância...onde nada existia antes, na tela incolor; a escultura, contudo, processa-se *per via de levare*, visto que retira do bloco de pedra tudo o que oculta da superfície a estátua nela contida. De modo semelhante, a técnica de sugestão visa a processar-se *per via di porre* ; não se interessa pela origem, força e significado dos sintomas mórbidos, mas ao revés, superpõe algo - uma sugestão - na expectativa de que será bastante vigorosa para impedir que a idéia patogênica venha a expressar-se. A terapia analítica, por outro lado, não procura acrescentar nem introduzir nada de novo, mas a retirar algo, a fazer aflorar alguma coisa, sendo que para esse fim se preocupa com a gênese dos sintomas mórbidos e o contexto psíquico da idéia patogênica que procura remover." ³⁵

Esta passagem formula o princípio do método psicanalítico (a *via de levare*), contrastando-o com o princípio do uso vigente do método sugestivo - ou psicoterapêutico (*avia de porre*). Esse contraste será repetido através de outras imagens que percorrem o texto freudiano, como por exemplo aquela que evoca a diferença entre a cosmética e a cirurgia. Ressaltemos seu sentido mais evidente: o método psicanalítico visa revelar (ou "encontrar") aquilo que a sugestão encobre. E o que ela encobre, em primeira instância, é o elemento transferencial que o

³⁵ Freud, S. "Sobre a Psicoterapia" (1905[1904]). *ESB* VII: 270-271.

método psicanalítico transforma em fator operatório de seu processo.

Examinemos outra instância da obra freudiana que trata da “antítese” entre o método psicanalítico e o método sugestivo; uma instância que tem a vantagem adicional de nos introduzir logo na questão da transferência mencionada acima. Referimo-nos às “Conferências Introdutórias sobre a psicanálise”, nas quais Freud resume, por assim dizer, todo o problema do papel desempenhado pela sugestão instrumental na prática psicanalítica.

O problema da sugestão na psicanálise aparece ao final da Conferência 27 sobre a “Transferência”, e é utilizado por Freud como uma ponte entre essa conferência e a seguinte, Conferência 28, sobre “A terapia analítica”.

Ao final da conferência sobre a transferência, Freud comenta que há uma “tendência ou capacidade universal de dirigir catexias libidinais às pessoas”, e que a tendência à transferência dos neuróticos é apenas um aumento extraordinário dessa característica universal. Acrescenta que seria estranho se esse traço humano tão difundido e tão importante jamais tivesse sido notado, e afirma que, de fato, ele o foi. Freud refere-se a Bernheim e sua teoria da sugestionabilidade, sobre a qual faz o seguinte comentário:

“ Bernheim, que tinha um olho infalível, baseou sua teoria dos fenômenos hipnóticos na tese segundo a qual toda pessoa, de alguma forma, é ‘sugestionável’. Sua sugestionabilidade não era senão a tendência à transferência, concebida um tanto estreitamente, por não incluir a transferência negativa. Mas Bernheim jamais pôde dizer o que era realmente a sugestão e como ela surgia. Para ele, tratava-se de um fato fundamental, cuja origem não conseguia esclarecer. Ele não sabia que sua ‘suggestibilité’ dependia da sexualidade, da atividade da libido. E devemos dar-nos conta que, em nossa técnica,

abandonamos a hipnose apenas para redescobrir as sugestões na forma da transferência.”³⁶

Nesta passagem, Freud faz equivaler a tendência geral à sugestionabilidade, de Bernheim, à tendência geral à transferência, de sua própria teoria. Isto significa que a operação da transferência é igual à operação da sugestão?

Há uma equação, mas não parece que seja de equivalência absoluta. Como observa J.A. Miller, em uma de suas conferências sobre teoria psicanalítica, podemos distinguir três formas de transferência dispersas através da obra freudiana: uma que identifica a transferência com a repetição, outra que identifica transferência e resistência e, finalmente, uma que identifica a transferência e a sugestão.³⁷ Se concordarmos com essa observação, concluiremos logo que a correspondência proposta aqui por Freud entre transferência e sugestão é uma correspondência parcial, uma vez que a transferência não é identificada por ele apenas com a sugestão. Mas mesmo se nos ativermos apenas a esta passagem, vemos também que a equivalência nela traçada não é absoluta, uma vez que a “transferência negativa” é deixada de fora da equação.

O que Freud parece estar frisando aqui são dois pontos interrelacionados. O primeiro é sua perene objeção à sugestão como princípio explicativo; a sugestão explica tudo, mas o que explica a sugestão? O segundo é sua alegação de que a psicanálise pode oferecer, e oferece, uma explicação de como a sugestão opera, e ela o faz recorrendo ao conceito de transferência. A transferência dá conta da

³⁶Freud, S. “Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise” (1916-1917 [1915-1917]). *ESB* XVI: 519

³⁷ Miller, J.A. “ Conferências Caraquenhãs” (1984), em *Percurso de Lacan*. Ed. Jorge Zahar, R.J., 1987 pg. 58

sugestão, mas o reverso não é verdadeiro. Portanto, a sugestão é explicável pela psicanálise como um aspecto ou manifestação da transferência.

Agora, podemos perguntar: Mas *que* aspecto ou manifestação é esse? Nesta passagem, Freud parece estar assimilando a sugestão à transferência “positiva” - na medida em que indica a transferência “negativa” como aquilo que fica de fora da equação, aquilo que não é igual à sugestão. Se levarmos essa passagem ao pé da letra, temos uma situação estranha, aonde a transferência negativa apareceria como a força operativa mais desejável ou mais “pura” do processo analítico, uma vez que só ela estaria livre da mácula da sugestão. Mas, na verdade, o que encontramos aqui é o cerne do que Freud está dizendo: o que a sugestão encobre é aquilo que *resiste*. Se pudermos entendê-lo assim, deve ficar claro também que nesse ponto tanto faz se a transferência é “negativa” ou “positiva”; ambas são manifestações daquilo que tem por traço principal o resistir: o desejo. A que resiste o desejo? Essencialmente, a manifestar-se como tal. Nesse sentido, a “resistência” não é só um aspecto da transferência, mas sua própria razão de ser.

O desejo resiste, mas insiste; ao mesmo tempo em que resiste a manifestar-se como tal, insiste em se revelar - ou seja, endereçar-se a alguém - sempre como deformação. Esse é o mecanismo da transferência que, em sua face “positiva”, implica na sugestionabilidade. Nesse texto, como em muitas outras instâncias, Freud reconhece que se é forçado a admitir a presença da sugestão ou da sugestionabilidade como um aspecto inevitável da transferência - logo, do próprio processo psicanalítico. Pois este, na medida em que utiliza a transferência como princípio operatório, faz uso da medida de

sugestionabilidade em que ela implica para assegurar a participação do paciente nesse processo, que consiste essencialmente em uma interrogação das relações do sujeito com o seu desejo.

Este reconhecimento aponta imediatamente para o problema que Freud debate a seguir; uma vez reconhecida a inevitabilidade da presença da sugestão no processo analítico, o que pensar da psicanálise? Freud postula um interlocutor imaginário que levanta todas as objeções que podem surgir a partir daí: Se a psicanálise “não passa de uma forma de sugestão”, porque dispende tanto dinheiro, tempo e energia no “caminho indireto” das recordações do passado, da descoberta do inconsciente, da interpretação e tradução retrospectiva das distorções, etc. - quando a única coisa eficaz, no fim das contas, é apenas a sugestão? Por que não fazer sugestões diretas contra os sintomas, como os honestos hipnotizadores? Além disso, se a psicanálise procurar desculpar seus rodeios com a alegação de ter realizado importantes descobertas psicológicas importantes que são ocultas pela sugestão direta - qual a validade, nesse caso, de tais descobertas? Não seriam elas também resultado da sugestão, mesmo não-intencional, por parte do analista?

Devemos notar que a antecipação destas objeções completa a formulação do “problema da sugestão na psicanálise”, tal como o esboçamos sucintamente no início desta seção. Freud prossegue observando que trata-se de um problema “extraordinariamente interessante”, e que “deve ser respondido”. Ele propõe fazê-lo na conferência seguinte, sobre “a terapia analítica”.

Nesta conferência, a resposta de Freud à sua própria formulação do problema é desenvolvida com o auxílio de um interlocutor imaginário e é dividida em duas partes, endereçadas às duas partes da

própria formulação: a primeira concerne a possibilidade de que a terapia psicanalítica não passe de uma forma tortuosa de sugestão, enquanto a segunda parte afirma que, se isto é verdadeiro, então todas as supostas descobertas da psicanálise perdem seu valor de verdade.

Freud argumenta contra a primeira objeção estabelecendo diferenças entre a “sugestão direta” e a “sugestão psicanalítica”. Ele recorda a sua própria experiência com a prática da sugestão “direta” e seu testemunho da clínica de Bernheim. Essa é a passagem, citada mais atrás, na qual Freud caracteriza a sugestão direta como um processo “repetitivo e monótono” e, no fim das contas desprovida de sentido enquanto “atividade científica”. Além disso, seus resultados são inconstantes, desiguais e de curta duração. Freud prossegue afirmando que a prática da sugestão direta estaria perfeitamente de acordo com a atitude médica da época, em geral:

“ A prática da terapia hipnótica exige muito pouco, tanto do paciente como do médico. Ajusta-se magnificamente bem à idéia que a maioria dos médicos tem das neuroses. O médico diz ao paciente neurótico: não há problema com você, é só uma questão de nervos; assim, posso acabar com esse problema em dois ou três minutos, só com algumas palavras. Mas nossa visão das leis da energia é insultada coma noção de que é possível mover um grande peso com uma insignificante aplicação de força, agindo diretamente, sem o auxílio externo de algum dispositivo apropriado.”³⁸

Notemos que uma das principais objeções que Freud faz à terapia sugestiva é aplicável também a suas considerações sobre o valor da sugestão como princípio explicativo das manifestações do psiquismo: em ambos os casos, a sugestão (tanto no sentido do ato sugestivo quanto no

³⁸ Freud, S. “Conferências introdutórias sobre a psicanálise” (1916-1917 [1915-1917]). *ESB* VII: pg. 525-526

sentido da idéia de sugestão) é “muito pouco”. É “muito pouco” em relação à força dos mecanismos neuróticos e em relação à complexidade do psiquismo. E esse “muito pouco”, esse insulto, como diz Freud, tem sua correspondência em uma posição de não-reconhecimento de tal força e de tal complexidade; podemos mesmo dizer que *implica* em semelhante posição.

Mas já tivemos a oportunidade de constatar, no capítulo anterior, que os pressupostos envolvidos no uso da sugestão não tem nada de simplórios; ao contrário, correspondem a um pensamento que possui a sua própria complexidade. Então, a que, precisamente refere-se Freud - que certamente não ignora a força desses pressupostos - ao criticar o “pouco caso” em que esses usos da sugestão implicam? Em que consiste essa complexidade ignorada pelos mesmos?

Não gostaria de oferecer uma resposta precipitada a essas perguntas, que constituem uma das questões mais importantes deste trabalho. Na verdade, é a questão que venho procurando formular aos poucos, ao apontar os pressupostos do uso da sugestão que são alvo da crítica freudiana. A resposta a essa questão envolve também uma resposta à pergunta sobre o que é que a psicanálise descobre ou revela, que seria encoberto por esses usos da sugestão.

Note-se que Freud opõe-se sempre a esses usos, e não à sugestão em si. Sua crítica inclui uma tentativa de redimensionar, explicar, redefinir a sugestão, enquanto prática e enquanto idéia.

Retomando o texto que estamos examinando: Freud termina por resumir a diferença entre a sugestão “direta”, tal como empregada no tratamento hipnótico sugestivo, e o tratamento psicanalítico, com a reedição de uma antiga imagem:

“O tratamento hipnótico procura encobrir e dissimular algo existente

na vida mental; o tratamento analítico visa a expor e eliminar algo. o primeiro age como cosmético, o segundo, como cirurgia.”

É novamente a diferença entre a *via de porre* e a *via de levar*. A esta altura, somos tentados a comentar que, não obstante a força imaginativa dessa comparação entre a pintura e a escultura, a verdade é que o bloco de mármore parece ter tão pouco a dizer no processo quanto a tela em branco. Mas essa objeção não parece ter escapado a Freud; tanto que ele antecipa alguma coisa nesse sentido, logo adiante: “Contudo..não importa se denominamos a força motriz de nossa análise de transferência ou de sugestão, me dirão que permanece o risco de que a influência sobre o nosso paciente possa tornar duvidosa a certeza objetiva de nossas descobertas.”

A essa objeção, que Freud diz ser a mais frequentemente feita contra a psicanálise, ele replica que ela pode ser desfeita mais facilmente apelando para a experiência do que para a teoria: “todo aquele que tiver efetuado psicanálises terá sido capaz de convencer-se, vezes sem conta, de que é impossível, dessa forma, fazer sugestões a um paciente.”

E acrescenta:

“Naturalmente o médico não tem dificuldade em torna-lo (o paciente) um adepto de uma determinada teoria, e então faz-lo compartilhar de alguns erros seus. Nesse aspecto, o paciente se comporta como qualquer outra pessoa - como um aluno - mas isso atinge apenas a sua inteligência, não sua doença.”

Esta observação parece mais um chiste do que um argumento sério, mas na verdade ela aponta para uma síntese da argumentação de Freud, neste texto: *mesmo que haja sugestão na análise, não é isso que a faz funcionar*. Logo a seguir, surge uma afirmativa bastante estranha: Freud admite que a análise tenha um aspecto “educativo”, mas indica tratar-se de uma educação singular, por assim dizer, pois não visa o

aprendizado de qualquer conteúdo objetivo, e consiste apenas em fazer com que o paciente aprenda a superar suas “resistências internas”:

“O tratamento hipnótico deixa o paciente inerte e imodificado, e, por esse motivo também, igualmente incapaz de resistir a alguma nova oportunidade de adoecer. Um tratamento analítico exige do médico, assim como do paciente, a realização de um trabalho sério, que é empregado para desfazer as resistências internas. Através da superação dessas resistências, a vida mental do paciente é permanentemente modificada, é elevada a um alto nível de evolução e fica protegida contra novas possibilidades de adoecer. Esse trabalho de superar as resistências constitui a função essencial do trabalho analítico; o paciente tem que realiza-lo e o médico lhe possibilita faze-lo com a ajuda da sugestão, operando em um sentido *educativo*. Por esse motivo, o tratamento psicanalítico tem sido apropriadamente qualificado como um tipo de *pós-educação*.”

Que espécie de “educação” é essa? Como entender essa “superação das resistências”, se a resistência é um traço fundamental do desejo, e se a interrogação das relações do sujeito com o seu desejo é justamente a razão de ser do método psicanalítico? Podemos raciocinar que tal superação concerne aquilo que se visa com essa interrogação: a possibilidade de uma transformação nessas relações. É preciso “desfazer” as resistências, apenas para que o desejo possa encontrar novas formas de resistir. Mas em que sentido isso pode ser entendido como uma “educação” - se trata-se justamente de uma operação que nada tem a ver com a inteligência ou com o conhecimento? Parece que Freud está utilizando o termo “educação” aqui, no sentido de uma “transformação”.³⁹Esse sentido fica claro na passagem citada logo abaixo.

Nela, Freud oferece o que lhe parece ser o mais decisivo argumento

³⁹Uma discussão mais sistemática das relações entre psicanálise e educação pode ser encontrada em Nicolaci da Costa, A.M. “Pedagogia e Psicologia Clínica”, em *Psicologia Clínica; pós-graduação e pesquisa*. PUC-RJ, Ano 3, Agosto 1988 ogs.15-30

para a diferenciação entre a sugestão e a psicanálise, que concerne o destino da transferência:

“É essa última característica que constitui a diferença fundamental entre a terapia analítica e a terapia meramente sugestiva, e que livra os resultados da análise da suspeita de serem sucessos devidos à sugestão. Em qualquer tipo de tratamento sugestivo, a transferência é cuidadosamente preservada e mantida intocada; na análise, a própria transferência é sujeita a tratamento, e é dissecada em todas as formas sob as quais aparece. Ao final de um tratamento, a transferência deve estar, ela mesma, totalmente resolvida; e se o sucesso então é obtido ou continua, ele não repousa na sugestão, mas sim no fato de, mediante a sugestão, haver-se conseguido superar as resistências internas e de haver-se efetuado uma modificação interna no paciente.”

Essa transformação “interna” concerne portanto, como foi dito, as relações do sujeito com seu desejo. Cabe lembrar, todavia, que essas relações - assim como o sujeito delas - são em princípio “desconhecidas” do paciente, são inacessíveis, em princípio, ao seu conhecimento, são, enfim, “externas” ao que ele entende como seu. O método psicanalítico não consiste em um aprendizado no qual o paciente seria levado a “tomar conhecimento” disso, e sim em um processo de “revelação” através do apontamento de suas manifestações.

Para que esse processo se dê, é naturalmente imprescindível que essas manifestações possam ocorrer e que, ao ocorrerem, possam ser apontadas como tais e que esse apontamento produza o efeito de uma revelação. A “resistência” a que Freud se refere é tudo aquilo que aparece como obstáculo a essas possibilidades. Todavia, a “superação” das resistências, no tratamento psicanalítico, não é outra coisa senão a sua inclusão nesse mesmo processo; isto é, as resistências, no fim das contas, são apontadas como manifestações do trabalho do desejo. O problema é que, efetivamente, a diferença que separa esses

apontamentos de uma “sugestão” pode ser finalmente impossível de ser formulada em argumentos convincentes.

É o que Freud enuncia logo a seguir, reconhecendo que a despeito de seus esforços, não se pode esperar que sua argumentação convença aqueles que não passaram pela “experiência” analítica. Assim, ele busca reforços, por assim dizer, em “uma outra fonte irrepreensível”, a fim de comprovar a legitimidade das descobertas da psicanálise: “Nossos fiadores nesse caso são aqueles que sofrem de demência precoce e paranóia, os quais, naturalmente, estão acima de qualquer suspeita de serem influenciados pela sugestão”. Freud afirma que as traduções das produções (símbolos e fantasias) desse tipo de pacientes, que neles “irromperam na consciência”, coincidem fielmente com os resultados das investigações acerca do inconsciente dos que apresentam neuroses de transferência; “e, assim, confirmam a correção objetiva de nossas interpretações, sobre a qual tantas vezes se lançam dúvidas”.

Assim, o testemunho da psicose é invocado como garantia da legitimidade das descobertas da psicanálise, uma vez que suas produções corroboram estas descobertas, e que o psicótico não é influenciável pela sugestão. Mas a pergunta que nos interessaria colocar aqui seria o que essa invocação revela do pensamento de Freud sobre a sugestão, e sobre a natureza das descobertas psicanalíticas em questão. Ele parece estar dizendo que, por mais que se insista em dizer - através de argumentos que são sempre, em última instância, o argumento da sugestão - que o gato preto não está lá e que isso não passa de um truque, mesmo assim ele está. A prova disso é que há quem o carregue por aí à plena luz do dia e na vista de todos. Essa prova não é essencialmente diferente das “revelações” obtidas na análise das neuroses. Em última instância, resta sempre algo que não é

demonstrável pelos argumentos convencionais da razão. Pode-se tentar descrever o gato preto, mas descreve-lo não é absolutamente a mesma coisa que encontra-lo. Assim, a psicanálise na verdade não pode apresentar argumentos racionais contra o argumento da sugestão; seu argumento mais eficaz é o da “experiência”, e a transmissibilidade dessa experiência permanecerá como um problema para o método psicanalítico.

O que Freud parece estar dizendo é que há um desencontro fundamental entre os pressupostos envolvidos no uso da sugestão e os fundamentos da psicanálise, e que a argumentação racional não pode resolver inteiramente esse desencontro. O que a teoria psicanalítica pode fazer é o que Freud faz através da crítica da sugestão: apontar a existência desse desacordo fundamental, indicando que a psicanálise está às voltas com alguma coisa que os pressupostos da psicologia da sugestão simplesmente não levam e não podem levar em conta.

Detivemo-nos tão minuciosamente no exame do texto destas duas conferências porquê nelas encontramos, condensada sob a forma de um raciocínio encadeado, todos os pontos importantes da crítica freudiana ao uso instrumental da sugestão, e todos os argumentos que substanciam a circumscrição do campo psicanalítico a partir da exclusão da sugestão; com a vantagem adicional de encontrarmos também, na forma dos argumentos do interlocutor imaginário de Freud, todos os argumentos da crítica mais comum à psicanálise, que consiste em acusá-la, de uma maneira ou de outra, de não passar de uma forma de sugestão.

Para além desses aspectos mais evidentes ou mais conhecidos, encontramos aí, mais uma vez, a indicação de que o verdadeiro “outro” apontado por essa crítica é todo um pensamento cujos pressupostos são aqueles implicados no uso instrumental ou explicativo da sugestão. Como foi dito, a crítica freudiana da sugestão aponta em última instância para uma incompatibilidade fundamental entre esses pressupostos e a possibilidade de demonstração daquilo que Freud enuncia como a “verdade” evidenciada pelo método psicanalítico. Essa incompatibilidade não é só uma diferença de pontos-de-vista; trata-se mais uma vez de que a “sugestão *recobre* aquilo que a psicanálise revela”. Vamos examinar a seguir uma instância da obra freudiana que enuncia explicitamente em que consiste isso que é encoberto/revelado. Nesse texto, a crítica freudiana incide novamente sobre o uso explicativo da sugestão.

3.4 - A “palavra mágica” e a libido

O trabalho sobre a psicologia das massas (1921) consiste em uma série de artigos interconectados nos quais Freud desenvolve uma reflexão sobre as supostas diferenças entre a psicologia do indivíduo e a psicologia social. Partindo do fato de que “o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui uma profunda alteração em sua atividade mental”, Freud indaga se haveria necessidade de postular uma psicologia específica dos processos psíquicos grupais, ou se é possível dar conta de tais alterações recorrendo aos princípios da psicologia individual. Essa questão é colocada desde o início de forma mais ou menos retórica, uma vez que

Freud começa por problematizar a própria noção de uma “psicologia individual” observando que esta “raramente se acha em posição de desprezar as relações do indivíduo com os outros”. E, de fato, os artigos que compõe o trabalho são desenvolvidos no sentido de estender ao grupo as descobertas efetuadas pela psicanálise no campo da assim-chamada “psicologia individual”.

Os primeiros artigos constituem uma revisão da literatura contemporânea dedicada aos fenômenos psíquicos grupais. Não nos estenderemos aqui sobre os detalhes dessa revisão. Basta sublinhar que Freud aproveita dessa literatura algumas teses fundamentais, com as quais ele parece estar de acordo: que a “atividade mental” do indivíduo no grupo apresenta-se frequentemente modificada através da influência grupal; que essa modificação vai no sentido de um aumento da submissão às emoções, e de uma redução da capacidade intelectual, sendo que ambos os processos dirigem-se para uma aproximação maior com os outros indivíduos do grupo; que esse resultado revela uma remoção temporária das inibições aos instintos de cada indivíduo e a submissão deste às inclinações que não são especificamente suas. Daí podemos passar logo à conclusão que Freud oferece sobre essas teses, ao início do 4º artigo, nos seguintes termos:

“Nosso interesse dirige-se agora para a descoberta da explicação psicológica dessa alteração mental que é experimentada pelo indivíduo num grupo...É claro que os fatores racionais (tais como a intimidação do indivíduo que já foi mencionada, ou seja, a ação de seu instinto de autopreservação) não abrangem os fenômenos mencionados. Além disso, o que nos é oferecido como explicação por autoridades em sociologia e psicologia de grupo é sempre a mesma coisa, embora receba diversos nomes: a palavra mágica ‘sugestão’.”⁴⁰

⁴⁰ Freud, S. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” . *ESB* vol. XVII: pg.113

“Palavra mágica”: essa expressão sintetiza bem a opinião de Freud sobre a utilização da sugestão, ainda que “sob diversos nomes”, como princípio explicativo dos processos psíquicos ou, como ele próprio caracteriza esse ponto de vista, “a assertiva de que a sugestão (ou mais corretamente, a sugestionabilidade) é um fato fundamental na vida mental do homem.

Freud prossegue recordando sucintamente sua própria experiência com essa “palavra mágica” e suas objeções à terapia sugestiva; relata a “hostilidade surda” que o acometia contra a “tirania da sugestão” e acrescenta:

“Mais tarde minha resistência tomou o sentido de protestar contra a opinião de que a própria sugestão, que explicava tudo, estava isenta de explicação. Pensando nisso, eu repetia a velha adivinhação: ‘Cristovão carregava Cristo; Cristo carregava o mundo inteiro; onde, então, Cristovão apoiava o pé?’.”

Devemos fazer intervir nesta passagem duas observações: primeiro, que Freud formulou esta objeção à “explicação pela sugestão” antes mesmo de abandonar a prática sugestiva, como tivemos oportunidade de comprovar no exame do prefácio à tradução da obra de Bernheim - é possível que ele esteja incorrendo aqui em novo engano cronológico semelhante ao que ocorre em sua autobiografia, segundo nota do editor (ele relata o episódio da visita a Nancy como antecedendo a sua tradução do livro de Bernheim, quando na verdade essa obra data de mais de um ano antes da visita.). Segundo, que vale a pena inserir aqui um comentário sobre o texto que o editor aponta, em nota de rodapé inserida ao final da passagem citada acima, como exemplo de uma instância que corresponde à “resistência” evocada por Freud: trata-se da história clínica do “pequeno Hans”.

Esse estudo de caso, publicado em 1909, é bem conhecido: trata-se, como indica o título do relato, da análise de um caso de fobia em um menino de cinco anos, filho de um paciente de Freud. O tratamento foi efetuado informalmente pelo pai da criança, mas conduzido, através deste, por Freud - fato do qual Hans estava ciente. Ao final do relato, Freud observa que o quadro da vida sexual de uma criança fornecido por Hans está muito de acordo com os pontos de vista sobre o assunto que ele expressara anteriormente em seus "Três Ensaios sobre a Sexualidade". E prevê imediatamente uma das objeções que poderiam ser levantadas quanto a essa concordância: a de que todas as produções do menino seriam atribuíveis à sugestionabilidade. E comenta:

"Mais uma vez, em suma, a coisa toda é simplesmente 'sugestão' - a única diferença é que, no caso de uma criança, ela pode ser desmascarada mais facilmente do que no caso de um adulto...Coisa singular. Lembro-me, quando comecei a me introduzir no conflito de opiniões científicas há vinte e dois anos atrás, de com que zombaria a geração mais velha de neurologistas e psiquiatras dessa época recebeu as afirmações sobre a sugestão e seus efeitos. Desde então a situação mudou fundamentalmente. A aversão original converteu-se numa aceitação demasiado pronta; e isso aconteceu não só como consequência da impressão que o trabalho de Liébault e Bernheim e de seus alunos não poderia deixar de criar...mas também porque desde então se descobriu que grande economia de pensamento pode ser feita com o uso da chamada 'sugestão'. Ninguém sabe e ninguém se importa com o que seja sugestão, de onde ela vem, ou quando surge - basta que tudo de estranho na região da psicologia seja rotulado de 'sugestão'."⁴¹

Freud prossegue ainda por mais duas páginas em sua réplica a essa objeção antecipada, mas para os nossos propósitos basta a citação da passagem dada acima. Trata-se, enfim, de um exemplo daquilo a que

⁴¹ Freud, S. "Análise de um caso de fobia em um menino de cinco anos" (1909). *ESB* vol. X: pg.110

Freud se refere, no artigo sobre “Sugestão e Libido” ,como uma das formas tomadas pela sua “resistência” à sugestão. A escolha desse termo, por sinal, não deixa de ser interessante, mas teremos oportunidade de comenta-la em nossa discussão final. Por ora, retornemos ao tal artigo. Nele, Freud prossegue observando que:

“Agora que mais uma vez abordo o enigma da sugestão, depois que me mantive afastado dele por cerca de trinta anos, descubro que não houve mudança na situação.”

Aqui, mais uma vez, cabe ressaltar que parece haver um engano na cronologia evocada por Freud, já que, conforme tivemos oportunidade de constatar nas seções anteriores, e também na passagem citada do caso do Pequeno Hans, ele na verdade se ocupou do “enigma da sugestão” diversas vezes, no intervalo decorrido entre a visita a Bernheim e a redação do artigo sobre a “Psicologia das Massas”. Mas podemos entender essa declaração como querendo dizer que, nesse meio tempo, ele não tornou a investigar as demais produções contemporâneas sobre o assunto. Essa interpretação é justificada, ademais, pela sequência da citação dada acima, na qual Freud faz referência justamente ao estado das pesquisas sobre a sugestão que estariam em andamento na época, acrescentando: “Eu não fugiria à tarefa de sustentar aquela afirmativa (sobre a imprecisão do termo ‘sugestão’) por uma análise da literatura dos últimos trinta anos, se não me achasse ciente de que está sendo empreendida, muito próximo, uma exaustiva investigação que tem por objetivo a realização da mesma tarefa.” Sobre essas pesquisas, uma nota de rodapé acrescentada posteriormente esclarece que as mesmas não foram concluídas.

Freud anuncia então que, em vez de empreender essa semiologia da sugestão, ele tentará utilizar o conceito de *libido*, “que nos prestou bons serviços no estudo das psiconeuroses, a fim de lançar luz sobre a

psicologia de grupo.”

Ou seja: ele propõe dispensar sumariamente o termo sugestão, substituindo-o pelo conceito de “libido”. Essa substituição nada tem de arbitrária. Tanto que, mais adiante, após uma extensa explicação sobre o sentido em que o “amor” é entendido pela teoria psicanalítica, Freud declara:

“Tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal. recordemos que as autoridades não fazem menção nenhuma dessas relações. Aquilo que lhes corresponderia está evidentemente oculto por detrás do abrigo, do biombo da sugestão.”⁴²

Assim, a substituição da sugestão pela libido não é bem uma substituição de termos, para Freud, e sim a remoção de um obstáculo encobridor. Uma vez removido esse obstáculo constituído pela utilização da noção de sugestão como princípio explicativo dos fenômenos psíquicos, é possível descobrir ali alguma coisa que esse “biombo” não permitia discernir, que é a dimensão amorosa ou libidinal. Trata-se, enfim, das relações do *sujeito* com seu *desejo*, ou melhor, do sujeito que emerge em relação ao desejo.

A partir daí, Freud encaminhará a discussão no sentido de desvendar a natureza, a formação e os processos que regem os laços afetivos estabelecidos nos grupos. Estabelece, de saída, dois tipos de laços: aqueles mantidos entre os membros do grupo, e aquele mantido por cada membro do grupo com o líder - sendo que este último, Freud o considera como mais preponderante. Esse laço é comparado por ele àquele que se estabelece entre o hipnotizador e o hipnotizado - relação

⁴² Freud, S. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921). *ESB* XVIII: pg. 117

comparável, por sua vez, a certos aspectos do estado de enamoramento. Esse é o tema abordado no artigo intitulado “Estar amando e hipnose”, e desenvolvido nos artigos subsequentes.

Nestes, Freud faz remontar as origens das formações grupais à horda primeva, e compara o líder do grupo à figura do pai primevo. Tanto entre hipnotizado e hipnotizador, como entre a horda e o pai primevo, subsiste o mesmo traço peculiar que une o grupo ao líder: este é colocado pelos membros do grupo no lugar do ideal do eu, o que tem por consequência a identificação dos membros do grupo uns com os outros. E oferece uma definição da sugestão:

“ A hipnose bem pode reivindicar sua descrição como um grupo de dois. Aqui fica como definição para a sugestão: uma convicção que não está baseada na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo erótico.”

A essa definição, ele acrescenta ainda a seguinte nota de rodapé:

“ Parece-me digno de ênfase o fato de que os assuntos discutidos nesta seção nos induziram a abandonar a concepção de Bernheim sobre a hipnose e retornar àquela ingênua, primitiva. De acordo com Bernheim, todos os fenômenos hipnóticos devem ter sua origem remontada ao fator da sugestão, incapaz ele próprio de explicação ulterior. Chegamos à conclusão de que a sugestão constitui uma manifestação parcial do estado de hipnose e que esta se acha solidamente fundamentada numa predisposição que sobreviveu no inconsciente, proveniente da primitiva história da família humana.”⁴³

A “predisposição” a que Freud alude na nota é comentada no corpo do texto: trata-se do desejo do grupo de ser governado pela força irrestrita, e sua paixão pela autoridade.

Sem entrar em maiores discussões sobre os pormenores da explicação freudiana para a psicologia das massas, gostaríamos de

⁴³ Freud, S. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” . *ESB* XVIII: pg.161

comentar apenas que a noção do pai primevo representa aí o papel de *condição de possibilidade*. A condição de possibilidade para a existência do grupo - assim como para a do próprio "eu" - é dada por um ponto que, "internalizado", define-o a partir do exterior. Ou melhor, a partir de um ponto de "externalidade" situado no próprio âmago do eu, ou do grupo. A sugestão incide sobre o 'eu', mas essa incidência só opera seus efeitos na medida em que esse 'eu' se constitui em relação a alguma coisa que não é ele mesmo. Freud entende essa noção como radicalmente diferente da psicologia da sugestão no estilo berheiniano, e chega a dizer que se aproxima mais de uma concepção 'ingênuas' anterior a esta. Ele refere-se provavelmente à concepção segundo a qual a sugestão é apenas uma das manifestações da hipnose, e os estados hipnóides representam uma predisposição do psiquismo humano. O que esta concepção tem em comum com o pensamento freudiano é essencialmente a noção de que o psiquismo humano é determinado desde o interior por instâncias que são radicalmente estranhas ao eu e à consciência: esta noção é metaforizada pelas teorias da hereditariedade, que de alguma maneira a preservam, mas é "obstruída" pela psicologia da sugestão, na qual todas as determinações são dadas ao nível desse eu e dessa consciência. Retornaremos a esta discussão no último capítulo.

Por ora, vejamos ainda mais um desdobramento da crítica freudiana à psicologia da sugestão - uma instância que ultimamente se articulará com o que acabamos de ver.

Neste mesmo artigo, Freud faz referência às idéias de Ferenczi sobre a hipnose:

" Ferenczi (1909) realizou a descoberta de que, quando o hipnotizador dá a ordem para dormir, o que com frequência faz no começo da hipnose, ele está se colocando no lugar dos pais do sujeito. Pensa ele que dois tipos de hipnose devem ser distinguidos: um persuasivo e

tranqüilizador, segundo ele modelado na mãe, e um outro ameaçador, que deriva do pai. Ora, na hipnose a ordem para dormir significa, nem mais nem menos, uma ordem para afastar do mundo todo o interesse e concentrá-lo na pessoa do hipnotizador. E ela é assim entendida pelo sujeito, pois nessa retração do interesse do mundo externo reside a característica psicológica do sono e nela se baseia o parentesco entre este e o estado de hipnose.”

O prosseguimento que Freud dá a este comentário deixa claro um ponto de discordância em relação a Ferenczi: para Freud, o que é desperto ou reanimado no indivíduo pela ordem de dormir vincula-se à figura do pai primevo - que concerne o *sujeito do desejo* - e não exatamente aos pais que fazem parte de sua história individual. Ou seja, isso concerne aquilo que não está nem “dentro” nem “fora” do indivíduo, mas que opera “de dentro” como externalidade; aquilo que não é “objetivo” mas também não é “subjetivo”, uma vez que sua externalidade tem um pé no real, como indica a postulação de sua origem em uma pré-história filogenética; aquilo, enfim, que determina as relações do sujeito com seu desejo para além da soma de todas as determinações advindas de sua história imediata e individual.

Essa diferença fará com que Ferenczi formule o problema da sugestão na psicanálise como um problema fundamentalmente moral, ao passo que para Freud não se trata disso. Para ele, trata-se de um problema de *eficácia* : a psicologia da sugestão, ou os pressupostos envolvidos no uso instrumental e explicativo da sugestão, constituem uma barreira, um obstáculo à possibilidade de conceber um método eficaz para a interrogação das relações do sujeito com seu desejo.

Examinemos a formulação dada inicialmente por Ferenczi ao problema da sugestão na psicanálise. Cabe ressaltar que, mais tarde, à medida em que desenvolve sua clínica no sentido da pesquisa de uma

“técnica ativa”, Ferenczi mudará de opinião sobre a questão da sugestão, chegando mesmo a levantar a possibilidade de um retorno à utilização da hipnose. Suas primeiras formulações, todavia, são as que interessam a este trabalho, na medida em que seguem de perto a crítica freudiana da sugestão, mas diferenciam-se dela em um ponto importante que desejamos ressaltar, que é, como foi dito, a fundamentação dessa crítica em uma “moral” do indivíduo.

3.5 - Ferenczi e a questão da sugestão na psicanálise

Em um artigo de 1912, intitulado “Sugestão e Psicanálise”, o psicanalista S. Ferenczi lamenta que “muitos são os que consideram a psicanálise uma terapêutica fundada na sugestão”. Semelhante opinião, segundo ele, provém da falta de informação e de conhecimentos, e só pode ser sustentada por aqueles que “não vivenciaram em si próprios uma análise”, ainda que tenham percorrido alguns livros sobre o assunto. Por outro lado, aqueles que têm essa experiência prática pessoal “reconhecem uma grande diferença entre esses dois métodos de investigação e de tratamento, que são a análise e a sugestão”. Ele propõe-se a falar, no artigo, sobre essas diferenças.

A diferenciação feita por Ferenczi, no decorrer do artigo, entre a análise e a sugestão, é à primeira vista bastante semelhante àquela que encontramos nos textos freudianos, resumida na diferença entre a *via de porre* e a *via de levar*, embora exposta com estilo, imagens e exemplos próprios. Mas há uma ênfase que não encontramos, ao menos não tão explicitamente, na argumentação de Freud: trata-se da ênfase concedida por Ferenczi ao aspecto “autoritário” do tratamento sugestivo.

Logo no início, ele define a sugestão nos seguintes termos:

“ É quase inútil definir o sentido do termo ‘sugestão’; cada um sabe o que significa a palavra: introdução voluntária de sensações, sentimentos, pensamentos e decisões no universo mental de um outro, e isto de tal maneira que a pessoa influenciada não possa corrigir ou modificar, por iniciativa própria, os pensamentos e sentimentos sugeridos. Resumindo, diremos que a sugestão consiste em impor, ou aceitar, incondicionalmente, uma influência psíquica estranha. A desconexão do espírito crítico é, pois, a condição *sine qua non* de uma sugestão bem sucedida.” ⁴⁴

Após uma série de considerações sobre os meios através dos quais tal influência pode ser exercida, os pressupostos em que se baseia quando utilizada como método terapêutico, e uma comparação entre estes meios e pressupostos e os da psicanálise (“enquanto a sugestão é um tratamento paliativo, a análise merece o nome de tratamento causal”), Ferenczi retorna à questão da “desconexão do espírito crítico”, que caracterizaria a operação da sugestão.

Em um artigo anterior, intitulado “Transferência e Introjeção” (1909), ele já esboçara uma argumentação nesse sentido. Esse artigo procura desenvolver a fórmula de Freud: *qualquer que seja o tratamento que apliquemos ao neurótico, este nunca se trata senão pelas transferências.*

Em dado momento, Ferenczi observa: “Poder-se-ia objetar que são os hipnotizadores e os fisioterapeutas que têm razão, já que não curam pela análise mas pela transferência, tomando emprestado, sem que se dêem conta, a mesma via das tentativas auto-terapêuticas do psiquismo doente.” Nesse sentido, e na medida em que esses tratamentos consistem em “cultivar e reforçar a transferência”, tais terapias

⁴⁴ Ferenczi, S. “Sugestão e Psicanálise” (1912). Em *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos* (Birman, J., org.) Taurus ed., R.J., 1990, pg. 64

poderiam ser chamadas de “terapias naturais”, enquanto a psicanálise “seria uma espécie de método artificial imposto à natureza” - na medida em que se apóia *deliberadamente* na transferência, e visa o seu “desmascaramento” e sua dissolução. Mas, observa Ferenczi, é um erro grave querer a todo preço imitar a natureza mesmo ali onde ela fracassa. E conclui:

“ A análise, propriamente, *individualiza* , coisa que a natureza não pode.”

Em que consiste esse processo de “individualização” a que se refere Ferenczi? A resposta a essa pergunta parece comportar vários aspectos: Por um lado, esse processo consiste de certa maneira em “vencer a natureza”, entendendo a formação de sintomas, as resistências, as defesas, a repetição, e a própria “tendência à transferência” que estaria na base destes processos como tentativas de cura que o psiquismo adoecido procura “naturalmente”. A “individualização” sobrepõe-se à natureza, portanto, na medida em que procura desfazer esses mecanismos e, no processo, produz algo novo: o “indivíduo”. Então, e em segundo lugar, o processo de individualização operado pela análise consiste em produzir algo que a natureza, por si mesma, não produziria: o indivíduo, aquele que “superou suas resistências” e pode “olhar de frente sua própria personalidade psíquica”. Finalmente, em terceiro lugar, esse indivíduo obteve assim “uma independência total em relação ao seu médico”, ou seja, essa individualização concerne também a obtenção de uma certa independência.

No artigo de 1912, Ferenczi explicita os meios através dos quais esse processo se opera, na análise, em contraste com a “desconexão do espírito crítico” presente na sugestão. O tratamento sugestivo, diz ele,

impõe como condições a fé e a autoridade. Já a análise impõe como única condição o relato do paciente, e que este procure relatar com a maior honestidade possível tudo o que lhe passa pela cabeça, inclusive todas as dúvidas, desconfianças, desconfortos e hostilidades relativas ao tratamento e/ou à figura do analista. Mais ainda: a análise procura afastar toda possibilidade de crença, recomendando ao paciente o ceticismo mais completo. Além disso, se na terapia sugestiva “o médico só diz e faz crer ao paciente coisas agradáveis”, no tratamento analítico “o analista não para de lançar verdades desagradáveis ao rosto do paciente”, deixando que este se defenda acirradamente, e que o próprio decorrer do processo confirme ou não as suspeitas levantadas.

Freqüentemente, diz ele, a confirmação é alcançada na medida em que o próprio paciente faz o relato de fatos e lembranças que corroboram as suspeitas do analista, e esse “estado de espírito” em geral tem por conseqüência a atenuação dos sintomas. Assim, afirma Ferenczi: “Se alguém ainda chamar esse processo de sugestão, toda a noção de sugestão deve, então, ser revista e a ela será preciso juntar o ato de convencer com a ajuda da lógica baseada em provas indutíveis. Com isto, entretanto, tanto o termo quanto a objeção perderiam toda a significação.”

Portanto, o “processo de individualização” operado pela análise opera por meio não apenas da manutenção, mas mesmo da exacerbação do “espírito crítico” do paciente; enquanto isso, a terapia sugestiva, operando através da desconexão desse espírito, impede que tal processo ocorra. Se a análise visa, mais do que um respeito à autonomia do indivíduo, a própria emergência desse indivíduo com sua autonomia, a sugestão é um atentado contra ambos.

Ferenczi extrai de suas considerações uma recomendação: “O analista deve cuidar de nunca agir por sugestão.” Pois, se o fizer, estará

indo contra o próprio processo analítico, contra aquilo que o singulariza: “No que precedeu, meu propósito era mostrar que não apenas a análise não é sugestão mas, pelo contrário, uma luta constante contra as influências sugestivas, e que a técnica analítica comporta maiores medidas contra a crença cega, a submissão sem crítica, que qualquer método de ensino ou de explicação em vigor num quarto de criança, numa universidade ou num consultório médico.”

Ferenczi conclui seu artigo observando que tanto o recurso às terapias sugestivas em preferência à análise quanto a acusação de que “a psicanálise não passa de sugestão” são manifestações de uma “resistência à psicanálise”. E não hesita em inscrever essa resistência no contexto de um conflito histórico, social e cultural:

“Duas filosofias chocam-se atualmente na cabeceira do neurótico; elas se enfrentam há muito, não apenas em patologia, mas também no campo social. Uma delas pretende acabar com os males afastando-os, disfarçando-os, recalcando-os...A outra, entretanto, combate a ‘mentira vital’ ali onde ela se encontra, não abusa do peso da autoridade e seu objetivo final é fazer penetrar a luz da consciência humana até as engrenagens mais escondidas dos móveis da ação...”

Em suma, temos aí um novo aspecto da crítica psicanalítica da sugestão - um aspecto que, à primeira vista, só podemos classificar como “moral”, na medida em que parece haver um ideal em jogo. Ou melhor, dois: Lacan chamou-os de *ideal de autonomia* e *ideal de autenticidade*. Não é à-toa que Ferenczi chamou de “individualização” ao processo baseado em tais ideais, pois estes são efetivamente os ideais do individualismo. E, no seu raciocínio, é em nome destes ideais que a psicanálise opõe-se à sugestão. Também a referência à “luz da consciência” é remanescente de uma das expressões mais intimamente ligadas à postulação do indivíduo.

Até aí, nada demais - exceto que poderíamos indagar em que medida a adesão a ideais de qualquer espécie não implicaria

ultimamente em um “retorno da sugestão” - mas resta saber se essa posição corresponde `aquela que examinamos aqui, i.e., a do próprio Freud.

Essa questão, como sempre em tais casos, vai depender da “leitura” que se fará do pensamento freudiano. Há toda uma leitura que enfatiza o Freud “iluminista”, o que em geral significa apreender o seu método como um esforço no sentido de “lançar luz” sobre as trevas do inconsciente, e de aplicar a razão aos aspectos mais “irracionais” da conduta humana. Mas, mesmo sem deixar de ver em Freud o “iluminista”, podemos conferir a essa noção um sentido totalmente diferente, se entendermos o método psicanalítico como a descoberta de uma luz própria nessas trevas e de uma razão singular naquilo que se convencionou chamar de desrazão.

Para Freud, aquilo que o uso da sugestão encobre - ou “desconecta” - não é a razão crítica do indivíduo, e sim a dimensão do desejo, que opera segundo a suas próprias razões. Que o juízo crítico do paciente possa ser atingido pela sugestão do psicanalista, não importa - isso afeta a sua “inteligência”, não a sua neurose, ou seja, isso não o concerne enquanto *sujeito de uma outra verdade, que é a verdade do desejo*.

Aqui, torna-se necessário um esclarecimento sobre a “leitura” de Freud que vem orientando neste trabalho. A expressão utilizada ao final do parágrafo acima - que venho evitando cuidadosamente utilizar, até agora - não pode deixar de remeter o leitor ao pensamento de Lacan. É verdade, o *sujeito do desejo* é um dos temas mais caros a esse pensamento. Por isso, um esclarecimento é imprescindível: venho procurando me ater o máximo possível ao texto freudiano “em si” e àquilo que julgo encontrar nele. Ao mesmo tempo, também é verdade

que o pensamento lacaniano fornece alguns instrumentos para essa leitura. Mas, atenção: gostaria de deixar claro que procuro aproveitar de Lacan apenas aquilo que “serve” à minha leitura. Em outras palavras, gostaria de acreditar que é possível servir-se desse pensamento sem ficar escravo dele; e que é permitido utilizar algumas idéias do pensamento lacaniano sem que isso implique automaticamente na obrigação de reproduzir esse pensamento por inteiro. Nessas condições, posso afirmar que a idéia de que “o sujeito do desejo é aquilo que a psicanálise faz advir, mediante a colocação em questão do sujeito moderno” é uma formulação que em princípio corresponde ao que acredito encontrar no texto freudiano, e por isso emprego-a aqui. Esse emprego não impede a formulação de algumas questões sobre as consequências que podem ser extraídas dessa idéia, como se verá no próximo capítulo.

3.6 - Conclusão:

Dito isso, retornemos à crítica freudiana da sugestão: através deste exame da formulação de Ferenczi sobre o problema da sugestão, procurei ressaltar que a crítica de Freud não visa, como em Ferenczi, a preservação dos atributos essenciais do indivíduo (autonomia, liberdade e juízo crítico) nem postula essa preservação como finalidade do próprio método psicanalítico. Sua crítica da sugestão concerne, o tempo todo, um “encobertamento” ou “obscurecimento” implicado nos pressupostos subjacentes ao uso da sugestão como princípio explicativo ou como método terapêutico.

Essa crítica apresenta diversos desdobramentos sobre aquilo que é encoberto ou obscurecido. Em um primeiro momento, trata-se da

possibilidade de apreender determinados fenômenos humanos em sua especificidade: uma especificidade que escapa às divisões em externo/interno, psicológico/fisiológico, subjetivo/objetivo utilizadas pela razão científica. E trata-se também de poder apreender essa especificidade como traço de um “psiquismo” destituído de essência, na medida em que é caracterizado apenas pela sua atividade ou trabalho, mas também inteiramente “real”, na medida em que é condição de possibilidade dos efeitos que produz.

Num segundo desdobramento, o que é encoberto pela sugestão é esse trabalho do psiquismo, que o método psicanalítico evidencia ao fazer dele o seu princípio de operação, através da regra fundamental da associação livre e da inclusão da transferência em seu campo operatório.

O terceiro desdobramento concerne o obscurecimento daquilo que constitui a “exigência” desse trabalho: a libido, ou melhor, a atividade pulsional, enfim aquilo que de alguma maneira é transformado em desejo. Cabe assinalar que não entramos e não entraremos aqui em maiores detalhes sobre os processos dessa transformação ou sobre as relações entre pulsão e desejo; para os nossos objetivos, é suficiente a caracterização desse processo como um trabalho.

Todos esses desdobramentos são atravessados por uma consideração fundamental: aquilo que os usos instrumental e explicativo encobrem ou obscurecem é aquilo que o método psicanalítico visa evidenciar. Mais ainda: a oposição fundamental entre os usos da sugestão e o método psicanalítico está no fato de que um consiste em encobrir, enquanto o outro consiste em evidenciar. Não se pode negar que aquilo que é encoberto ou obscurecido corresponde a uma “verdade”, mas parece que se trata de uma verdade cujo estatuto (de verdade) só é dado pelo próprio processo de evidenciação. E, se essa

diferença é avaliada em termos de uma eficácia, podemos concluir que a eficácia do método psicanalítico reside na descoberta de que essa verdade requer uma operação que a evidencie. Em outras palavras: em se tratando do gato preto, não adianta procura-lo: é preciso encontra-lo.

Retornamos aqui à nossa pergunta inicial, aquela que é evocada pela crítica freudiana da sugestão na medida em que essa crítica concerne a eficácia do método psicanalítico : que espécie de eficácia é essa?

Essa é a questão que será discutida no próximo capítulo.

4 - DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Até aqui, este trabalho procurou defender a proposta de que o tratamento dado por Freud à questão da sugestão pode ser entendido como uma “crítica da sugestão”, na medida em que esse tratamento consiste em uma análise dos pressupostos envolvidos nos usos instrumental e explicativo da sugestão, uma avaliação da eficácia desses pressupostos no que concerne a compreensão e o tratamento dos distúrbios psíquicos, e mesmo uma “desconstrução” do sentido em que o termo é habitualmente utilizado. O desenvolvimento dessa proposta envolveu uma contextualização dos usos da sugestão que são alvo da crítica freudiana e uma exposição dos principais aspectos ou desdobramentos dessa crítica presentes na obra de Freud.

Procurei demonstrar que a crítica freudiana da sugestão ultrapassa, em sua abrangência e em suas implicações, a formulação mais disseminada sobre a questão do papel desempenhado pela sugestão na teoria e prática psicanalítica. Segundo essa formulação, esse papel é sobretudo o de um “outro” excluído: a exclusão da técnica sugestiva constitui o ato inaugural da invenção do método psicanalítico, e sua evocação serve sobretudo para diferenciar esse método das demais formas de terapia. A razão dessa exclusão estaria no fato de que o uso instrumental da sugestão opõe-se à operação de “revelação” que caracterizaria o método psicanalítico. Enquanto a sugestão introjeta idéias e sentimentos de um outro no universo mental do paciente para eliminar assim os seus sintomas, a psicanálise procura desvendar e remover aquilo que produziu esses sintomas. Tanto a técnica sugestiva

quanto o método psicanalítico baseiam-se na tendência universal à transferência, mas a sugestão deixa essa transferência intacta, ao passo que a psicanálise faz dela um instrumento de desvendamento e visa a sua dissolução.

Essa formulação, como foi dito, é essencialmente correta e fiel ao texto freudiano. O problema está naquilo que ela deixa de fora, dando margem a interpretações que acabam por se distanciar do que é essencial na crítica freudiana.

O ponto central que parece ser enfatizado por Freud nessa crítica é, desde o início, o problema representado por uma “objetificação” do psiquismo envolvida nos pressupostos do uso da sugestão. A essa objetificação ele opõe uma sustentação da “especificidade” do psiquismo, que consiste em uma resistência às categorias objetificantes formuladas em termos de interno/externo, psicológico/fisiológico, objetivo/subjetivo e assim por diante. Também desde o início, Freud formula esse psiquismo em termos de uma atividade ou trabalho. Não se trata de que haja uma “essência” do psiquismo, e que essa essência tenha um determinado funcionamento; trata-se de que a própria “essência” do psiquismo é esse trabalho que o produz. Essa atividade se dá quase inteiramente à revelia da consciência do indivíduo; ele próprio, sem saber, é “trabalhado” por essa atividade. Então, *quem* trabalha? Não há propriamente um “alguém” a quem possa ser atribuído esse trabalho, mas a própria inevitabilidade dessa pergunta indica que tal atividade supõe um *sujeito*, e não um objeto. Ora, mas pode haver objetos que “trabalham”. Mas, como a crítica freudiana da sugestão deixa claro, não se trata de um trabalho automático, e sim de um trabalho demandado pela pulsão e realizado em função do desejo. Em última instância, portanto, é essa determinação pelo desejo que faz supor um *sujeito* a

partir do qual a própria noção de um “psiquismo” torna-se dispensável. Esse “sujeito do desejo” é aquilo que é ignorado, encoberto ou obscurecido pelos pressupostos implicados no uso explicativo ou instrumental da sugestão.

Todavia, como procuramos apontar, a crítica freudiana da sugestão é norteadada fundamentalmente por um critério da *eficácia*. O obscurecimento do “sujeito do desejo” (ou a objetificação do psiquismo) não é um problema moral, e não se limita a ser um problema epistêmico; é sobretudo um problema da técnica. Esse é provavelmente o aspecto mais controverso e menos compreendido da crítica freudiana da sugestão. É também o aspecto cuja discussão reservamos para este capítulo final.

No capítulo anterior, tivemos a oportunidade de apontar em que medida o próprio Ferenczi, que nos textos examinados segue tão de perto as formulações de Freud relativas ao problema da sugestão, acaba por conceber esse problema em termos que são os da técnica, mas de uma técnica justificada essencialmente por uma moral do individualismo. Ele não é o único: outros autores também evocam a técnica e esquecem aquilo que a fundamenta, ou enfatizam exclusivamente “o sujeito do desejo” em detrimento da técnica, como se a sustentação desse sujeito correspondesse a um imperativo moral.

Por qualquer razão, enfim, parece ser difícil conceber uma “técnica” fundamentada no “sujeito do desejo”. Essa técnica, como Freud a formula em contraponto à técnica sugestiva, consiste num processo de desvelamento, ao passo que a sugestão implica num recobrimento... de uma verdade, certamente, mas de uma verdade singular, que consiste apenas em um efeito das relações do sujeito com seu desejo. Como dar testemunho dessa verdade? .Essa dificuldade aparenta ser a mesma

contra a qual Freud se empenhou nas “Conferências Introdutórias”, ao tentar fornecer argumentos convincentes para sustentar a diferença entre o procedimento psicanalítico e a terapêutica sugestiva. Em ambos os casos, a dificuldade está no fato de que a psicanálise lida com algo que resiste à objetificação que está na base da racionalidade científica, ao mesmo tempo em que procura fazer dessa lida uma técnica sustentável nos termos de uma razão.

A esta altura, gostaria de introduzir em nossa discussão o pensamento de outros autores, que pode ajudar a esclarecer o que está em questão.

Como foi dito na Introdução, pensei inicialmente em recorrer a diversos autores que se ocuparam do tema da sugestão na psicanálise, a fim de comparar suas formulações com aquelas que são oferecidas neste trabalho, sobretudo no que concerne a fundamentação da crítica freudiana da sugestão. Mas eventualmente decidi limitar essa inclusão à obra de L. Chertók e I. Stengers, intitulada *O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Essa decisão, como expliquei então, deveu-se ao fato de que essa obra já empreende uma análise dos argumentos dos autores que eu pretendia incluir, dispensando-me portanto de repetir a exaustiva investigação empreendida na mesma. Em vez disso, preferi partir das observações oferecidas pelos autores sobre essas diversas contribuições. Dessas observações, a que mais nos interessa aqui afirma que uma das mais recentes posições adotadas em relação ao tema da fundamentação da crítica freudiana da sugestão consiste em procurar substituir o argumento *técnico* de Freud por um argumento do tipo ético.

Como na Introdução, devo ressaltar novamente aqui que tanto Chertók e Stengers quanto a maioria dos autores por eles examinados

discutem o tema a partir do que venho chamando de “formulação mais disseminada”, ou seja aquela que privilegia a exclusão da sugestão como ponto central do tratamento dado por Freud ao assunto. Mas no caso de *O coração e a razão*, esse enfoque resulta em um desenvolvimento pormenorizado e abrangente do tema, na medida em que os autores entendem essa exclusão como uma medida estratégica, mas concebem essa estratégia como parte do processo de elaboração e fundamentação de um método científico. Portanto, embora tenha algumas objeções importantes a fazer a alguns aspectos importantes de sua abordagem - sobretudo no que concerne a caracterização do método psicanalítico como cena laboratorial e da estratégia de Freud como uma “purificação” - escolhi esses autores também porque a sua leitura converge com a proposta deste trabalho em um ponto essencial: o reconhecimento da dimensão e das implicações do problema da sugestão na obra freudiana.

4.1 - “O coração e a razão”: o argumento da ética e o argumento da eficácia

Para os autores de *O coração e a razão*, a crítica freudiana da sugestão não é propriamente uma crítica, e sim um empreendimento de *purificação*. A purificação é uma estratégia necessária ao que eles percebem como a montagem de um “laboratório”, i.e., uma cena na qual os fenômenos pesquisados podem ser reproduzidos a fim de fornecerem um testemunho de sua verdade. Se a cena analítica é constituída como um laboratório, a sugestão é excluída na medida em que representa uma “impureza”; e, na medida em que não pode ser inteiramente excluída, deve ao menos ser controlada.

“ A diferença entre ciência e não-ciência, para Freud, não passava,

portanto, por uma teoria que explicasse a ação da “confiança expectante” que estava na base de qualquer terapia. Passava pelas possibilidades de controle: subjugar a sugestão, a “confiança expectante”, poder dosa-la, “dispor dela”, em suma, manipula-la como Pasteur manipulava a ação de seus germes ou como o químico manipulava a reação, aquecendo-a ou esfriando-a.”⁴⁵

Stengers e Chértok apontam para uma diferença, nesse processo de purificação, no que concerne a sugestão e no que concerne a hipnose. Cabe ressaltar que um dos objetivos de sua obra é o de recolocar a hipnose em questão e é em favor desse objetivo que procuram ressaltar a diferença entre as estratégias que motivaram respectivamente a exclusão da sugestão e a da hipnose. Eles sublinham que inicialmente, o “controle” da sugestão inscrevia-se já dentro de um ideal de purificação, de constituição de um laboratório cuja cena de ação era justamente o método hipnótico investigativo e catártico;

“Talvez estejamos hoje demasiadamente esquecidos...de que no fim do século XIX, triunfaram a química e o pasteurismo, ciências agnósticas quanto àquilo que manipulavam, gloriosas quanto à eficiência de sua manipulação. E as experiências “laboratoriais” de Charcot, fazendo e desfazendo paralisias, inscreveram-se nesse ideal de racionalidade ativa, em que a razão não remete à compreensão dos mecanismos, mas a seu controle, em que o “horror do ininteligível”, como dizia Venel, é aplacado pela possibilidade de submetê-lo ao controle. Da mesma forma, nele se inscreveram, sem dúvida, a esperança freudiana de poder, graças à hipnose, agir sobre a memória e eliminar a carga afetiva determinada pelo trauma passado, e a definição que Freud deu à técnica analítica, centrada na resistência e na transferência.”

Porque a hipnose é abandonada, perguntam Chertók e Stengers? Os motivos apontados por eles dentre aqueles dados pelo próprio Freud

⁴⁵Chertók, L, Stengers, I. *As Razões do Coração : a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Jorge Zahar ed., R.J., 1990, pg.72

parecem indicar que, em suma, “a hipnose não era uma técnica confiável”: por um lado, nem sempre era possível aplicá-la da mesma maneira a todos os pacientes; por outro lado, as “verdades” reveladas pelo sujeito hipnotizado podiam ser “mentiras”; finalmente, a hipnose era “perigosa”, na medida em que “suscitava uma transferência afetiva descontrolada para a pessoa do analista”. Portanto, a hipnose estaria carregada de impurezas, de elementos misteriosos que deviam ser colocados “fora de circuito” ou “isolados”, o que só poderia ser feito...abandonando a hipnose. Para Chertók e Stengers, a genialidade de Freud revela-se na mudança de direção que ele soube efetuar a partir desse abandono, “isolando’ o elemento transferencial e transformando-o, juntamente com sua outra face, a resistência, em recursos da cena analítica; na verdade, é somente a partir do abandono da hipnose, que essa cena pôde transformar-se efetivamente em um “laboratório”:

“ A genialidade de Freud consistiu, certamente, em ter feito da resistência e da transferência, obstáculos à “antiga” técnica que copiava as técnicas de laboratório, os *motores* da nova técnica que, em sua aplicação, *transformaria* os pacientes em sujeitos purificados, confiáveis, condição de qualquer técnica científica, O paciente repetia *com* seu analista aquilo de que este lhe pedia que se recordasse...A cena analítica estava transformada em laboratório, no sentido de que se devia produzir a *substituição* da neurose comum, incontrolável, pela neurose transferencial, analisável. Os “sintomas mórbidos”, matéria-prima da antiga técnica, tinham que ser transformados, ter-lhes conferida uma significação transferencial. Tal como o químico do século XIX “criava seu objeto”, em vez de tomá-lo no mundo natural, não mais estudando as matérias-primas não purificadas que o artesão transformava, o analista “[instaurava] um estado que tem todos os aspectos de uma doença artificial”. E essa doença, na medida em que tinha por arena única o “campo circumscrito” da cena analítica, tornava-se acessível a suas intervenções. O analista não esbarrava na repetição como obstáculo, mas podia analisá-la, porque os próprios recursos mobilizados pelo

paciente para criar obstáculos à análise tinham sido redefinidos, circunscritos na “arena” transferencial.”⁴⁶

A ressalva feita por Stengers e Chertók a essa estratégia é a de que ela implicava em um preço a pagar: o preço de que o mistério da hipnose - assim como o mistério daquilo em que consistiria a sugestão - permaneceriam não desvendados; permaneceriam, enfim, como “resto”. Esse preço, os autores deixam claro, é inevitável; é o preço do estabelecimento de todo método científico, o preço da “purificação”.

À esta altura, tentarei formular duas objeções iniciais à interpretação de Chertók e Stengers. A primeira pode ser entendida como uma discordância de leitura, pura e simples: não me parece - e procurei demonstra-lo no capítulo anterior - que Freud tenha privilegiado o “controle” da sugestão sobre a investigação daquilo em que a sugestão consistiria. É possível que esse aspecto da crítica freudiana da sugestão fique mais patente na porção dirigida ao uso explicativo da sugestão, que não é o aspecto desta crítica focalizado por Stengers e Chertók. Na *Psicologia das Massas*, como vimos, Freud critica as “explicações pela sugestão” exatamente na medida em que essas explicações não procuram explicar o próprio fenômeno da sugestão. E ele procura fornecer essa explicação, recorrendo ao conceito de libido e à descrição do processo “dinâmico” que estaria na base desse fenômeno. Chertók e Stengers poderiam argumentar, todavia, que essa tentativa de explicação está fundamentada nos princípios deduzidos a partir do “laboratório” da cena analítica; ou seja, que qualquer tentativa de explicação da sugestão está subordinada, em Freud, ao método construído a partir dos ideais de controle e purificação: em outras palavras, a estratégia freudiana no que concerne a sugestão teria que ser

⁴⁶ Ibid. pg. 76

descrita, de qualquer maneira, como sendo *primordialmente* uma estratégia de purificação. A esse argumento eu replicaria que a primeira formulação da crítica freudiana da sugestão - enunciada na época em que ele próprio ainda fazia uso da sugestão instrumental, e portanto ainda não efetuara o que os autores chamam de “purificação” - essa primeira formulação já concernia os pressupostos envolvidos no uso explicativo da sugestão e a ambigüidade do termo. E mais: a crítica a esses pressupostos de desenvolvia no sentido de afirmar que eles eram, justamente, “rarefeitos” demais em relação à complexidade das manifestações a que se aplicavam.

Nossa segunda objeção é a seguinte: no que concerne o abandono da hipnose, não poderíamos aventar a hipótese de que Freud o efetua justamente na medida em que esta técnica começa a lhe aparecer como uma purificação *excessiva* ? Eis aqui um trecho de Freud que está entre as citações feitas pelos próprios autores, mas do qual eles aparentemente não extraem esta consequência:

“ A evocação das lembranças, tal como se produzia na hipnose, devia dar a impressão de uma técnica de laboratório. Deixar que se efetuem repetições durante o tratamento, como o faz a nova técnica, é evocar um fragmento de vida real - uma evocação que, por isso mesmo, não pode ser considerada completamente inofensiva e desprovida de riscos. “

Chertók e Stengers entendem esse tipo de observação como “um primeiro momento” no qual “a complexidade ocultada pela hipnose pôde ser caracterizada de maneira negativa”. Não sabemos exatamente qual seria esse ‘primeiro momento’, uma vez que o texto citado é de 1914 (*Recordar, repetir e elaborar*). Em todo caso, essa “maneira negativa” a que eles se referem corresponderia à caracterização, feita por Freud nesta e em outras observações do mesmo artigo, da hipnose como uma

situação em que determinadas “complexidades”- como por exemplo as resistências - são, justamente, suprimidas.

Em todo caso, não podemos deixar de fazer justiça aos autores, reconhecendo que: (1) eles não deixam de dar-se conta da existência deste tipo de comentário, em Freud, sobre as razões do abandono da hipnose - que podem levar a especular sobre a “purificação excessiva”, como fizemos aqui - ainda que prefiram entendê-lo como “uma caracterização pela negativa” ; e (2) que, segundo os autores, Freud só pôde constatar em que consistia essa “vida real” a partir da utilização do próprio método hipnótico, e que a sua estratégia consistiu na verdade em uma transformação dos termos daquilo em que a “impureza” consistia. Através dessa operação, não eram mais os elementos da “vida real” que representavam a impureza, mas sim a própria cena hipnótica na qual eles eram “suprimidos” ou “descontrolados”.

Mas não podemos deixar de reconhecer que esses argumentos envolvem uma certa contorção que os torna um pouco estranhos ao que Freud enuncia na citação feita acima. Cabe ressaltar que, nessa citação, ele opõe explicitamente o caráter “laboratorial” do método investigativo hipnótico à ‘reprodução de um fragmento da vida real’ que caracterizaria o método psicanalítico.

Essa oposição serve também para nos fazer pensar duas vezes sobre o famoso “descontrole” supostamente envolvido na hipnose - e enfatizado por Stengers e Chertók como mais um motivo para entender o abandono dessa técnica como uma estratégia de purificação. Esse descontrole foi ilustrado por Freud através do conhecido relato de um episódio em que a paciente, ao despertar, lança os braços em torno de seu pescoço. Todavia, é difícil acreditar que Freud teria abandonado a hipnose para evitar tais cenas, até porque a situação hipnótica

proporciona justamente um “controle” do qual ele facilmente poderia ter lançado mão, se esse fôsse o seu único objetivo. O que ocorreu foi que ele se deu conta de que esse afeto *não era endereçado a sua pessoa*. Esse descontrole, portanto constitui um obstáculo na medida em que constitui um engodo, pois o afeto mobilizado não se dirige “na verdade” à pessoa do médico, mas a algo para além dele. O ponto crucial aí é, naturalmente, o que se deseja ‘controlar’: não se trata primordialmente de controle dos atos e afetos do paciente, e sim de preservar os meios para que se possa evidenciar o que esses atos e afetos visam, em última instância. Portanto, não se trata de que o estado hipnótico seja um estado “descontrolado”; trata-se de que é um estado que obscurece a ambigüidade da “vida real”.

Note-se que estamos de acordo com Chertók e Stengers de que a ‘razão’ do abandono da hipnose é uma “razão da eficácia”. A discordância enunciada aqui só começa quando se pergunta *qual é a eficácia* em questão: a de um ideal de purificação que visa constituir uma cena de reprodução controlada dos fenômenos afim de que estes possam testemunhar sobre sua verdade e, simultaneamente, serem submetidos a um processo de transformação - ou a de um ideal de “reprodução de um fragmento da vida real” para o qual a hipnose representaria um problema enquanto “purificação excessiva”, uma vez que o que é visado é justamente o que é “fragmentado”, isto é, contraditório, excessivo, descontínuo, conflitado?

Devemos reconhecer que Chertók e Stengers em nenhum momento perdem de vista o fato de que a matéria trabalhada pela análise (segundo eles) é uma matéria “impura”. Na verdade, esse é todo o cerne da questão que eles colocam: os sucessivos problemas encontrados e (parcialmente) solucionados por Freud na tentativa de

trabalhar essa impureza com os métodos “purificadores” da razão científica. Além disso, não se trata absolutamente para os autores de recair na velha crítica da ‘insuficiência’ desses meios mas justamente de apontar o que se pôde obter através dos problemas e limites que eles permitem colocar.

Mas é aí também que está o cerne de nossa discordância: segundo o ponto de vista defendido neste trabalho, a psicanálise não trabalha com uma “matéria”, seja pura ou impura, mas com um “sujeito” que produz um *efeito de verdade* - a partir da qual os critérios de pureza ou impureza deixam de fazer sentido.

Chertók e Stengers afirmam que “do ponto de vista da questão que nos ocupa, a do ‘coração e da razão”, a questão não é o conteúdo da teoria freudiana, seu caráter racional ou até científico, mas a definição dos *meios racionais* passíveis de autorizar essa teoria.” E concluem: “O abandono da hipnose, que Freud fez coincidir com o nascimento da análise, constitui, desse ponto de vista, um episódio decisivo, pois traduz a descoberta da *oposição* entre ‘coração’ e ‘razão’ que para ele singularizariam a cena analítica.”

Fica claro então que, se entendermos o abandono da hipnose como ditado por uma avaliação de eficácia que rejeita como ineficaz uma *purificação excessiva*, diferentemente do que propõe os autores, podemos questionar também se essa eficácia dirige-se efetivamente para o sustentamento de uma “oposição entre coração e razão”, ou se o que é sustentado é uma razão que procura não perder de vista, na medida do possível, a oposição que é o cerne do próprio coração.

Dito isso, devo acrescentar que essa diferenciação não implica absolutamente em uma tomada de posição no sentido de favorecer uma

interpretação “pela ética” sobre uma interpretação “em termos da eficácia”, no que concerne a crítica freudiana da sugestão. Nesse ponto, estamos inteiramente de acordo com Chertók e Stengers, que criticam esse tipo de posição. Ou, pelo menos concordamos com sua crítica na medida em que ela tem por objeto uma posição que empreende “ a substituição do argumento técnico de Freud por um argumento do tipo ético”.

Não vamos reproduzir aqui toda a análise feita por Chertók e Stengers dos caminhos que levaram ao surgimento desse tipo de posição. Mas vamos tentar expor seus pontos principais. Para eles, esse desenvolvimento “atende à necessidade de resolver um problema estratégico urgente”. Esse problema concerne essencialmente os modos possíveis de legitimação do saber e dos métodos da psicanálise na cultura a que ela pertence; uma cultura que “não se caracteriza somente pela ‘crença’ nos poderes da razão, mas também por um questionamento incessantemente renovado das modalidades, limites e restrições desse poder.” Esse questionamento, como apontam os autores, não deixou de incidir, de diversas maneiras, sobre a psicanálise freudiana. Esta, por sua própria natureza, permitia a formulação de tais questionamentos;

“A psicanálise freudiana, tal como a descrevemos, é de fato uma ciência operatória, uma ciência cujos conceitos - de conflito, resistência, inconsciente, etc. - remetem a *operações* possíveis, graças às quais a terapia e a pesquisa devem convergir...A linha de pensamento freudiana, por seu caráter operatório, permitia formular a questão de seu *preço*, daquilo que ela era forçada a desprezar, daquilo que não podia interrogar através da operação de captura e focalização de que dependia.” ⁴⁷

De um lado, a definição operatória garante à psicanálise um lugar dentro dos saberes científicos reconhecidos, e essa garantia estaria por

⁴⁷Ibid. pg. 199-200

sua vez na base da “confiança expectante” que é um dos aspectos da transferência, aquilo que leva o sujeito a participar do processo analítico. De outro lado, essa mesma definição permite a formulação de questões sobre os “restos” deixados pelo método, sendo que entre esses restos estariam a própria natureza dessa “confiança expectante” - a sugestão - e seu papel no processo analítico. Portanto, a psicanálise precisa de alguma maneira “manter a idéia de que a questão do coração e da razão obteve, ao menos em princípio, sua solução” - não exatamente para defender a legitimidade de seu saber, mas, mais urgentemente, para garantir a continuidade de sua prática, que é essencialmente aquilo em que esse saber consiste.

Chértok e Stengers destacam no pensamento de Lacan a elaboração de uma estratégia que procura solucionar esse impasse. Essa estratégia, que permite afirmar que a psicanálise “é passível de dizer o que acontece com ‘a’ ciência, e não tem contas a prestar a nenhum outro campo do saber, posto que formula a questão da realidade comum à qual esses saberes se referem, é indissociável da transformação que ele [Lacan] propõe da representação das relações entre o ‘coração’ e a ‘razão’.”⁴⁸ A cena analítica continua a ser concebida em nome de uma “razão”, mas essa razão “tem que romper suas relações tradicionais com um conhecimento do qual seja preciso dar contas, em relação ao qual seja preciso definir testemunhas. A ‘razão analítica’ se define em relação a um desconhecimento que nenhum conhecimento como tal pode dissipar, apenas reproduzir.”⁴⁹

E ainda:

“ Para Lacan, a análise é o lugar onde sua ‘verdade’ pode ser *reencontrada* pelo analisando, onde ele pode, não tomar

⁴⁸Ibid. pg.212

⁴⁹Ibid pg. 212

conhecimento do que é, mas parar de fugir, de ir de ilusão de identidade em ilusão de identidade. Logo, ela tem uma vocação prática universal. Estabelece a diferença entre os que sabem ‘alguma coisa’ a propósito do que significa ‘ser humano’ e os que vivem nas ilusões de domínio, de identidade consigo mesmo e de compreensão ‘psicológica’ dos outros.

Que a análise, desse modo, seja definida como o lugar onde o sujeito, longe de ser levado a tomar consciência de uma verdade singular que o constitui como ator de sua própria história, tem que se livrar da totalidade de seus cenários particulares, para encontrar uma verdade *antropológica* universal, traduz o fato de que a psicanálise lacaniana logrou definir as relações entre ‘coração’ e ‘razão’ de maneira a capturar, ao mesmo tempo e indissociavelmente, os traços que dão singularidade a formas de prática racional aparentemente antitéticas: as práticas profissional, científica e filosófica.”⁵⁰

Citei um tanto longamente os autores a fim de reproduzir alguns aspectos importantes, para nós, da análise que eles fazem da estratégia lacaniana; os aspectos que lhes permitem referir-se a essa estratégia como “o caminho de uma fundamentação antropológico-ética da psicanálise.” A “substituição do argumento técnico de Freud por um argumento de tipo ético” se insere nesse caminho.

Antes de prosseguir, quero destacar alguns pontos desse raciocínio que me parecem problemáticos. Primeiro, não me parece que Lacan tenha afirmado que a psicanálise “formula a questão da realidade comum à qual esses saberes (da ciência) se referem” - aquilo que, segundo ele, a psicanálise formula é a questão daquilo que ficaria excluído desses saberes: o sujeito do desejo. Essa exclusão não é, para Lacan, uma exclusão da “subjetividade”, e não é motivada por uma má-vontade do saber científico; é uma exclusão inevitável de um sujeito que é puro “recuo”, na medida em que resiste a ser tomado como objeto.

⁵⁰Ibid pg. 214

Outro ponto discutível é a caracterização implícita da psicanálise freudiana como “o lugar onde o sujeito... é levado a tomar consciência de uma verdade singular que o constitui como ator de sua própria história”. Não se trata, segundo nosso ponto de vista, de que “o sujeito seja levado a tomar consciência de uma verdade singular” - o sujeito do desejo é essa verdade singular. Além disso, a “história” a que se referem os autores é a história individual; o sujeito não pode ser “ator” dessa história. Há aí, evidentemente, uma diferença de concepção sobre esse “sujeito” da psicanálise e sobre a noção de “verdade” em que isso implica, e é essa diferença que está na raiz das objeções manifestadas aqui. Essas objeções todavia não impedem, pelos motivos já expostos, a tomada desses autores como interlocutores em nossa discussão

Dito isso, retornemos ao que eles enunciam sobre a transformação do argumento técnico de Freud em um argumento do tipo ético.

No texto sobre a “função da fala e da linguagem”, citado pelos autores, Lacan reafirma a exclusão da hipnose como ato inaugural da psicanálise, nos seguintes termos:

“Tal como Freud, também não negamos, nesta análise de seu método, a descontinuidade psicofisiológica manifestada pelos estados em que se produz o sintoma histérico, nem que este não possa ser tratado por métodos - hipnose ou narcose - que reproduzem a descontinuidade desses estados. Simplesmente, e tão expressamente quanto ele se proibiu de recorrer a eles a partir de um certo momento, desaprovamos qualquer apoio nesses estados, tanto para explicar o sintoma quanto para curá-lo. Porque, se a originalidade do método se compõe dos meios de que ele se priva, é porque os meios que ele reserva para si são suficientes para constituir um campo cujos limites definem a relatividade de suas operações. Seus meios são os da fala, no que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito;

suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.”⁵¹

Stengers e Chertók observam que o que é formulado aí sobre o abandono da hipnose já não é mais, como em Freud, uma avaliação de sua eficácia; para Lacan, “o psicanalista só o é quando proíbe a si mesmo certos meios, *por mais eficazes que sejam* (o que passou a levar seus discípulos a falarem na “armadilha da eficácia”).”⁵² E observam ainda:

“ Assim, a hipnose já não é, como para Freud, um instrumento deficiente e passível de dissimular de quem a utiliza o papel que, em proporções incontrolláveis, seu paciente o faz desempenhar; já não é julgada em relação a um conhecimento que se precise conquistar. É proscrita em nome da verdade insustentável que a análise além de qualquer conhecimento, deve fazer advir.”⁵³

Todavia, Chertók e Stengers reconhecem também que “Lacan foi mais sutil do que a maioria dos que o seguiram no caminho de uma fundamentação antropológico-ética da psicanálise. Nele, o tema da ciência se opõe satisfatoriamente ao movimento demasiado rápido que arrasta a psicanálise para a ética. Assim, ele sublinha que, se a psicanálise se priva de certos meios, os que ela se reserva são precisamente aqueles que lhe permitem equiparar-se às mais prestigiosas ciências.”

Os autores escolhem ainda outros exemplos, menos “sutis”, desse tipo de movimento, selecionados dentre aqueles que não se filiam ao pensamento lacaniano: em Laplanche, por exemplo, a transferência é uma situação produzida pela análise, pela qual o analisando não é responsável, e que reinstaura uma situação originária, que é a relação original com o enigma da sedução e com aquele que é supostamente seu

⁵¹Lacan, J. “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” (1953), em *Escritos*, ed. Perspectiva, S.P., 1978, pg. 122

⁵²Chertók, L. e Stengers, I. *Ibid.* pg.243

⁵³ *Ibid* pg. 243

portador. A transferência na cena analítica recoloca esse enigma em jogo. Portanto, o recurso a qualquer forma de “preenchimento” desse vazio - como a hipnose ou a sugestão - fica *eticamente* proibido, uma vez que é esse vazio que a análise visa reinstaurar.

Visto isso, podemos nos juntar aos autores quando estes ficam tentados a “meditar com nostalgia” sobre a “modéstia das hipóteses filogenéticas de Freud.” Com efeito, formulações éticas como a de Laplanche parecem propor a psicanálise como uma via - senão a única via, em nossa cultura - para a realização, pelo homem, de uma espécie de tarefa de superação da própria história, imposta pelas condições humanas, e irrealizável sem o recurso a uma via especialmente destinada a esse fim. Ou, como dizem Chertók e Stengers:

“ Pelos menos elas [as hipóteses filogenéticas de Freud] se referiam a ‘fatos históricos’ positivos, tentavam basear as interpretações psicanalíticas numa história, que certamente era tida como determinando o destino humano, mas era incapaz, como tal, de transformar esse destino em vocação. Com os “novos fundamentos” [a proposta de Laplanche], a coisa é totalmente diferente: a ética da psicanálise (isto é, o respeito pelas regras técnicas enunciadas por Freud) coincide com o respeito pela questão eternamente enigmática do que cria um ser humano; a psicanálise - como já havia acontecido com Lacan - é, de maneira correlata, detentora daquilo que faz com que o ser humano não seja ‘adaptado’ a seu mundo, mas ‘auto-hipotético’, ‘autoconjectural’ e ‘autoteorizante’, ou seja, na verdade, pensante. Curiosa pretensão de pensar que aquilo que nos permite pensar, de identificar os fundamentos da psicanálise com o acontecimento que força o ser humano a abandonar o paraíso (teóricamente formulado) da adaptação.” ⁵⁴

De fato, não podemos deixar de compartilhar da perplexidade e mesmo de uma certa indignação dos autores frente a esse tipo de argumento.

⁵⁴Chertók, L. e Stengers, I. Ibid pg. 244-245

Mas a indignação e a perplexidade não constituem por si mesmas uma crítica eficaz; é preciso indagar, para além de nossas simpatias ou antipatias, quais são as consequências práticas e teóricas do argumento criticado. Em outras palavras, qual é o problema da justificativa ou fundamentação ético-antropológica da psicanálise, para além do fato de discernimos nela uma arrogância incômoda? Para Chertók e Stengers, o problema parece estar no “fechamento” em que essa posição implica: não há nenhuma testemunha externa a quem a psicanálise precise prestar contas, não há nenhuma “verdade” a ser descoberta e, em última instância, não há nenhuma consequência verificável a ser extraída de seu método a não ser a reprodução de analistas.

Quanto a nós, podemos acrescentar aí ainda um outro problema: se a cena analítica é concebida como via privilegiada para a superação do “impasse” humano, seja lá qual fôr - enigma fundamental do desejo, ilusão constitutiva do eu, desejo insustentável de uma verdade, etc. - então essa cena conseguiu efetivamente transformar-se em um instrumento espetacular de sugestão. Todavia, cabe perguntar se todos os empreendimentos que propõe uma fundamentação ética da psicanálise tem as mesmas consequências e as mesmas implicações. Cabe, particularmente, perguntar que sentido o termo “ética” teria para cada um dos participantes dessa discussão. Chertók e Stengers, por exemplo, definem essa ética como “o respeito pelas regras técnicas enunciadas por Freud. Será que esse é o único sentido em que podemos entender o termo? Ainda que o escopo deste trabalho não permita uma análise extensa das definições da ética, podemos no mínimo propor um problema bem mais modesto: trata-se de indagar se haveria algum sentido em que o termo “ética” seria aplicável à crítica freudiana da sugestão.

4.2 - Outra formulação do problema da “ética versus eficácia”:

Esse sentido, de acordo com a posição que sustentamos até aqui, teria que ser articulável à questão da *eficácia* que parece efetivamente nortear Freud em sua crítica. Devemos começar, então, por recapitular em que consiste essa eficácia. Em termos gerais, não será nenhum absurdo afirmar que o que é eficaz, para Freud, é sempre aquilo que permite elucidar o psiquismo e modificar aquilo, em suas manifestações, que constitui um impedimento para a vida do paciente. Ou melhor, a eficácia que ele descobre é justamente a que está nessa convergência de elucidação e de cura. E o cerne de tal convergência, como ele não tarda a descobrir, é o próprio processo de trabalho que a constitui. Então, um determinado instrumento (técnico ou conceitual) é “eficaz” na medida em que pode suscitar e/ou sustentar esse trabalho que promove a convergência entre elucidação e transformação dos processos psíquicos.

E, aqui, cabe um parêntese: pensando bem, o que Lacan formula não é propriamente uma “vocação” ética da psicanálise, algo que se imporia como um dever; mais exatamente, sua formulação consiste no reconhecimento de que haveria uma “dimensão” ética inextricável no próprio processo psicanalítico e que o não-reconhecimento dessa dimensão e de sua implicação no processo é justamente o que produz consequências incontrolláveis... como, por exemplo, a transformação desse fator em imperativos morais no estilo de Laplanche e de outros, inclusive muitos daqueles que se intitulam lacanianos.

Então: qual seria a dimensão ética inescapável ao processo analítico *tal como Freud o formulou*, e em que isso pode nos esclarecer

sobre a eficácia que norteia a crítica freudiana da sugestão? Começemos pelo fato de que esse processo implica inevitavelmente na formulação de um juízo. Um juízo emitido por quem, e sobre o quê? Evidentemente, ele só pode concernir aquilo que o paciente relata, e parece que a sua formulação deve ser de alguma maneira evidenciada, no decorrer do processo, por esse relato - lembrando que é um relato dirigido ao analista, ainda que “por trás” deste possam abrigar-se muitos outros ouvidos - sem que o seu proferimento caiba necessariamente a este ou ao paciente. Em Freud, esse juízo concerne diversos níveis de avaliação da relação do paciente com aquilo que, no seu relato, aparece como causa do seu sofrimento. Inicialmente, essa avaliação dirige-se para a verdade factual: aquilo de que o paciente se queixa realmente aconteceu? Ou seja, há um juízo sobre a “verdade” do relato. Mas logo - e isso interessa também ao raciocínio que procuramos desenvolver - a forma do juízo toma outra direção: aquilo que o paciente fornece como causa de seu sofrimento é sempre “verdadeiro”, mas trata-se de uma verdade que não concerne tanto a sua história factual quanto a história de seu desejo, ou melhor, a maneira pela qual o seu desejo “trabalhou” a sua história.

A partir daí, passa a tratar-se de um juízo sobre esse trabalho: como, e em que medida esse trabalho aparece no relato do paciente e na sua forma de relata-lo, isto é, no processo transferencial? O essencial, aparentemente, é que de alguma maneira isso possa aparecer e ser apontado; todo obstáculo que surge nesse caminho é remetido novamente a essas relações de trabalho do paciente com o seu desejo. Todo esse processo é inevitavelmente um processo de juízo sobre a qualidade desse trabalho. Mas qual é o critério, aí, de tal juízo? Em que consiste essa qualidade?

Ora, parece que aqui retornamos à eficácia, só que a uma “eficácia

do desejo”, se podemos nomeá-la assim. Seria mais adequado, talvez, especifica-la como uma “eficácia” da relação do paciente com seu desejo, pois trata-se afinal de determinar se há outra coisa que ele pode fazer com isso além de produzir sintomas. Se pode, por exemplo, relata-lo. Mais uma vez, um juízo está necessariamente implicado aí, pois se não houvesse juízo algum, pouco importaria a finalidade na qual o paciente emprega o trabalho de seus desejos; até porque a formação de sintomas poderia ser considerada como um emprego extremamente “eficaz” dessa força de trabalho. Portanto, há um juízo também sobre qual é a eficácia “desejável” para o trabalho do desejo: espera-se que essa eficácia consista basicamente na possibilidade de produzir alguma outra coisa além da repetição que caracteriza o sintoma.

Aqui entra ainda mais um fator de que estamos nos esquecendo: como decidir o que é repetição e sintoma? Como decidir, enfim, o que é “desejável” ou não, e como avaliar a via mais eficaz para o seu encaminhamento? É uma questão de peso, e é a questão que inevitavelmente permeia e conduz todo processo de análise: um processo, portanto, que comporta efetivamente uma dimensão ética inescapável, como aponta Lacan - a não ser que a formulação de juízos envolvida no questionamento do desejo tenha mudado de nome. E não nos parece que o método psicanalítico, tal como Freud o formulou, tenha tido alguma outra direção, mesmo que ele não a nomeasse com esse termo. Ele efetivamente se restringiu a falar em termos de uma eficácia, mas não podemos desconsiderar aquilo que essa eficácia visava e aquilo em que implicava: uma interrogação sobre a relação do paciente com seu desejo - ou com seus desejos, tanto faz.

Agora, se o que importava nessa interrogação era decidir em que medida o paciente “cedera” quanto ao seu desejo, como quis Lacan em

determinado momento - aí efetivamente o problema é outro, e felizmente não é o que nos interessa aqui. A não ser, talvez, na medida em que indica o ponto em que a dimensão ética implicada no processo psicanalítico resvala para a instituição de uma moral, mesmo que essa moral seja proclamada em nome do desejo; é o ponto aonde se começa a pontificar sobre o que é desejável ou não.

Em todo caso, o que nos interessa é saber se essa eficácia dirigida à sustentação das condições necessárias para a interrogação das relações do paciente com seu desejo é a mesma que norteia a crítica freudiana da sugestão. Tudo indica que sim; como procuramos demonstrar, a crítica de Freud dirige-se sobretudo aos pressupostos implícitos em determinado uso da sugestão, e esses pressupostos são sempre criticados na medida em que obscurecem ou impedem a produção das condições, conceituais ou metodológicas, para tal interrogação. É interessante lembrar o comentário feito por Freud na *Psicologias das Massas* : ali, em dado momento, ele refere-se à sua posição em relação ao uso terapêutico e explicativo da sugestão como uma “resistência”. Podemos pensar também que Freud “resiste” à sugestão apenas na medida em que esta, por sua vez, se apresenta como uma “resistência” - ou, como ele diz nesse texto, um “obstáculo”, um “biombo” - àquilo que ele quer interrogar. E aquilo que ele propõe interrogar é o trabalho do psiquismo, sendo que esse trabalho, para Freud, é sempre realizado em função do desejo; não se trata de um “processamento de informações”. E é na medida em que se trata de algo que se dá em função do desejo que a “eficácia” assume um aspecto particular. Trata-se, sem dúvida, de uma eficácia da razão - e que supõe ser possível interrogar o seu objeto pelos meios que a razão pode descobrir ou criar.

Todavia, o que a razão descobre é que esse objeto tem suas

próprias “razões”, e que só é possível interroga-lo através de um método que as inclua. Novamente, a crítica freudiana incide sobre a utilização de recursos que encobrem ou suprimem essas “razões” do desejo sendo a principal delas o fato de que o desejo “resiste”, em diversos sentidos. Resiste na medida em que é indestrutível e na medida em que não responde a interpelações: só “existe”, ou só se manifesta através de suas produções, sempre desviadas ou transformadas em relação a sua suposta origem. Assim, a hipnose, que suprime as manifestações dessa resistência, é um método ineficaz não porque incluiria “impurezas” incontrolláveis, mas ao contrário por constituir uma cena demasiadamente rarefeita: eliminando-se a resistência, elimina-se também o desejo; eliminando-se o desejo, não resta nada a não ser as sugestões do hipnotizador.

A utilização terapêutica da sugestão é, por sua vez, duplamente ineficaz: primeiro porque instaura uma cena semelhante à da hipnose, em sua rarefação: ela “faz calar” o desejo, substituindo suas manifestações pelas suposições do sugestionador; segundo, o seu uso está baseado em pressupostos que sequer levam em conta a existência de tais manifestações.

Agora, uma observação: “não levar em conta” o desejo, ou fazê-lo calar, não constitui necessariamente um atentado contra o sujeito - ou pelo menos não é disso que se trata, em Freud. Trata-se simplesmente, obviamente, de um ato sem sentido, absolutamente *ineficaz* para um método que se propõe interrogar as relações do sujeito com o desejo. Ou melhor, não só é “ineficaz” como vai em sentido diretamente contrário ao que esse método se propõe e portanto àquilo que fundamenta todas as suas decisões sobre a eficácia.

É possível que chegue o dia em que seremos forçados a constatar

que a própria cena analítica, tal como ela foi instituída, contraria os seus propósitos: é possível que ela também seja, ou tenha se tornado, “purificada demais” para permitir a interrogação do desejo. Pode ser que a “dimensão ética” inevitavelmente envolvida nessa interrogação se revele também como o seu principal obstáculo. Não é impensável que eventualmente a própria noção de uma “interrogação do desejo” fundamentada na razão venha a ser descartada como impossível ou mesmo como irrelevante. Não há nenhuma boa razão para supor que essa prática, o método que a propõe e os pressupostos em que ela implica tenham algum valor transcendente em relação às condições históricas em que se desenvolveram.

Enquanto isso, ou apesar disso, permanece o fato de que o método psicanalítico concebido por Freud é um método que faz uso da razão - inseparável, para Freud, da razão científica - para interrogar um objeto que tradicionalmente escapa a essa razão: as relações do sujeito com o desejo. Esse método supõe que essas relações produzem determinados efeitos - por exemplo, determinadas sintomatologias - e que é possível modifica-las, através da própria interrogação, obtendo assim uma transformação nesses efeitos. Supõe-se também que essas relações são normalmente inacessíveis à razão consciente; a razão só pode inferi-las e reconstitui-las a partir da manifestação de seus efeitos. Portanto, a interrogação deve montar uma cena que inclua essas manifestações. Aí começam os problemas: as relações do sujeito com o desejo não vão se “suspender” momentaneamente enquanto se procede à interrogação: e, caso se suspendessem, suas manifestações desapareceriam e a interrogação já não seria mais possível. Em todo caso, o que acontece é que a própria interrogação é incluída entre essas relações. Uma vez que a natureza dessas relações é a de um trabalho caracterizado pela

“resistência”, trata-se de incluir essa resistência na interrogação. Não se trata de “remover” a resistência, pois a remoção da resistência implicaria na extinção daquilo que se deseja interrogar; trata-se precisamente de incluir a resistência na interrogação, interrogando-a *como manifestação do desejo*, e não como entrave a essa manifestação. Pouco importa que essa manifestação seja paradoxal: todas as manifestações do desejo são caracterizadas por esse paradoxo.

aqui, uma observação; se a crítica freudiana da sugestão pode nos ensinar algo sobre a técnica psicanalítica, acreditamos que é sobre a noção de “resistência” e seu papel nessa técnica que ela mais nos ensina. Podemos mesmo arriscar-nos a dizer que a crítica freudiana à sugestão - inclusive no que essa crítica se estende à hipnose - é sobretudo uma crítica a qualquer iniciativa de supressão da resistência, e é também uma afirmação da resistência como manifestação, como aspecto inextricável do trabalho do desejo - pelo menos tal como a psicanálise freudiana o concebe. A sugestão, em si, não é necessariamente impeditiva nesse sentido: vimos que Freud não se opõe em absoluto à sua inclusão no processo psicanalítico, desde que essa inclusão esteja a serviço do processo - e não constitua o seu cerne.

A sugestão como “cerne” do processo terapêutico - é a isso que Freud se opõe, por razões que já examinamos exaustivamente. Mas essa oposição, ou as razões que a sustentam, ainda pode servir para examinarmos o problema das relações entre “eficácia” e “ética”, no que concerne a fundamentação do método psicanalítico. Se a eficácia em questão visa fundamentalmente criar e manter as condições para uma interrogação sobre as relações do sujeito com seu desejo, baseando-se na suposição de que tal interrogação pode intervir nessas relações, transformando-as - isso significa que essa eficácia está a serviço de uma

ética? Ou seria o contrário? Ou será que a ética e a eficácia articulam-se nesse método de modo inextricável?

Acreditamos que vale a pena deixar essas questões em aberto. Podemos pensar inclusive que a interrogação das relações do sujeito com o desejo, mesmo na medida em que implica inevitavelmente na formulação de juízos sobre essas relações, não precisa inevitavelmente incluir uma dimensão ética. Ótimo. Mas então, o que norteia essa eficácia, o que é que lhe serve de contraponto? Até aonde pretende-se levar a interrogação? Em que termos se poderá avaliar as relações que essa interrogação pretende desvendar? Em suma, haverá uma eficácia “pura” naquilo que concerne o desejo? Por outro lado, se desdenhamos a eficácia em função de uma ética colocada *a priori*, a interrogação se desvanece e o processo não passa de um estranho jogo a serviço de uma moral mais estranha ainda: aquela que sustenta uma interrogação “pró-forma” em nome do reconhecimento e da superação de alguma dimensão inescapável da existência humana.

4.3 - Conclusão

Em suma, só posso dizer que recomendo, “de coração”, uma investigação da crítica freudiana da sugestão a todos aqueles que se interessam pela psicanálise, seus meios, suas finalidades e suas razões .

Mas será verdade, como dizem Stengers e Chertók, que essa crítica nos informa muito mais sobre a psicanálise e seus impasses do que sobre o próprio fenômeno da sugestão? Depende. Mesmo que rejeitemos as explicações de Freud sobre os mecanismos da sugestão e sobre o papel representado pelo desejo em toda sugestão “bem-sucedida”; mesmo que possamos escolher entender essas explicações

como uma tentativa de reduzir o “imponderável” da sugestão aos limites conceituais da psicanálise, acreditamos que não podemos deixar de conceder que essa explicação representa algum avanço em relação àquelas que fazem da sugestionabilidade “em si mesma” um princípio fundamental do psiquismo humano.

Esse “avanço”, se podemos chama-lo assim atualmente, quando nos encontramos sob o império dos relativismos, pode ser entendido como uma possibilidade de pensar para além daquilo que se apresentou como uma solução - e uma solução arduamente conquistada - para o impasse da razão confrontada com os mistérios do psiquismo; uma solução, mas também um tamponamento, na medida em que “a sugestão, que explicava tudo, permanecia ela própria sem explicação”. O problema aí, como vimos, não estava tanto na própria noção de sugestão, mas nos pressupostos que a faziam ocupar esse lugar e sobretudo naquilo que esses pressupostos “obscureciam” - para Freud, a possibilidade de introdução do desejo na arena da razão.

Ora, poderíamos recordar que já para Lavoisier a sugestão deriva sua força “das expectativas, ambições e crenças” humanas - ou seja, de algo ligado ao registro do desejo. Então, qual é a novidade ou transformação que se opera aí? Recordemos um pouco mais: Lavoisier enuncia essa explicação da sugestão como parte de um raciocínio que coloca a razão de um lado, e a “imaginação e a sugestionabilidade” de outro; as “expectativas, ambições e crenças” pertencem ao registro da desrazão. Em Lavoisier, a desrazão não pode ser objeto da razão; em Bernheim, ela ganha esse estatuto. Mas os pressupostos permanecem os mesmos. O que Freud efetua é uma introdução do desejo “do lado” da própria razão; são as “razões” do desejo que norteiam a eficácia da razão que se propõe a interroga-lo.

E é essa modificação que está na base de sua crítica da sugestão: portanto, essa crítica não nos instrui apenas sobre a sugestão, mas também sobre aquilo em que o seu uso pode implicar. E aquilo em que ela implica, em última instância, é na manutenção de um determinado tipo de uso da razão na qual o psiquismo é objetificado; uso insustentável para a psicanálise, não por apego a uma moral individualista, nem por qualquer injunção “ética” apriorística, e sim porque tal objetificação vai no sentido contrário ao da eficácia que a psicanálise propõe.

Até aqui, estivemos falando do processo psicanalítico como um processo de interrogação das relações do sujeito com o desejo. Os usos da linguagem forçam-nos a falar assim, como se a ‘interrogação’ estivesse de um lado, e “as relações do sujeito com seu desejo” estivessem de outro. Mas podemos questionar essa divisão, indagando se há outra modalidade de relação do sujeito com o desejo que não seja a da interrogação.

Visto sob esse prisma, o método psicanalítico parece cada vez mais distanciado da cena tradicional da razão científica, na qual há uma delimitação clara e rigorosa entre um sujeito que interroga e um objeto que é interrogado. Se aquilo que seria supostamente o o seu objeto - as relações do sujeito com o desejo - corresponde precisamente àquilo que caberia ao sujeito - a interrogação; então, como classificar esse processo?

O papel desempenhado pelo analista não é o de um observador, aquele que interroga, e o seu “objeto” é precisamente uma interrogação - que, em virtude da cena analítica, é dirigida também ao analista. Segundo Chertók e Stengers, Freud faz do analista um “reagente” no processo, o que não impede a classificação da cena analítica como um “laboratório”, ainda que complique as coisas um pouco. É uma formulação

que parece levar em conta essa inversão operada pelo método psicanalítico nas relações tradicionais entre sujeito e objeto. Só que a formulação de Chertók e Stengers tem o efeito de anular essa inversão - na medida em que eles concedem que o analista "se empresta" à interrogação apenas para poder permanecer no papel de interrogador.

Na verdade, não se trata sequer de uma inversão, mas sim de uma subversão dessas relações. Quem interroga? Podemos dizer que, em última instância, o analisando se apresenta como alguém que é *interrogado* pelo seu desejo. Afinal, é isso que o leva a se colocar em questão: "Estaria tudo muito bem, se não fôsse..." ; se não fôsse por este ou aquele sintoma, se não fôssem tais temores inexplicáveis, se não fôsse tal ou qual acontecimento que se repete em sua vida, se não fôsse esta indecisão que o paralisa - enfim, se não fôssem estas vias tomadas pela relação do sujeito com o desejo, estaria tudo bem e nada levaria o indivíduo a esse impasse que o trouxe ao divã. Agora, há o fato de que o divã está ali, de que há uma cena que se oferece - para quê? Para transformar o impasse em interrogação? Não exatamente; do ponto de vista da psicanálise freudiana, não se trata desse tipo de transformação - operação na qual o analista desempenharia efetivamente o papel de "reagente" - mas talvez de uma restituição: trata-se de restituir o impasse à forma da interrogação.

Retomando a anedota que introduziu o tema deste trabalho, trata-se de procurar o gato preto no quarto escuro onde não há gato preto - e encontra-lo. Como foi dito, podemos entender essa anedota como mais uma forma de afirmar que a psicanálise "não passa de uma sugestão". Mas acredito que a crítica freudiana da sugestão, tal como este trabalho procurou expo-la, deve no mínimo nos acautelar contra essa interpretação. E é possível que essa crítica possa fornecer um outro

sentido para a mesma anedota: a “sugestão”, no sentido em que ela é alvo da crítica freudiana, corresponderia à atitude de acreditar que o gato preto é fruto da “imaginação”, e que portanto ele não pode estar lá, mas nós fingimos que está. Para a psicanálise, há mais uma volta a ser dada: nós fingimos que está porque acreditamos que não pode estar - mas ele está. Seria inútil levar a explicação da anedota mais longe - afinal, o que ela nos ensina é sobretudo que o modo de operação da psicanálise, ou aquilo que fundamenta a sua eficácia, só pode mesmo se exprimir através de um chiste. Não é possível explicar racionalmente uma piada sem que esta perca imediatamente o seu “efeito de verdade”, ou o que chamamos de sua graça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bernheim, H. - *Suggestive Therapeutics* (1887) Associated Booksellers, Conn. , 1957

Borch-Jacobsen, M. - "Les Alibis du Sujet", em *Lacan avec les philosophes*. Bibliothèque du Collège International de Philosophie, Ed. Albin Michel, Paris, 1991.

Chertók, L. e Stengers, I. - *O Coração e a Razão- a hipnose de Lavoisier a Lacan* . Jorge Zahar editora, R.J. 1990 pg. 241

Darnton, R. - *Mesmerism and the end of the Enlightenment in France* . Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1968

Ferenczi, S. *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos* . (Birman, J., org.) Taurus Ed., R.J., 1990.

Freud, S. - *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* . Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1982.

Foucault, M. - *Doença Mental e Psicologia*. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.

Lacan, J. - *Escritos* . ed. Perspectiva , S.P., 1978.

Levin, K. - *Freud's Early Theory of the Neuroses* . University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 1978.

Masson, J. M. (ed.) - *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* . Imago Editora, Rio de Janeiro, 1986.

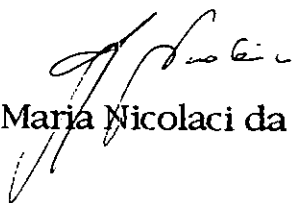
Miller, J-A. - *Percurso de Lacan* . Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987

Roudinesco, E. - *História da Psicanálise na França, Vol I* . ed. Jorge Zahar, R.J., 1989.

Zizek, S. - *The Indivisible Remainder*. Verso, New York, 1996.

Zizek, S. - *Tarrying with the Negative*. Duke University Press, Durham, N.C., 1995.

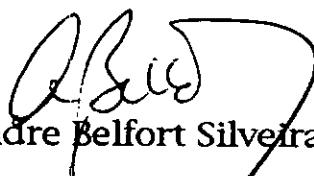
A *CRITICA FREUDIANA DA SUGESTAO*, tese de doutorado da aluna Denise B. Portinari, apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio em 24/04/98 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profa. Ana Maria Nicolaci da Costa (Orientadora)
PUC-Rio



Prof. Octavio Almeida de Souza (Co-Orientador)
PUC-Rio



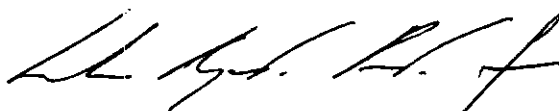
Prof. Alexandre Belfort Silveira Alves da Silva
PUC-Rio



Profa. Ana Carolina Lo Bianco
UFRJ



Profa. Regina Herzog de Oliveira
UFRJ



Prof. Carlos Augusto Peixoto
Instituto Fernandes Figueira/RJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 3/6/ 98



Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do
Centro de Tecnologia e Ciências Humanas